

Adriana Varani  
Cristina Maria Campos  
Elizabetah Rossin  
(Organizadoras)

# A pandemia, o cotidiano e as narrativas do chão da escola:

## Diálogos necessários



Pedro & João  
editores

**A pandemia, o cotidiano e as  
narrativas do chão da escola:  
diálogos necessários**



**Pedro & João**  
editores



**Adriana Varani  
Cristina Maria Campos  
Elizabeth Rossin  
(Organizadoras)**

**A pandemia, o cotidiano e as  
narrativas do chão da escola:  
diálogos necessários**

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Adriana Varani; Cristina Maria Campos; Elizabeth Rossin [Orgs.]**

**A pandemia, o cotidiano e as narrativas do chão da escola: diálogos necessários.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 220 p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-5869-701-5 [Impresso]  
978-65-5869-702-2 [Digital]**

1. Narrativas escolares. 2. Diálogos. 3. Profissionais da educação. 4. Esperançar. I. Título.

CDD – 370

---

**Capa:** Petricor Design

**Fotos da capa:** Patrícia Forchezatto Stevanatto

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2022

## Dedicatória

### A ternura vital

“A ternura vital é sinônimo de cuidado essencial. A ternura é o afeto que devotamos às pessoas e o cuidado que aplicamos às situações existenciais. É um conhecimento que vai além da razão, pois mostra-se como inteligência que intui, vê fundo estabelece comunhão. A ternura é o cuidado sem obsessão: inclui também o trabalho, não como mera produção utilitária, mas como autorrealização da pessoa.” (Leonardo Boff, Fragmento do livro: Saber Cuidar Ética do Humano – compaixão pela terra. Leonardo Boff)

A ternura vital foi a motivação desse livro e de todos os profissionais da educação. Durante a pandemia, recriamos a aula e o encontro com o aluno, a aluna. Ampliamos os laços com a família.

Esse livro é dedicado a todos os profissionais, estudantes (crianças, jovens e adultos) e familiares envolvidos nesse processo de recriar a escola.



## Sumário

Prefácio: Esperançamentos em nossos corações Adriana Alves Fernandes Costa	11
Uma escola em mim Aline Akamine	17
Apresentação: Entre intensificação das incertezas e movimentos de re-existir Adriana Varani Beth Rossin Cristina Maria Campos	19
Você tem fome de quê?	31
Você tem sede de quê?	35
Professora Ana Carolina Gonçalves	
Quanto tempo demora um mês...	39
“Quanto tempo demora um mês”: Entre fatos, pensares Prô Robô (Crishop)	40
De medos, álibis e (contra)palavras: pensando a autoria no contexto pandêmico	49
De revestimentos e deslocamentos: (Re)pensando a autoria em tempos Pandêmicos Mateus Henrique do Amaral	55
Aula de corpo ausente	61
Com outros óculos Adalberto Bento	65

Desafio da educação: onde está a semente da humanização?	69
Calibragem do Olhar Magda Aparecida Teodosio Ribeiro	74
Todo mundo e ninguém... a subversão das crianças	77
As subversões de todo mundo Aline Aparecida Akamine	79
Diálogos: tramas e dramas do humano	83
Quando o (des)humano atravessa o humano: inquietações impenitentes Beth Rossin	87
De mãos dadas, mesmo que virtualmente...	93
Continuamos de mãos dadas...e por isso seguimos... Ana Flávia Valente Teixeira Buscariolo	98
Escola: espaço de viver	103
Retorno incerto Elaine Cristina Panini Messa	106
Como me situo em tempos da crise de saúde do coronavírus	109
O outro em ausência Maria Natalina de Oliveira Farias	112
Trabalho docente em tempos pandêmicos	115
Escola e família - como anda essa relação durante a pandemia? Viviani Domingos Castro	118

Covid-19 e a fragilidade da vida	121
Rastros do trabalho coletivo na pandemia Juliana C. C. Buldrin Baiocchi	125
A máscara faz parte de nós	129
Relação com o outro: experiências que me mobilizam Érika Righi	132
Corpos atravessados por telas	135
Entre desafios e desânimos, uma busca pela experiência significativa Thaís Lemi	138
Narrativas em imagens Patrícia Stevanato	141
A gente aprende muito com o portão fechado “Abra-te-Sésamo! Do fechamento a abertura dos portões escolares durante a pandemia” Marjorie Mari Fanton	143 146
Dúvidas, inquietações, caminhos e descaminhos na pandemia	149
Decifra-me, ou te devoro – ou da educação infantil mediada pela mídia e intermediada pelas mulheres/mães Rosângela Cristina Rodrigues dos Santos	154
Tempos de pandemia e (des)razão: alunos virtuais escola real?	159
Todo amanhã se cria num ontem através de um hoje José Antônio de Oliveira	163

Da pandemia ao pandemônio	179
A Márcia Veio me buscar, vou pra creche	184
Márcia de Oliveira Soares	
O trabalho que sonhei, mas não diante de uma pandemia	191
O trabalho escolar descrito em transformações: oportunidade e pandemia	193
Andrea Evaristo Macedo de Paulo	
ESPERANÇAR	201
Esperança mobilizadora	203
Angelina Vieira da Silva	
Reinventar... na normalidade da exceção	207
Releitura	209
Adriana Varani	
Minibiografias das(os)autoras(es)	213

## Prefácio

### Esperançamentos em nossos corações

Adriana Alves Fernandes Costa

“Abra-te Sésamo para a igualdade social!  
Para a educação pública e de qualidade!”  
Marjorie Mari Fanton

É novembro de 2021. A chuva fina enamora os ventos do entardecer. Na espreita, o sol já nos acolhe, calorosamente. O claro azul do céu se ajeita para descanso. O verão revela sua vivacidade. As folhas aligeiram-se pelas ruas, anunciando boas novas. Sinto o cheiro de um livro novo, com palavras que contam histórias de professores e professoras, de alunos e alunas, de licenciandas, de gestoras, de gentes, de escolas, de educação. São narrativas carregadas de vida que, com zelo, desvelam *coletivamente* a pluralidade de versões das histórias do nosso tempo. Adriana Varani, Cristina Maria Campos e Elizabeth Rossin, corajosamente, não reuniram unicamente escritos, mas pessoas, lampejos, cores, saudades, alegrias, medos, incertezas, pensamentos, livros, conversas, encontros, lutas.

Então é sobre esperarçar a “ser mais” que *continuamos* a falar.

A primeira imagem que vejo do livro é a de corpos que parecem se movimentar entre sombras e cores: sugerem práxis, emancipação, diálogos e esperanças. Quem olha, sente o desejo de estar com. É uma capa-convite que nos conduz a certo estado de exceção porque exercita o direito

que temos à nossa memória. É uma capa-convocação porque articula tempos, nos instiga a intencional o passado em nosso presente e a investigar nosso futuro. É uma capa, meu amigo e minha amiga, que celebra o (Gre)cotidiano para contar o que foi possível fazer/sentir/resistir diante da barbárie, afinal não apenas duelamos com o coronavírus, mas com uma robusta crise política/econômica/educacional/cultural, nos últimos tempos.

Em seus textos, educadores e educadoras do povo se tecem autores e autoras, se fazem múltiplos e habitam o esperar vivido por tantas Anas Carolinas, Prô robôs, Mateus, Adalbertos, Magdas, Alines, Beths, Anas, Elaines, Natalinas, Vivianis, Julianas, Érikas, Thaíses, Patrícias, Marjories, Rosângelas, Josés, Márcias, Andreas, Angelinas e Adrianas. São mulheres e homens que exercitam a escrita de modo subversivo porque dialogam com tantos outros que os compõem, além de construírem uma defesa pela memória coletiva, no âmbito do vivido no campo da educação. São palavras que presentificam, no biênio 2020-2021, a histórica desigualdade que assola o povo brasileiro.

É possível enxergar diálogos entre os textos, produzidos por cada autor e autora. Palavras se movimentaram para dizer o valor da escola pública, da presencialidade do ato educativo. Palavras se movimentaram e arquitetaram esperanças. Palavras, nunca corriqueiras no campo da educação, expuseram relações sequer cogitadas até então: álcool em gel, máscaras, luvas. Ou palavras já mencionadas e já praticadas - nem tanto assim - em nosso meio: trabalho remoto. E palavras-gerentes, mais de 600 mil mortos. E palavras-lutas: pobreza, barbáries, lutos.

É preciso ler esse livro com todo o compromisso que temos com a vida porque os escritos tem lado e posição na história, claramente desenvolvem movimentos exotópicos que lhes/nos possibilitam compreender versões múltiplas do vivido e de si, num processo relacional, acerca do que foi

narrado. Por isso, exercitam o sujeito histórico freireano<sup>1</sup> “por vocação” em contraposição a objetificação “por distorção”, em especial quando educam infâncias, juventudes, vidas adultas e velhices, em especial quando contam suas histórias de resistências e estão fabricando história.

As narrativas contidas em “A pandemia, o cotidiano e as narrativas do chão da escola: diálogos necessários” também falam das relações educativas reconstruídas, essencialmente entre docentes e discentes, mas também do lugar de atuação do gestor ou da gestora, em meio à calamidade vivida em 2020 e em 2021. E para melhor compreender esse processo vivido, tanto pela experiência quanto pela escrita, os professores e professoras exercitam o pensar “com outros óculos”, como disse o professor Adalberto Bento, ou ainda movimentam uma outra “calibragem do olhar” como mencionou Magda Aparecida, para reagir aos feitos dos efeitos dos tempos, da hibridez do trabalho e da vida.

Os escritos dos professores e professoras também nos contam sobre outros significados desenvolvidos, nas relações com o tempo: esse companheiro, de todos nós educadores e educadoras, que sempre nos desvelou “um quando” do aprender e do ensinar, um “quando” tão singular da/nossa profissão. Um mês<sup>2</sup>, debatido no texto da Prô Robô, nos revela “outros quando”, nos remete à inteireza da nossa humanidade, mas também nos aponta para as nossas necessidades essenciais de sobrevivência e de vida, como bem narraram Ana Carolina e Aline. Sim, os tempos de entregas das cestas básicas e das fomes arderam urgências vitais. Sim, os tempos das crises do capital e da nossa desfaçatez social empurraram “Estefânias” para lugares ainda mais sombrios, não é Beth? Sim, um tempo

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

<sup>2</sup> O texto da professora Crishop, a Prô Robô, faz alusão à música “Quanto tempo demora um mês”, música do Grupo POP Rock Nacional, Biquini Cavado, voz de Bruno Gouveia.

outro também se fez dentro de nós, um tempo desconhecido, inquieto, cheio de emoções e sentimentos que nos sacudiu como bumerangues, pêndulos e bolas.

Por outro lado, lições - já aprendidas e/ou em movimento de construção - encarnaram formas educativas de resistências: as palavras de Ana Flavia nos fala de um coletivo capaz de uma certa blindagem, diante da experiência vivida em 2020 e 2021, uma certa proteção que possibilita a inclinação para o ato de aprender com. Afinal, “eu sou na presença do outro!” sabidamente, nos lembra Natalina.

Viviani também nos instiga, nos questiona: como nos reconectaremos de verdade? As “narrativas em imagens”, propostas por Patrícia, parecem dialogar com essa provocação e nos falam de sentir, de um sentir que exige estar e se relacionar, de um sentir potente porque nos implica em esperar presencialidades plurais, abertas, dialógicas.

Assim, conhecemos as contrapalavras de constituição de autoria desse coletivo de autores, assim nos revela Mateus quando debate, fundamentalmente, a formação de gentes, um ato de “sulear” nossas táticas de fazer educação. E um conjunto de aconselhamentos presentes nos escritos, tão benjaminianos, parece dialogar, entre fragmentos e ideias:

...“A escola é espaço de viver”, diz Elaine...

...“As dores vividas no tempo de pandemia nos mobilizam olhar para nós e para o outro num exercício contínuo de alteridade e empatia em que não se dissocia vida de educação, formação de humanidade.”, reflete Juliana...

...“Através de minha experiência compartilhada, e na oportunidade de ler/ compartilhar das experiências de meus colegas, meus alunos também são afetados”, testemunha Érika...

... “Será que essa pandemia foi capaz de nos fazer notar essa força, sua capacidade homogeneizadora e, ao mesmo tempo, possibilitadora da transgressão?”, pergunta Rosângela...

...“Já gritei, já chorei, já disse que ía largar tudo, pedir demissão, abandonar o mestrado e viver no mato. Amassei a panela de tanto bater. Depois desisti de desistir, gosto da vida que conquistei. Não vai ser um vírus que nem consigo ver, que vai me tirar a vontade de esperar. E viva Freire!”, anuncia Márcia...

... “Ao falar de práticas pedagógicas, enquanto forma de resistir aos processos desumanizantes do homem, impossível não deixar de lembrar o fato de sermos professores de escola pública”, alerta José Antônio...

...“ Também quero trazer para a roda que as formas de reinvenção foram diversas, professoras e professores à revelia das políticas produziram formas diversas de encontro com as crianças e criaram, produziram, estudaram para potencializar o acesso possível às crianças, jovens e adolescentes. Há um compromisso que vai se pautando, vai sendo presente, como forma de re-existir da classe trabalhadora da educação”, considera Adriana...

...“ Busco questionar e compreender, e compreender e questionar dentro dessa relação alteritária de sujeitos”, afirma Thaís...

E, diante das sábias palavras de Andrea sobre o “trabalho que sonhei, mas não diante de uma pandemia”, o penúltimo texto, escrito por Angelina, tem como título “Esperançar”. É um esperançar que nos aconselha a pensar/agir/olhar o futuro, não para voltar à tal antiga e suposta normalidade que vivíamos, pois se assim for nada teremos aprendido, como nos alerta Krenak (2020)<sup>3</sup>, mas para refletir, radicalmente, sobre a experiência de habitar o planeta em forma de um grande coletivo: capaz de não saquear natureza, um mundo conduzido pelo princípio da igualdade e do respeito à vida. Por isso, como humanidade, teremos que fazer uma releitura do que somos, por

---

<sup>3</sup> KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

consequente: como desejaremos construir existências? como extinguiremos a grave evasão acentuada pela desigualdade socioeducacional produzida na pandemia? e como valorizaremos nossos professores e professoras? assim nos impele Adriana, findando as derradeiras palavras escritas das páginas do livro.

“A pandemia, o cotidiano e as narrativas do chão da escola: diálogos necessários” é um presente para todos e todas nós. Não é unicamente um ato de coragem de pessoas que escreveram narrativas e metanarrativas, quando o mundo temia um vírus, é a defesa de um tempo outro, o tempo-vida: um esperar por meio das artes de contar histórias. Felicitemos cada autor e autora e felicitemos as organizadoras que viveram/pensaram/sentiram/narraram (não necessariamente nessa ordem) e, agora, publicam o que lhes foram e lhes são tão caros. Os esperançamentos presentes em seus - e agora nossos - corações. Muito obrigada.

Hortolândia, novembro de 2021.

*Quando as canções das maritacas urgem  
mais e mais esperanças.*

## Uma escola em mim

Aline Akamine

Era uma vez uma escola,  
mas não como as escolas que conhecemos.  
Essa é outra.  
Não é nova, mas é diferente.  
Tem vezes que é difícil de achar,  
nem o GPS dá jeito.  
Tem quem vá para cá, para lá e nada de encontrá-la.  
Tem quem passa na frente e não a vê.  
Mas também tem quem a encontre fácil, num clique.  
E se você a achar já saiba: no portão pedem uma senha.  
Tudo tem que memorizar, e guardar bem guardadinho.  
Tem quem entre nessa escola e se sinta sozinho.  
não encontra os amigos e nem os professores.  
É um tal de chat, meet, palavras tão esquisitas...  
Demora um tanto para achar as pessoas,  
todas em quadradinhos.  
É bom ver gente, então quando acontece um encontro  
todos abrem o som.  
Nessa escola não dá para ouvir todo mundo,  
tem que ser um de cada vez,  
ou um apito doído soa nos ouvidos.  
A comida da escola tem gosto da comida de casa.  
Minha carteira fica no lugar que eu sempre sento.  
E o pátio é ali fora.  
A parte azul no meio do texto é de clicar,  
mas já no X é bom evitar.  
Quando abre uma janela, abre-se realmente uma nova  
paisagem,  
por onde se pode viajar.  
Quando acaba a tela escurece.  
E quando vou embora, continuo aqui,  
Na escola dentro de mim.

06 de maio de 2021



## **Apresentação**

### **Entre intensificação das incertezas e movimentos de re-existir**

Adriana Varani

Beth Rossin

Cristina Maria Campos

As dimensões materiais e objetivas da realidade nos permitem constatar que a humanidade corre sérios riscos de destruição, a qual afeta em igual medida os seres sociais e a natureza numa escalada de extermínio sem precedentes da história humana.

Ailton Krenak (KRENAK, 2020), indígena do povo Krenak, nos lembra que nossa atuação sobre o mundo e nossa relação com ele, numa atitude utilitarista e predatória nos leva à auto-destruição. Ele nos lembra que

quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles o seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. (...) uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo. (KRENAK, 2020, p. 24).

Quando ouvimos seu discurso, nos atentamos para o que o capital faz com nossas relações no e com o mundo e as dimensões envolvidas, dentre elas a exacerbação do consumo em nome do poder. Na quadra histórica em que

escrevemos essa apresentação, o Brasil registra em torno de 600.000 (seiscentas mil) mortes por Covid-19, estado pandêmico que agravou ainda mais as condições de vida das pessoas que vivem e sobrevivem do trabalho. Aqui, nos referimos ao contexto brasileiro, no entanto, essa situação se aplica inequivocamente, aos demais países do mundo.

Voltando às escutas que fizemos de Krenak, em uma “live” em 2020, ele nos lembra que esta pandemia e as suas consequências nos mostrou que nosso maior inimigo não é o vírus, mas o próprio homem, que com sua gana de poder, nos prende às condições materiais desumanas. Parece que o vírus que surge como praga que veio para destruir o mundo, não é necessariamente a grande praga. A praga é o que vivemos de desigualdades, praga é nossa não sustentabilidade no mundo.

O capital no seu curso desenfreado de acumulação da riqueza socialmente produzida e expansão do valor, obteve cenário fecundo na pandemia com a ampliação dos lucros advindos dos setores, industrial, tecnologia digital e saúde. Esses bilionários viram sua riqueza saltarem em torno de 50%. Segundo a Oxfam os 25 bilionários mais ricos do mundo registraram um aumento no patrimônio estimado em U\$255 bilhões.

No Brasil, a regra segue firme com 42 bilionários que passaram de R\$ 629 bilhões para R\$839 bilhões. Cabe, incansavelmente, dar ênfase que essa acumulação de riqueza ocorreu no período nefasto da pandemia, em que o conjunto da classe trabalhadora tem “pago essa conta” com suas próprias vidas, comprovando sem equívocos, a relação historicamente parasitária do capitalista com o trabalhador, na ineliminável luta de classes<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os dados mencionados da acumulação de riqueza no mundo, América Latina, Caribe e Brasil, estão disponíveis em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/09/10/super-ricos-e-grandes-empresas-continua-ram-acumulando-dinheiro-durante-cri-se-sanitaria-diz-oxfam.ghtml>;

Inextricavelmente ligado a este contexto político econômico, há um cenário político educacional de incertezas dos últimos anos através de ações como a PEC/95 de 2016, também denominada PEC do Teto ou PEC da Morte, que congelou gastos sociais por 20 anos atingindo frontalmente a educação pública para o seu desmonte, conectado a um projeto governamental de extinção de todos os serviços públicos. Ademais, comparecem as pautas ideológicas como a implantação de escolas cívico-militares, a proposta de Escolas Sem Partido, quando necessitávamos de maior investimento em educação e promoção de autonomia e qualidade socialmente referenciada.

A pandemia contribuiu para o processo de intensificação das incertezas no campo educacional. Incertezas que são também incertezas econômicas que atingem sobremaneira o cotidiano escolar. Como lidar com o *tempoespaço*<sup>2</sup> do aprender à distância, remotamente, quando há um hiato econômico em nosso país, em que as crianças necessitam do básico para aprender em casa. Uma grande parte das crianças que frequentam as escolas públicas, em tempos de pandemia, precisaram compartilhar espaços para comer, dormir, trabalhar e também estudar, com um acesso à tecnologia praticamente inexistente. Intensificar as incertezas existentes inclui também a ausência de aprendizagens neste tempo com a ausência de condições mínimas de aprendizagem.

Nessa esteira de análise que se reivindica radical para explicar, problematizar a origem, a natureza e a função social

---

<https://brasil.elpais.com/economia/2021-05-29/numero-de-bilionarios-latino-americanos-aumenta-40-durante-a-pandemia-de-coronavirus.html>;  
<https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/o-virus-da-desigualdade/>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

<sup>2</sup> Marcamos alguns termos em junção para indicar sua indissociabilidade, sua complementaridade. Indicamos desta forma para dar a ver a impossibilidade de discuti-los separadamente no contexto educacional.

da educação, o Grecotidiano- Grupo de Estudos do Cotidiano Escolar – constituído por professores(as) e especialistas<sup>3</sup> da educação básica instigados por este movimento do real, se pôs a dialogar acerca das múltiplas determinações sociais, políticas, que passaram a atravessar o cotidiano da escola e da vida social, ou seja, as novas requisições profissionais e institucionais para um tempo escolar outro, aquele em que se impunha o afastamento presencial.

Vale nossa apresentação neste momento. Fazemos parte de um Grupo que surge da necessidade de aproximação da universidade e escolas na configuração de um espaço de diálogo formativo para estudar questões oriundas da organização do trabalho pedagógico escolar na relação com a formação humana integral, bem como pensar propostas outras de organização dos *temposespaços* escolares que potencializem uma formação mais humanizadora. Realizamos estes estudos de forma que as experiências do cotidiano escolar vão sendo ditas, narradas, problematizadas, dialogadas de tal forma que entramos na dimensão vivida das realidades contadas, vamos enredando versões locais da escola em sua positividade (EZEPELETA; ROCKWEL, 1989). Resistimos e re-existimos no encontro com o outro, com os olhares e experiências que, embora possam parecer particulares, por se tratar de uma determinada realidade, rompe com essa dimensão tornando-se uma vivência coletiva, reelaborada pelas contribuições partilhadas em grupo. Nesse movimento do real ressignificamos nossos saberes e fazeres de professoras e professores com a escuta sensível da vida produzida para além da escola.

E foi com este espírito que vivemos a pandemia no grupo. Vimos a intensificação de um cotidiano escolar engendrado na sociabilidade humana, a partir da qual vivenciamos as mais

---

<sup>3</sup> Orientadoras pedagógicas, supervisoras, vice-diretores.

drásticas expressões da questão social, intrínseca ao modo de produção capitalista, materializada na desigualdade social, miséria, fome, violência, dentre outros constrangimentos à vida humana, provocados pela natureza do capital.

Como nos lembra Paulo Freire somos seres de ação, de esperança e como tal vamos nos posicionando no mundo. Em nosso grupo, ao lado das dificuldades advindas deste tempo, fomos promovendo também formas de re-existir, de *ser/estar* na escola, com as crianças mesmo remotamente, forma de encontrá-las e não deixá-las ainda mais à margem. Fomos também percebendo que há uma escola como espaço físico que nos faz falta, assim também como faz falta uma escola como espaço simbólico.

Temos um compromisso com as crianças, adolescentes, jovens e adultos atendidos pela educação básica. E também temos um compromisso entre nós, com o nosso processo (auto)formativo no sentido de criar formas de se reinventar nestes tempos. Infindáveis perguntas, desassossegos, inquietações tomaram assento em nosso espaço de diálogo possível no início da pandemia, via conversas de whatasapp. Este diálogo era repleto de narrativas que traziam novos dilemas para velhos problemas, como a desigualdade digital afetando os alunos sobreviventes da desigualdade social. Novas terminologias invadiram nossa linguagem, aulas online, plataformas, aplicativos, salas de meet, dentre outras carregadas do idioma inglês.

Todas as dimensões das nossas singularidades foram afetadas, trabalho remoto, teletrabalho, home office, sob denominações diversificadas, mas que invariavelmente expressa com maior agravo a intensificação do trabalho. É o tempo livre da vida privada sequestrado, em que a sala de jantar se transformou na sala de aula, de preparação das atividades e sem pausa no relógio que marca o tempo.

Tomadas por inquietações que circulavam em contatos de redes sociais, retomamos nossos encontros, agora de forma

remota síncrona em maio de 2020. Transversalizando nossas conversas, estudos e reflexões nos encontros, sobressaía, sempre, o diálogo sobre nossas formas de estar e viver este tempo pandêmico na escola do distanciamento social.

Passamos a escrever narrativas das experiências vividas na pandemia. As escritas de narrativas sobre a pandemia eram socializadas e provocavam o grupo em relação a diferentes temas, que passaram a ser debatidos e ressignificados. A potência da narrativa é esta: provocar as histórias e as miudezas que mobilizam e nos deslocam na escuta das tantas histórias que circulam. E as histórias foram circulando. Nosso grupo passou a ser espaço de acolhida destas discussões e de fortalecimento das iniciativas, de escuta e diálogo sobre as angústias. Temas diversos foram surgindo: a situação de vulnerabilidade das famílias intensificada neste momento e o papel da escola; a inquietação sobre como manter princípios com as quais as professoras vinham trabalhando presencialmente, no modo remoto; sobre como a pandemia potencializou uma outra forma de ser e viver a escola; o olhar para uma criança que estava em contexto de aprendizagem na casa; o dilema de qual trabalho produzir sem prejuízo e sem exclusão dos que não conseguiam acesso à tecnologia digital; as novas aprendizagens que as circunstâncias impuseram às professoras.

A programação do Grecotidiano no segundo semestre/2020, se ocupou em estudar alguns textos bakhtinianos com as mediações do Professor Wanderley Geraldi e que pela sua conexão com o miúdo da realidade se revelou potente na práxis de ser professor(a). Uma escola virtual com estudantes presentes, mas ausentes nas interações com o outro e sua inexorável necessidade de convivência humana se tornaram centralidade nas palavras ancoradas em Bakhtin:

[...] Espreitar a sua imagem em ausência. A ingenuidade da confluência de si mesmo e do outro, na imagem do espelho.

Excedência do outro [...]dos meus olhos olham os olhos alheios [...] o homem é circundado pelo mundo, pelo seu quarto, pelo seu apartamento, pela natureza, pela paisagem: vive no interior do mundo e, nesse, age. (BAKHTIN, 2019, p. 51)

É dessa perspectiva fundante em que a relação com o outro nos constitui o sujeito que somos no intrincado processo da formação humana, que muitas narrativas brotaram fincadas no chão da escola sem escola, da presença dos estudantes ausentes, dos professores presentes sem o outro. Agarrar as categorias concretas para atender as novas demandas da escola, eivadas pelas antigas e não superadas problemáticas que acometem a educação na sociedade do capital, torna-se imprescindível nas análises que requerem rigor científico, ético e político. E nas letras de Freire, concordamos que:

se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 1987, p.30).

Desse modo, a diversidade das narrativas dialogava com o concreto pensado, o vivido da realidade que nos impõe conhecê-la na sua totalidade com as contradições do processo histórico, sempre possível e passível de mudanças com transformações imediatas ou aquelas mais profundas, as quais devem superar pela raiz as condições que geram a miséria humana, nas suas dimensões materiais e espirituais.

No primeiro semestre de 2021 duas ideias rondaram nosso grupo. A primeira era realizar estudos que fundamentam o

olhar do Grecotidiano, a saber, sobre os conceitos de cotidiano em Agnes Heller e Michel de Certeau, inclusive para ampliar a compreensão para o que vivíamos na micro estrutura escolar que agora se fazia remotamente.

A segunda era uma proposta que já havia pairado no grupo no final de 2020: “e se publicássemos nossas narrativas?” A condicional “se” era um convite!!! Fomos amadurecendo a ideia. Havia algo que nos mobilizava para a feitura do livro: era o fato de estar há um ano em trabalho remoto e em abundante troca de mensagens sobre o que vivíamos. Cada escrita narrativa/poética/reflexiva postada no grupo provocavam muitas contrapalavras. Escritas que eram também levadas para nossos encontros de estudo e cotejadas com os estudos realizados.

A proposta de publicar as narrativas se estendeu... das primeiras escritas para outras escritas cotejadas pelos encontros, pelos dizeres alheios, pelos dizeres dos estudos realizados. Palavras que circulavam e que reverberavam em nós de tal forma que nos levavam a outras reflexões! E assim nasceu a proposta de elaborar uma segunda escrita, o que chamamos inicialmente de metanarrativa, uma narrativa que vai além. E chamamos assim, pois se constituía numa escrita de volta para o texto inicial e nos deslocar, olhar com os olhos alheios que nos proporcionaram diálogos outros. Inicialmente encontramos na proposta de metanarrativas bakhtinianas (SERODIO *et al.*, 2015), elementos que nos conduziam a orientar esta segunda narrativa, que dizia respeito a olhar para a nossa experiência registrada em narrativa e compreendê-la a partir da relação dialógica com os muitos outros, produzia-se um conhecimento não indiferente (p. 150), à medida que se produz um excedente de visão sobre o vivido. A despeito de não trabalhar com o referencial bakhtiniano, achamos interessante a ideia que escrever no cotejamento com os outros, poderia nos deslocar, provocar um excedente de visão. E assim também ampliar nossa discussão, trazer novos

elementos para o diálogo, para contribuir com o início de uma rigorosidade reflexiva.

Lançamos a proposta e o resultado está materializado em dois conjuntos de escritas, que foram produzidas em costura. As escritas iniciais produzidas, em sua maioria, no ano de 2020 ou quando da proposta da publicação, em 2021. Este conjunto foi agrupado e as professoras foram convidadas a lerem as escritas entre si, cada colega lia a de outro e falariam para/sobre/com o texto. Vale ressaltar também que as primeiras narrativas haviam circulado no grupo de whatsapp ou nos encontros síncronos e muitas contrapalavras já haviam sido produzidas. O segundo conjunto ocorreu na extensão, em que foram produzidas a partir da leitura da primeira no cotejamento com os diálogos estabelecidos, conforme prevíamos no exercício proposto em que anunciávamos de forma sintetizada que a proposta era

tomar novamente a leitura da escrita, agora com as atuais interpelações dos autores e dos leitores para a escrita de uma nova (meta)narrativa. Essas escritas e leituras estarão mediadas pelos estudos que vimos realizando no Grecotidiano. A proposta é fazer outra narrativa ou o que estamos chamando de metanarrativa que explore e reflita sobre o que você escreveu na primeira narrativa. Como você olha para a primeira narrativa? Como você vê sua primeira escrita/experiência registrada após o tempo que passou (especialmente para aqueles que disponibilizaram narrativas escritas no ano passado)? Como ela dialoga com os estudos realizados, com os diálogos estabelecidos ao longo deste tempo pandêmico? Como ela dialoga com os comentários e trocas feitas entre os colegas? Neste sentido a proposta não é reescrever a narrativa, que é datada, escrita em determinado cenário e nos indicia elementos importante deste contexto. (mensagem enviada por whatsapp)

Nesse fio condutor as (meta) narrativas tomaram seus contornos mediados pelas tessituras de cada linha materializada em palavras para (des)velar o não-dito de um

novo indissociável de um ainda velho modo de (sobre)viver com humanidade. Assim, o encontro na escrita sentida e vivida dessas (meta)narrativas constituíram este livro, em que:

- ✓ As metáforas se aliaram para expressar a fome, a sede por aprendizados.

- ✓ O tempo vivido e cantado no encontro do afeto carrega a leveza da infância de sabores, sons com memórias.

- ✓ As (contra) palavras se cruzaram com seu caráter autoral.

- ✓ Os corpos se ausentaram, mas outras lentes se presentificaram.

- ✓ A educação semeia atos humanizantes.

- ✓ As crianças subvertem o mundo para a subversão de todos.

- ✓ O humano se (des)humaniza ao mesmo passo que se humaniza na trama contumaz da vida.

- ✓ A escola, cúmplice das mãos que se unem, sem se tocarem.

- ✓ A vida é também vivida na escola, embora seu retorno ainda careça de incertezas.

- ✓ O outro ausente na presença da crise sanitária.

- ✓ A pandemia instiga a docência: portões fechados, razão sem razão, é preciso decifrar o que eu vivo.

- ✓ A vida mostra suas fragilidades expressa nos corpos e na arte coletiva.

- ✓ Os sonhos estão nas utopias que nos move em direção as lutas necessárias para a escola na vida.

Esse enfeixe de escritas narradas e metanarradas é o que desejamos entregar à vocês leitores, na perspectiva de compartilhar as teias da vida imbricada na escola e da educação indissociável do que é viver nessa humanidade.

Primavera de 2021.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **O Homem no Espelho. Apontamentos de 1940.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante.** São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo, Companhia das Letras. 2020

PRADO, G. V. T.; SERODIO, L. A. **Metodologia Narrativa de Pesquisa em Educação: uma perspectiva bakhtiniana.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.



## Você tem fome de quê?

Professora Ana Carolina Gonçalves

13 de maio de 1958.

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

Continua chovendo. Eu tenho só feijão e sal. **A chuva está forte. Mesmo assim mandei os meninos para a escola.** Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros.

Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. Eu tenho tanta dó dos meus filhos. Quando eles veem as coisas de comer eles bradam: Viva a mamãe. A manifestação me agrada. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura pra Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço.

Carolina.

Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A minha filha Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a dona Alice. Ela me deu a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual, a fome! (MARIA DE JESUS, 2017, p. 29-30, grifo nosso).

Estamos na escola – laboratório de artes. No lugar de guache, canetinhas e papéis, as mesas estão repletas de alimentos. No chão temos kits de higiene. Não tem nenhuma criança aqui. O silêncio nos traz a sensação de paz..., mas que paz? Escola não é lugar de silêncio, penso eu. Escola é lugar de vida, de descobertas, de conhecimento, de inquietação, de gente.

- Bom dia, podem entrar! Tudo bem? Qual é o nome da criança?

- São três!

- E vocês moram em quantas pessoas lá na casa de vocês?

-A gente mora em 10!

Entrego as cestas básicas. Achamos que elas devem levar 3. São três mulheres e logo penso: Não vão conseguir levar!

- Vocês vieram como?

- De carona. O motorista do ônibus nos trouxe.

- E como vão voltar?

- A gente se vira. A gente sempre se vira. Precisamos levar as cestas!

Nos entreolhamos. Ali, bem na nossa frente, estavam nossas professoras naquele momento. A lição do dia era: como sobreviver durante o isolamento social, diante a uma pandemia e... como sobreviver sempre. Sobre seguir em frente naquele espaço e tempo, dentro do cotidiano da vida.

Escola é lugar de gente, penso eu.

- Onde vocês moram?

- Lá no começo. É longe, professora!

- Eu vou levar vocês!

Pegamos as cestas e vamos para o carro. No caminho sinto um constrangimento e ao mesmo tempo uma gratidão imensa naquelas mulheres. Vamos falando sobre a vida. Afinal, escola é lugar de vida.

Chegamos ao destino. Era realmente longe.

De lá de dentro vem uma criança gritando:

- Olha, a prô veio me visitar!

Ela não se conteve. Saiu correndo e grudou na minha perna. Não pensei no vírus por quase 3 segundos.... Parecia uma eternidade. Me afastei. Lembrei que não podíamos nos abraçar. Ela aceitou, mas não gostou muito de lembrar que não dava pra abraçar a professora.

Perguntei se ela estava bem, se sentia saudades da escola. Ela disse que sim. Sente saudades de brincar com os amigos, das professoras e da comida. Eu me emocionei... Afinal, escola é lugar de inquietação. Pensei na minha eterna referência de vida, a escritora Carolina de Jesus, quando disse que mesmo com a chuva forte mandou os filhos pra escola. Compreendi, ainda mais claramente, que a escola ali não era só lugar de conhecimento, era o refúgio dos filhos de Carolina... e dela.

Me despedi. Pedi que ela lembrasse de lavar as mãos e de cuidar das pessoas que amava. A irmã dela veio me ver também. Ela perguntou se na cesta tinha bolacha.

Voltei pra escola, durante o caminho todo a cabeça não parou de pensar... Aprendi tanto nesse dia, que nem sei como vou fazer pra incluir isso no meu curriculum. Afinal, escola é lugar de aprendizagem.

Nesse dia, em momento algum eu pensei em atividades. Achei que isso fosse contraditório..., mas e o Currículo? E as diretrizes? E a plataforma? E as atividades?... Entendi ali, na escola, que a vida estava ensinando.

E assim, eu compartilho com vocês uma pequena parte da minha vivência na Rede de Proteção da EMEFEI Padre Francisco Silva, do que tem sido a minha RE(formação) enquanto professora e, obviamente, enquanto ser humano.

28/04/2020.

## Referências

MARIA DE JESUS, Carolina. **Quarto de Despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática, 2017.

## Você tem sede de quê?

Professora Ana Carolina Gonçalves

“...Depois percebi que já sabia ler. Que bom! Senti um grande contentamento interior. Lia os nomes das lojas! “Casa Brasileira, de Armond Goulart.” Não é só esta loja que é uma casa brasileira. Mas as casas, as árvores, os homens que aqui nascem, tudo pertence ao Brasil.

**Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão.** Se desajustarem-se na vida, poderão reajustar-se. Li: “Farmácia Modelo.” Fui correndo para casa.

Entrei como os raios solares.

Mamãe assustou-se. Interrogou-me:

- O que é isto? Está ficando louca?

- Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

(MARIA DE JESUS, Carolina - Diário de uma Bitita, p. 126, grifo nosso.

O laboratório de artes não existe mais, em seu lugar há uma sala de aula. Isso pode parecer um retrocesso, porém uma análise mais aprofundada precisaria ser feita. A escola passou por uma grande reforma durante a pandemia. Por vezes, pensar em mudanças nos tira de um lugar de segurança que não gostaríamos de sair. A menina Maria Carolina de Jesus resistiu para aprender a ler. Ela conta que foi preciso muita insistência e uma boa dose de perspicácia de sua professora, dona Lonita, para que ela enxergasse a importância da leitura e da escrita em sua vida. A partir daquele momento, quando a magia da leitura se abriu para Carolina, ela mudou! Passou a ter sede. Sede de mais

conhecimento, de mais descobertas, de outras formas de interpretar o mundo...

Quando descobrimos que o mundo teria que parar por conta de um vírus, achamos que a fome seria o principal problema do nosso país. E foi! Por conta dela, esquecemos um pouco da sede. Mas, sede de quê?

No dicionário, podemos encontrar duas definições para a palavra sede: a literal, que nos remete à sede do corpo, biológica. E a segunda, que nos leva a um desejo vivo, ardente, imoderado. Vamos falar sobre essa segunda. Ela não faz parte do currículo escolar e, penso eu, diferente da sede biológica, necessita ser instigada. É preciso despertar o desejo vivo que o conhecimento pode nos proporcionar, nos ascender e fazer brilhar como os raios solares, assim como brilhou a menina Carolina de Jesus.

Mais de ano se passou. Algumas crianças já estão de volta à escola. Aos poucos a vida volta a pulsar. O silêncio dá lugar às vozes. Em minha frente tenho uma senhora, mãe de dois alunos. A convidei para uma conversa, depois de uma reunião para orientação às famílias sobre o tal ensino remoto. Durante a reunião ela repetiu, por diversas vezes, que não tinha estudo. Não conseguiria ajudar os filhos porque não entendia nada daquilo. Não tinha estudo. Além disso, saía cedo para trabalhar na casa de uma família, pois precisava sustentar os filhos... Já que não tinha estudo. Mas, dizia ela, sempre insistia com os filhos que a escola era importante. Ficou feliz quando soube que as aulas presenciais voltariam. Os filhos poderiam ir para escola. Eles precisam estudar para conseguirem uma vida melhor que aquela que ela podia oferecer a eles, porque afinal, ela não tinha estudo.

Durante nossa conversa, questionei o porquê de não ter estudado e ela me respondeu, um tanto constrangida, que não havia aproveitado a oportunidade que teve. Na época que podia, não queria frequentar a escola porque achava que fosse mais difícil aprender do que aproveitar a vida.

Depois teve que começar a trabalhar e aí ficou realmente difícil. Fiquei imaginando de onde viria a certeza da dificuldade... Incentivo a voltar a estudar.

Lembro de outra conversa, que tive com um aluno do 5º ano. Ele disse que estava muito feliz por estar na escola pois queria estudar muito para dar uma vida melhor para a mãe. “- Eu vou para a faculdade”, disse ele, com uma certeza na fala, que me levou a acreditar em seu desejo de menino. Esse já tem sede! E vê na escola o poder para transformar a sua realidade que, talvez, tenhamos esquecido durante a fome.

Volto a pensar no currículo. Entendo que o currículo escolar esteja baseado em uma construção de poder, de hierarquia que, na maioria das vezes, não fazem sentido dentro das vivências das crianças. Mas, e se nós conseguíssemos revolucionar a educação e oferecêssemos aos nossos alunos a possibilidade de lerem o mundo por meio de suas experiências, com o olhar crítico de quem sabe ler e interpretar a vida? E se, dentro da escola, levássemos em consideração todas essas histórias que a gente ouve, ao invés de ignora-las e guarda-las em caixinhas, para que o currículo não seja confrontado? E se nós, educadores, realmente acreditássemos que a educação pode transformar a vida dessas crianças? E se a gente pudesse ao menos amenizar a sede que há em nosso país?

Retorno meu olhar para a Carolina que compreendeu, depois de uma leitura, que não poderia mais ser escravizada, afinal uma pessoa “culta” não aceitaria tal condição:

...Analisai o livro. Compreendi que naquela época os escravizados eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não aceitam o jugo da escravidão.

Era uma época de tête-à-tête porque uma pessoa culta prevê as consequências dos seus atos. (MARIA DE JESUS, - *Diário de uma Bitita*, p. 126 e 127, grifo nosso)

Alguns questionamentos me tomam e preciso pausar a escrita.

Carolina frequentou a escola por 2 anos. Foram apenas 2 anos. E, mesmo assim, ela conta em seus livros, que escrever e ler era o que a salvava da fome e dos dias ruins. Era o conhecimento que lhe matava a sede enquanto pensava em alguma forma de matar a fome.

Retomo a escrita. Confirmando meu desejo de mudança. Preciso da certeza de que aquela senhora verá os filhos com novas perspectivas. Que o aluno do 5º ano conseguirá dar uma vida melhor para a mãe. Que as crianças vejam sentido nos aprendizados e que a escola seja mediadora dessa revolução. Afinal, reflito, não seria essa a tão sonhada educação libertadora, que o mestre Paulo Freire nos deixou de legado? Aquela em que o ser humano transforma a sua realidade para subverter a ordem?

Que a leitura e a escrita sejam carregadas de significados e que transformem a dura realidade de quem tem fome... e sede!

Minha mãe sempre valorizou a Educação. Não deixava a gente faltar à aula. Nem deixava de comparecer à reunião dos pais. Pegava no nosso pé para a gente estudar. Quando chovia e o Tietê inundava, levava a gente a nado, nas costas (**Vera Eunice**, filha de Carolina, em entrevista à revista nova escola).

<https://novaescola.org.br/conteudo/19849/o-impacto-de-carolina-maria-de-jesus-na-literatura>

E assim, eu compartilho com vocês uma pequena parte da minha vivência na EMEFEI Padre Francisco Silva, que tem sido carregada de novos sonhos. Essa RE(Existência) enquanto professora e, obviamente, enquanto ser humano.

22 de agosto de 2021.

## Quanto tempo demora um mês...

Pro Robô

Nome de uma música do grupo de Pop Rock nacional, “Biquini Cavado”.

Em 2011, me afastei da sala de aula, estava na escola como vice diretora, minha turma era do 2º ano, afastada da sala, mas na escola, a gente se via todos os dias e um dia após tantas cobranças a diretora falou:

- Gente é só um mês, logo ela volta.

E as perguntas vinham:

- Robô, quando chega um mês? – Robô, já passou um mês?

Um dia lembrei dessa música e resolvi me encontrar com eles, 15 minutos antes da entrada e tocar a música e falar sobre a passagem de um mês.

Foi emocionante e lindo, cada dia uma descoberta sobre acontecimentos do mês, pequenos detalhes que até eu não me permitia, sendo um Robô adulto.

A gente cantava sempre, e algumas vezes quando nos encontrávamos no corredor, ouvia trechos dela e outros criados por eles.

Finalmente o mês passou e essa virou a nossa canção. Tudo o que a gente fazia tinha a ver com 1 mês.

Ontem estava assistindo TV, pensando nessa vida pós-coronavírus, de repente aparece um rostinho no celular e uma adolescente, hoje com 16 anos, mas com cara de criança me pergunta:

Robô quanto tempo demora 1 mês?

12 de maio de 2020, outono

## **“Quanto tempo demora um mês”: Entre fatos, pensares**

Prô Robô (Crishop)

*Isto contei em 2011:*

Por conta do ingresso no Doutorado, me afastei da sala de aula e aceitei o convite para ser Coordenadora da EJA e depois Vice Diretora, lugares onde permaneci por 3 meses: as vozes da sala me chamavam todo o tempo.

Começo de ano, 2º ano, 26 crianças que queriam conhecer a Robô, fiquei uma semana e saí com a promessa de que logo voltaria. Todos os dias, eles perguntavam para a diretora se o “logo” havia chegado. Um dia ela, cansada das perguntas, respondeu que em um mês eu voltaria.

O que foi pior porque então começaram a perguntar se já chegou um mês. Um dia ouvi, um menino perguntando isso para ela e combinei com ele que no dia seguinte iria até a sala explicar o que era esse ‘um mês’.

No dia seguinte com um CD na mão, de nome Perfil, fui para a escola e entrei com a turma 15 minutos antes. Toquei a música título dessa narrativa, cantei, dancei com eles e marcamos o que seria um mês.

Voltei dois meses depois e como eles haviam aprendido a música, resolvemos retomar a letra e destrinchar cada um dos versos: o trabalho para ganhar o salário? Embrião pra virar feto? E outros destaques referentes ao tempo. Aprenderam a contar o tempo através da música e nosso tempo resumiu-se em um mês. Aprendi a negociar:

---

<sup>1</sup> Nome de uma música do Grupo POP Rock Nacional, Biquini Cavaddão, voz de Bruno Gouveia.

precisamos de dois meses de salário, a lua tem que ir e voltar pro mesmo lugar 3 vezes. Assim chegou o final de ano e lá se foram eles para 3º ano. Eu fui removida da escola e, com o tempo, fomos nos adicionando no Facebook, Instagram, E-mail, sempre usados para uma saudação rápida, uma lembrança ou contação dos momentos novos.

*Isto aconteceu em 2020*

Já aposentada, em setembro estava eu vendo TV, pensava na pandemia e nas dificuldades de ser professora/aluna nessa escola, já tão desqualificada e, agora, ainda mais fragilizada: escola sem gente dentro é esqueleto material, sem carne, sem sangue e sem alma. Escola desabitada.

De repente, o telefone chama. E por estes milagres da tecnologia, reconheço o rostinho já crescido e mais cheio de uma das crianças daquela turma já tão longe:

- Prof Robô quanto tempo demora um mês?

Me relatou as dificuldades de ser aluna na pandemia, das saudades dos amigos, da falta de internet e acesso, dos encontros não acontecidos com os professores, por conta de sucessivas quedas de rede, de ambos os lados.

Mas, sobretudo, disse da falta de sentar no pátio, jogar bola, rir de qualquer besteira, preparar colas mesmo que não as use. Brigar com professor ao vivo e a cores, da sujeira dos banheiros, da bolacha seca na hora do lanche. Do cabelo ralo do professor de Educação Física, ao coque preso com caneta da professora de Ciências, da corrida engraçado do amigo e das roupas estranhas de outro aluno. A falta é tanta que até dos momentos ruins eles têm saudades.

Me disse que em março, quando foi anunciada a quarentena, ela, Tchê e Will, o trio de amigos, riram e cantaram a música que haviam aprendido comigo. Voltaram ao “quanto tempo demora um mês”.

E ela me conta: a lua encheu e esvaziou tanto, que desistiu de acompanhar seu nascer, crescer e morrer e voltar nascendo, enquanto ela contava o tempo. Seu pai perdeu o emprego e o salário não veio mais. Nem os insetos ficaram no que eram: deixavam-na tão estressada que pisava em cada um com muito gosto. O calendário parou no mês de março, a avó e o vizinho morreram de COVID, a irmã da melhor amiga entrou em depressão e ela não conseguiu mais acompanhar as aulas remotas, remotíssimas. Por isso se chama ‘distantes’.

A mãe recebia várias ligações da escola, dizendo das atividades não entregues, da possibilidade de repetir de ano, e outras coisas mais. A amiga ligava pedindo ajuda, contando dos trabalhos em grupo. E ela se perguntava: - Em grupo como? - E tentava explicar para a mãe que a escola era mais que uma atividade on-line, que escola era mais que responder alguma coisa, ou tentar participar da aula, quando todos os outros microfones estivessem desligados. Quanto ao microfone, quando olhava e via o seu desligado, tinha uma vontade enorme de cantar Macarena, porque em um sábado de reposição, a coisa mais legal que fizemos foi cantar e dançar Macarena.

Para ela, a escola esvaziara-se, mingando como a lua. Barriga de gestante agora vazia dos que faria nascer grandes, largados antes mesmo de nascidos. A escola se igualara à carteira do trabalhador, sempre vazia.

E relembrou a música ouvida e dançada há tanto tempo:  
- Robô será que a escola vai ser como a lua, daqui há um mês vai estar cheia e no mesmo lugar?

Não respondi, porque também as palavras às vezes fogem invisíveis, mesmo que as saibamos presentes. Embasbacada com os pensares sobre o que narrava, e eu distante lia. Imersa, como ela, no mesmo isolamento trazido pela pandemia, não consegui fazer emergir uma transformação do tempo de um mês em dança e espera e esperança.

*Suster os murmúrios para aprender a ouvi-los. Isto escrevo em 2021.*

Somos nossas histórias. Somos nossas imagens. Somos o que narramos e o que de nós narram os outros. Todos se narram e são narrados: políticos, artistas, professores, modelos, atletas. Cada qual narra à sua maneira, através de registros escritos, fotos, desenhos e pinturas, grafites e danças: o real se mostra no imaginário que o desenha ou resenha.

Professora me fiz e me fizeram. E quando narro acontecimentos das minhas aulas, onde relações se criam, se renovam e persistem baixado o pano sonoro da sineta do fim do tempo de aula, trago experiências vividas – os casos se alicerçam nos acontecidos, e minhas narrativas são luzes a palavrear momentos significativos porque, como ensina o filósofo Jorge Larrosa, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (LARROSA, 2004), modificando o meu pensar/fazer em aula ou fora dela. Narro experiências que se entrecruzaram e resultaram em mudanças de percepções. Para Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 26)

A narrativa de experiências do vivido [...] só passam a existir porque havendo experiência significativa na vida do sujeito pesquisador, este a toma como objeto de compreensão. Essas pesquisas decorrem de uma situação não experimental, mas vivencial. [...] A especificidade dela reside no fato de que o sujeito da experiência narra para, debruçando-se sobre o próprio vivido e narrado, extrair lições que valham como conhecimento produzido a posteriori, resultando do embate entre a experiência e os estudos teóricos realizados após a experiência narrada.

Em 2011, no momento em que nos entregamos à escuta, estavam os alunos irrequietos por um tempo que durava sem passar, porque o esperado não vinha. E nos deixamos afetar pela música, em momento de suspensão de juízo, como acontece no êxtase estético, instante precioso que se

vive e de que se sai sob pena de nele alienar-se, perder-se, como ensina estética bakhtiniana.

Em 2020, essa mesma experiência retorna com outra roupagem, envolvida em saudades e distâncias. A experiência é outra: contém memória e presente.

Essa nova experiência me leva diretamente à relação tempo/espaço (à cronotopia, na expressão de Bakhtin): ao relembrar um acontecimento passado em um tempo diferente, nove anos entre uma e outra, em espaço distinto – a escola lua cheia cedeu lugar ao isolamento social, realizado agora em casa, espaço delimitado que se amplia pelos encontros presentes, no agora, e, no entanto, distantes.

Ao reler a narrativa para sobre ela refletir, objetivo último de todo debruçar-se sobre uma narrativa para ir além, para acrescentar-lhe algo que não existiria sem ela, mas a ela ultrapassa, percebo que na voz que narrou outras vozes estão presentes, não como personagens, mas como participantes do fato narrado. A minha voz de narradora não é adâmica, apenas entremeio, entrecruzamento. Sem as vozes que lhe antecederam e lhe sustentam, não haveria a voz que narrou.

Depois, em 2020, quando a aluna se refere às lembranças da escola e aos acontecimentos dentro dela, apenas ela, com seu ‘excedente de visão’, poderia enxergar o cabelo do professor, o coque da professora, a corrida e a roupa dos amigos. De seu lugar, com sua memória, consegue enxergar o que nem todos viram e mesmos aqueles que vistos, não se perceberam como objetos de um olhar que os contempla e os grava como passado a que se retorna.

O pensador russo me acompanha enquanto me debruço sobre os narrados. Ao telefone, amarguras nas imagens metafóricas com que a voz narrada compara a escola sem estudantes, sem professores. E a dor profunda da saudade e a presença das amarguras dos espaços

limitados e os salários perdidos. Bakhtin nos ajuda a pensar esta relação com o outro:

Quando me identifico com o outro, vivencio sua dor precisamente na categoria do outro, e a reação que ele suscita em mim não é o grito de dor, e sim, a palavra de reconforto e ato de resistência. Relacionar o que se viveu ao outro é a condição necessária de uma identificação e de um conhecimento produtivo, tanto ético quanto estético. (BAKHTIN, 1992, p. 46).

Seja presencialmente, seja em momentos de pandemia, o ser humano, precisa do outro. Antes da pandemia já havia um uso grande das redes sociais; o distanciamento social ampliou esse uso, criando inclusive novas ferramentas para reuniões em grupo.

Em nossa conversa, a presença da falta, o que antes poderia ser considerado excesso, agora se tornou escassez. Talvez a falta maior não seja o estar na escola, mas a ausência dos acontecimentos antes cotidianos e não percebidos: o que se dá no trajeto entre casa e escola, os acontecimentos e as falas na van escolar, no ônibus, ou no percurso realizado a pé. Da produção de vida na relação com o outro, produção impossível quando mediada pelas tecnologias disponíveis. Lembremos que a professora que conduz a criança, conduz para fora da casa, para outra amplidão. E no retorno, volta-se com acontecidos. Geraldi nos permiti enxergar essa produção:

Cada criança volta para a escola cheia de histórias, de coisas a narrar, de peripécias a comentar. Como foram as coisas cá, como foram lá: curiosidades e vida. (GERALDI, 2010, p. 97).

Os estudos on-line nos deixam apenas com a visão da tela do celular ou do monitor do computador. Não olhamos para a janela, não ouvimos barulhos outros e não nos relacionamos com quem está a nossa volta, porque não há

ninguém à nossa volta, só há imagens enquadradas. Estes são movimentos que só a escola presencial permite, mesmo que não oficialmente.

Nas telas, o sorriso soa estranho. As formas se desfazem em fixidez. Na escola, o riso é o que é. E frequentemente carnavaliza a seriedade carrancuda do ensinar, como mostra a lembrança do cabelo ralo do professor de Educação Física, das roupas engraçadas. As formas, por seu turno, se movimentam, fazem-se e desfazem-se no movimento. Talvez por isso mesmo o riso, o gargalhar e o movimento são tão proibidos nesta sociedade disciplinar de que a escola é um microcosmos em suas disciplinas, em sua seriedade, em sua verdade ditada em cantilena diária.

Durante 20 anos, meus alunos e eu carnavalizamos as aulas e a escola, quebramos regras e hierarquias nas relações dentro dela. Porque para aprender não é preciso rigidez. Rigor e rigidez não se dão bem. O alfabeto é o mesmo e pode ser apreendido com rigor sem rigidez. Mas as palavras que com letras se proferem, podem ser bem outras.

10 de agosto de 2021.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 1ª Edição. Martins Fontes. São Paulo. 1992.

\_\_\_\_\_. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. O Contexto de François Rabelais. 2 ed. São Paulo: HUCITEC., 1993.

CAMPOS, Cristina Maria. **Cumplicidade e fantasia na composição do trabalho docente: as narrativas pedagógicas**

no cotidiano escolar. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2016.

GERALDI, J.W. **A Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: GERALDI, C. M. G; RIOLFI, C. R; GARCIA. M.F (org.). **Escola Viva**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educ. rev.** , vol.31, n.1, pp. 17- 44, 2015, ISSN 0102-4698 versão *online*.



## De medos, álibis e (contra)palavras: pensando a autoria no contexto pandêmico

Mateus Henrique do Amaral

[...] a palavra do outro que aprendo nos processos interativos torna-se palavra própria-alheia com que passo a aprender outras palavras até que as palavras se tornam “minhas” por esquecimento da origem. Estas palavras que conheço e com as quais reconheço outras palavras ou o retorno da mesma palavra (reconhecimento) são produtos de abstrações do falante porque lhe exigiu que descontextualizasse as palavras dos enunciados ouvidos e respondidos construindo um conhecimento abstrato necessário ao reconhecimento. (GERALDI, 2012, p. 32).

Nas últimas semanas, com o retorno gradual dos alunos às aulas presenciais e a consequente reorganização e adaptação das aulas em um modelo híbrido, ora presencial, ora a distância, não consegui escrever acerca das minhas experiências com as leituras e os últimos encontros do Grecotidiano<sup>1</sup>. Embora sentisse a necessidade de sistematizar os encontros, o cansaço, resultado de um ano tão pesado, fez-me adiar o ato de escrita. Antes de me sentar e escrever este texto, porém, peguei-me refletindo se o distanciamento

---

<sup>1</sup> Grupo de estudos Cotidiano escolar e Formação de Professores, vinculado ao Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP).

temporal dos encontros tenderia a enriquecer o presente relato. E imagino que sim. Isso porque alguns acontecimentos recentes em sala de aula, seja virtual, seja no retorno gradativo das aulas presenciais, conduziram-me – muitas vezes – a mim, a modos de ver-me *em ausência*, flagrar-me nas aulas, nos encontros com os outros, que vejo – cada vez mais – como constitutivos de mim, do professor que sou e que constantemente busco ser.

Iniciarei a presente narrativa com uma cena. Três alunas em sala de aula, todas usando máscaras e fisicamente distantes uma das outras. Eu, com máscara e um protetor facial de acrílico no rosto, sentindo-me bastante incomodado com o “aperto” na testa, e parado no canto esquerdo da lousa. Na ocasião, retomava alguns elementos da estética realista e dos contos de Machado de Assis. Para aquela aula, separei um dos meus contos favoritos, “O Enfermeiro”.

Em um primeiro momento, as alunas, quietas, fizeram a leitura do conto e, posteriormente, o discutimos. No debate, os comentários giravam em torno dos apelos do narrador, Procópio, que – sem um interlocutor específico – almeja ser compreendido e, sobretudo, perdoado, a remissão de seus atos. Conforme discutíamos, pensávamos que tal necessidade não se restringia a uma atitude exclusiva de Procópio, mas que se configurava como um ato bastante comum entre nós, a busca de um *álibi*, de camuflar alguns “pesos” na consciência. Ainda nessa conversa, as alunas indicaram relações entre o comportamento da personagem no conto com o de personagens de animes que acompanham, nos quais, segundo elas, se observa esse mesmo desejo de um *álibi*.

O diálogo desdobrou-se em reflexões sobre as práticas de escrita que elas, alunas do 9º ano, alimentam nas esferas digitais. Duas dessas alunas contaram-me que, juntas, escrevem narrativas, negociando o enredo e o destino das personagens – indicaram inclusive que, em muitos

momentos, até “discutem” por conta das decisões tomadas, “Ah, a Juliana não entende que não é culpa minha! Parece que alguns personagens simplesmente tomam um rumo próprio, e eu não consigo mais controlar as ações deles!”, disse Luana<sup>2</sup>. Na condução da conversa, sinalizaram que os textos produzidos na escola, nos anos anteriores, eram mais “criativos”. “Em relação a ideias, não me vejo produzindo os textos do sexto ano. Não sei, parece que eu tinha mais ideias, não tinha tanto medo de escrever.”, comentou Juliana, e eu, talvez numa tentativa de estímulo, respondi, “E realmente não deveria! O mais importante são as ideias.”.

Se é que é possível algum álibi, como faz Procópio, em “O Enfermeiro”, ou até mesmo as personagens dos animes mencionados pelas alunas, tentaria justificar (a mim) que este é meu primeiro ano com a turma. Mas, como um reflexo no espelho, as palavras de Juliana fizeram-me pensar muito sobre mim, nos modos que conduzo as aulas e nas minhas relações com os textos nas “correções”. Agora, ao sistematizar tais reflexões, começo a me questionar inclusive sobre o uso desse termo, “corrigir”! Fora isso, penso: O que fazemos com o potencial criativo dos alunos?; Por que o “medo”?; explicitado na fala de Juliana; Que medo é esse?, de sair fora daquilo que se espera, de sair de uma certa “norma”? Muitas questões... E respostas a serem constituídas num vir a ser.

Neste ano, com o contexto de pandemia, confesso que foi muito difícil pensar em práticas significativas de produção de texto. E, com a exigência de “cobrar” pelo menos duas produções bimestrais dos alunos, peguei-me muitas vezes corrigindo os textos de forma “mecânica”, valorizando mais

---

<sup>2</sup> Com o intuito de preservar a identidade das estudantes, os nomes utilizados na narrativa são fictícios. Seria muito difícil referir-me a elas somente como “alunas”, “estudantes”, etc.; por isso, opto pelo uso de nomes numa tentativa de trazer para este texto um pouco do *humano que pulsa* nas relações na escola.

os aspectos formais e “externos” do que o projeto de dizer do aluno. Será que é justamente disso que Juliana falava? Desde o começo da pandemia, noto, a partir das minhas vivências, uma faceta bastante perversa da escola – e não que as relações em sala de aula se reduzam a isso. Trata-se de uma faceta que nomearia de um *produtivismo* dos conteúdos, algo que se estende inclusive para o campo de produção textual.

Mergulhado nesse contexto, sei que neste ano cometi muitas falhas, mas, em outros momentos, senti que “acertei” – se é que há acertos. E tomo esse parâmetro de “acerto” pela devolutiva dos próprios alunos, “Podemos falar tudo o que estamos pensando, jura?!”; “Nossa, a aula já terminou?”, após a produção e a leitura de diários pessoais sobre as experiências no contexto de pandemia; “Prof., quando faremos o próximo debate? Estou pensando em vários temas interessantes!”, após um debate regrado de 75 minutos, sem pausa – a pedido dos próprios alunos -, sobre o porte e a posse de armas no Brasil; “Gostei tanto de escrever contos de terror! Muito melhor do que o artigo de opinião. Acho que exercita mais nossa criatividade!”, comentário de uma aluna na autoavaliação das aulas feita na primeira semana de novembro.

Na troca de bilhetes com (a produção de texto d)os alunos, além de indicar aspectos formais da escrita, busco evidenciar o interesse por aquilo que dizem. E a respeito disso, penso que tenho alguns bons indícios, já que, ao olhar(-me) (n)esses outros, vejo, em vários e-mails recebidos, além dos textos anexos, mensagens como “Espero que goste!”.

Trago os relatos e as inquietações acima como forma de indicar o modo que tanto as leituras do texto “Metodologia das ciências humanas” (BAKHTIN, 2011), discutido nos dias 22 de setembro e 6 de outubro, e “Questões de estilística no ensino de língua” (BAKHTIN, 2019), discutido no dia 20 de

outubro, quanto as palavras do professor Wanderley e dos participantes nos encontros me lançavam, e ainda me lançam, a mim, às minhas aulas de língua materna. Especialmente a partir da leitura do texto “Questões de estilística no ensino de língua”, quando Bakhtin fala que a “[...] língua tem ainda uma influência poderosa sobre o pensamento daquele que está falando. O pensamento criativo, original, investigativo, que não se afasta da riqueza e a complexidade da vida, não é capaz de se desenvolver nas formas da linguagem impessoal, uniformizada, não metafórica, abstrata e livresca.” (BAKHTIN, 2019, p. 42-43), penso na potência criativa de aulas de língua materna que conduzam os alunos a uma formação livre, sem “medos” – algo que os meus alunos, na *produção de excedentes*, têm (me) sinalizado. E, aqui, neste olhar para os excedentes, acredito que está uma das maiores reverberações dos encontros deste semestre para a minha formação.

Recuperando a pergunta que fiz no dia 06 de outubro a respeito da ideia de *palavra dotada de autoridade*, e não autoritária – como bem destacou o professor Wanderley na explicação do trecho da página 403 (BAKHTIN, 2011) -, vejo o meu texto recheado de vozes. Atrás de cada relato e inquietação, há vozes que, embora incorporadas, *não perdem seu portador*, já que se configuram em compreensões do pensamento bakhtiniano mediadas nos nossos últimos encontros do Grecotidiano.

E, como nossas relações estão em constante movimento, trago um último episódio, *fresquinho!*, ocorrido hoje, quando finalizo este texto – dia 11 de novembro. Ao entrar na sala do 9º ano, Luana pergunta se fiz a leitura da autoavaliação das aulas de Redação. Digo que sim, e que concordo com ela, já que realmente devemos sair das “caixinhas” do artigo de opinião, como a estudante menciona na autoavaliação. Depois, após o encerramento das aulas, com os cadernos nas mãos, ela e Juliana me

procuram, “Mateus, pode nos ajudar com algumas dicas para a construção da nossa narrativa?”, referindo-se ao texto que produzem coletivamente no âmbito digital.

11 de novembro de 2020.

## Referências

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 394-410.

BAKHTIN, M. Questões de estilística no ensino de língua. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino de língua**. Trad. Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 23-43.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe-UFSCar. (org.). **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

## **De revestimentos e deslocamentos: (Re)pensando a autoria em tempos pandêmicos**

Mateus Henrique do Amaral

Haverá muito o que mudar, antes que o ensino de Português possa ser o que deve - um processo no qual o professor e os alunos entre si se enriquecem reciprocamente compartilhando sua experiência vivida de língua [...] Mas a mudança virá daqueles que vivem o ensino, não daqueles que especulam sobre ele. De dentro. (ILARI, 1985, p. 113).

Em novembro de 2020, motivado e provocado pelos encontros do Grecotidiano, escrevi uma narrativa sistematizando algumas experiências no contexto da pandemia de covid-19, buscando articulá-las com o referencial bakhtiniano, estudado naquele momento com o professor Wanderley Geraldi. Intitulada “De medo, álibis e (contra)palavras: pensando a autoria em tempos pandêmicos”, a narrativa traz, a partir de vivências no contexto do ensino remoto e híbrido, episódios e reflexões acerca da produção de textos na escola, pensando a dimensão da autoria e os “medos” que a cerceiam e a sufocam. Na escrita, inquietado pela fala de algumas alunas, questionava-me por que os alunos se sentem receosos, e até mesmo temerosos, de tomar a palavra, de constituírem-se autores no contexto escolar. Daí o “medo” que figura no título do texto.

Ao produzir a presente metanarrativa, fora as tentativas de entender o que este “atual” Mateus tem a dizer, pensava as maneiras que o meu outro “eu”, de novembro de 2020, vem me/se constituindo. Isso porque me peguei, nos últimos meses, lendo, relendo, pensando e dialogando com aquele texto em diferentes ‘tempos-espacos’: tanto com o próprio Grecotidiano quanto com outros grupos de estudo dos quais participo, além de familiares e amigos. Sendo assim, a relação com *aquele outro “eu”* se entrelaça com tantos outros dizeres, tantas outras vivências, tantos outros “eu-com-o-outro”, que dialogam com esta produção. Coletivos que nos (re)constituem, e que, como é o caso deste texto, intencionalmente mobilizam, colocam-nos em movimento.

Acerca desse movimento exotópico, parecem-me muito apropriadas as considerações de Serodio *et al.* (2015, p. 136) quando, ao compreenderem as (meta)narrativas como produtos estéticos decorrentes de atos éticos, realçam que:

A ideia de continuarmos a tratar de nossas narrativas como produção estética para outro, numa perspectiva alteritária, nascida de um ético (próprio) diante do encontro com o objeto [...] vem do fato de elas **serem produzidas a partir do encontro com sujeitos** por quem somos responsáveis e nos importamos, profissional e pessoalmente, **com efeitos de sentido produzidos nessa relação.** (grifo nosso).

Penso, como já sinalizava naquela escrita, que a repentina “adaptação” das aulas para um modelo remoto emergencial, levou-nos a olhar e a identificar problemas latentes, que já figuravam antes da pandemia, mas que se intensificaram e se desvelaram, de forma mais explícita, no atual momento. Como professor de Língua Portuguesa, sentia, e ainda sinto, os modos que o ensino remoto me mobilizou a pensar (em) propostas de produção textual

significativas. Precisávamos – e precisamos! - produzir, era necessário “fechar” notas de Redação, atribuir conceitos mensais e bimestrais. Como referenciei, na narrativa de novembro do ano passado, vejo um *produtivismo* dos conteúdos escolares, dimensão que se estende para a produção de textos. E, aqui, vale retomar algumas considerações feitas pela Bethinha, a partir de uma leitura bastante carinhosa e crítica da minha narrativa, quando ela realça que essas requisições burocratizadas, produtivistas e mecanicistas são pistas, ou pontos de partida, se quisermos ir à raiz da problemática.

De novembro do ano passado para cá, o diálogo com trabalho de Fadel (2020) fez-me pensar como as relações minhas com os alunos, via bilhetes pós-texto, mas não somente por meio deles, estão atravessadas por múltiplos atores – como, a título de exemplo, a *instituição escola*, as famílias e, até mesmo, o próprio “eu”, o Mateus professor, que tenta justificar para si mesmo, por intermédio da escrita dos bilhetes, o porquê de não estar diante de um texto nota 10. Forma de legitimar o meu trabalho.

No âmbito das contradições que vivenciamos cotidianamente com a/na escola, instaura-se o duplo olhar/lugar do professor (de língua materna), o qual nos sinaliza Fadel (2020): o de parceiro/coautor/interlocutor, e o de corretor/disciplinador. Papéis e lugares que, a meu ver, não se restringem ao trabalho com o texto, como também engloba as dinâmicas e os espaços que ocupamos nas relações na sala de aula com os alunos, e que constituem modos de dizer. Reconheci-me, como mostra Fadel a partir da análise dos textos escritos por professoras nos textos dos alunos, estruturando minha escrita nos bilhetes a partir de elogios iniciais que buscavam “compensar” as ditas “falhas” que seriam apontadas nos textos. Acerca dessa questão, observa a autora:

Parece-me, no entanto, que a expressão de afeto ou avaliação positiva que aparece na primeira parte desse tipo de comentário pode relacionar-se não apenas a essa manutenção da relação da professora com o aluno, mas sim a um procedimento de caráter behaviourista, de reforço positivo no feedback, antes de se apresentarem as críticas e ressalvas ao texto, o verdadeiro foco do comentário. O elogio ou expressão de afeto, assim, também se esvaziaria, e constituiria apenas uma estratégia de perpetuação de uma prática escolar que sustenta a ideia de prova. (FADEL, 2020, p. 89).

Em um movimento de autocrítica, tenho, nas ponderações pós-texto, me “policiado” no uso das adversativas, evitando os “mas”, “no entanto”, “contudo” e “porém” que vinham habitando o espaço interlocutivo com os alunos. Obviamente, não deixo de ocupar o lugar de “corretor”, mas tenho me limitado a apontar as questões mais “formais” na grade de correção com a qual a escola trabalha. Nos bilhetes, no âmbito das ‘micro-resistências’ cotidianas – ou talvez das táticas, numa leitura de Certeau (2014) –, que, embora “limitadas”, indiciam movimentos, tenho buscado colocar-me fortemente como interlocutor. Na imersão com os outros, tenho me (trans)formado como professor.

Para finalizar, há dois episódios de junho de 2021 os quais revestem as minhas tramas com a produção de textos na escola. O primeiro é um breve diálogo com uma aluna, a qual chamarei aqui de Carla. No dia que entreguei a devolutiva da primeira versão de um conto de terror, Carla me procurou, após o final da última aula, dizendo que gostaria de conversar sobre o texto. Pensei que talvez tivesse dúvidas em relação às orientações para a reescrita. No entanto, quebrando as minhas iniciais expectativas, com um sorriso tímido, a menina me disse que ficara contente por eu ter percebido o tipo de terror que ela gostava de produzir. Diferente das orientações do material didático, que pediam que os alunos trouxessem para o enredo ambientes

sombrios, manifestações sobrenaturais e/ou monstros, Carla produziu um texto em que a protagonista sonha que se vê, cercada por uma gigante serpente, em um cenário todo branco e aparentemente calmo. Nesse lugar, a personagem vai (se) desvelando traumas pessoais. “Um terror psicológico”, disse no diálogo com a aluna. “Não necessariamente, como traz a apostila, o terror precisa de monstros medonhos e cenários sombrios, embora sejam elementos bastante comuns do gênero. Gostei bastante do seu texto, por isso elogiei no bilhete!”. Aparentemente empolgada, Carla se despediu e agradeceu.

O segundo episódio ocorreu no último dia letivo do primeiro semestre de 2021, um dia após as últimas avaliações bimestrais. Na data, somente três alunas entraram para participar da aula síncrona via Google Meet: Amanda, Carla e Graziela<sup>1</sup>. Sugeri que adiantássemos um trabalho proposto para o 3º bimestre em que os alunos deveriam produzir um roteiro de Podcast que apresentasse a obra “A menina que roubava livros”, de Markus Zusak, livro que trabalhei com a turma durante todo o mês de junho, a partir da perspectiva de um dos personagens. Elas escolheram Liesel, a protagonista. Abri um arquivo no Google Docs e as coloquei como editoras. Embora fosse sugerindo alguns trechos e/ou alterações, que, em alguns momentos, inclusive eram negadas, as alunas se sentiram bastante à vontade para ir construindo e negociando os sentidos para o texto. Uma produção coletiva que, parece-me, indiciar possibilidades formativas, já que mobilizava as estudantes a se colocarem constantemente em outro *espaço*, olhando para o texto *de fora*, com um olhar externo que (as) constituía (n)a produção.

---

<sup>1</sup> Nomes fictícios.

## Referências

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

FADEL, T. **A escrita do professor sobre o texto do aluno**: notas em um duplo lugar. 2020. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2020.

ILARI, R. **A Linguística e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

SERODIO, L. *et al.* Metanarrativas bakhtinianas: uma etapa dos estudos do GRUBAKH. *In*: PRADO, G. do V. P. T. et al. (org.). **Metodologia narrativa de pesquisa em educação**: uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. p. 129-151.

## Aula de corpo ausente

Adalberto Bento

A manhã começava barulhenta. Movimento nos corredores e nas áreas de convivência. Música. Cotidianamente muitos "bom dia, sor". Na sequência, um cumprimento com toque de mão acima da cabeça, abraços. Tudo isso entre 7h e 7h30 da manhã. Sim, estou falando da escola.

Hora de começar. Sem sinal sonoro, como definido em conjunto, os estudantes iam entrando. Mais barulho, mais interação, risos. Durante a aula, discussões acaloradas, com argumentos apresentados em alto e bom som, gesticulação. Outras vezes, dúvidas expressas no silêncio, na imobilidade, nos rostos. Nos corpos que somos também era possível perceber momentos de pouco interesse ou cansaço, indicando o momento de uma pausa ou de mudança de estratégia. Por vezes, a postura corporal deste (a) ou daquele (a) estudante até mesmo alertava para necessidade de um olhar mais atento para outros movimentos de nossa vida cotidiana.

Nas atividades realizadas na quadra, mais sobre nós. Gestos, experimentações, erros e acertos, intensidade nos contatos e outros comportamentos frente às propostas de práticas corporais (já vivenciadas ou não), traziam à tona histórias de vida. Eram, ao mesmo tempo, pontos de partida e possibilidades de perceber, acompanhar os processos de apropriação pelos estudantes dos conteúdos trazidos para a aula.

Em movimentos de aceitação, construção conjunta e também de resistências, vivíamos relações de ensino-vivência-aprendizagem na concretude de nossa presença física.

Pessoas, histórias, espaços, contatos, trocas, afetos. São muitas as palavras para trazer ao papel o que, como professor, hoje me faz tanta falta, pois veio a pandemia! Regra geral, para além da escola e baseada no conhecimento científico (viva a ciência!), o afastamento social passou a ser uma das condições fundamentais para a superação do grave problema de saúde coletiva que nos aflige.

Nesta nova e triste condição, muitos sentidos da nossa existência emergiram expressos na dificuldade de nos percebermos corpos afastados. Na ausência da relação com o outro, muito além da sua dimensão física e biológica, o afastamento tem sido penoso ao desconectar vidas.

De volta ao ambiente escolar, portas fechadas! O que imaginávamos que duraria alguns dias, talvez semanas, hoje alcança mais de um ano.

A distância dos colegas professores, dos estudantes, dos técnicos, da comunidade escolar em geral, fez gritar em nós a necessidade de um olhar mais atento a tudo que momentaneamente perdemos.

A condição atual impõe inúmeros desafios na medida em que nos força a olhar para dentro de nós mesmos. Um convite (ou seria uma convocação?) para viver, pessoal e profissionalmente, a tantas vezes mencionada reinvenção.

Uma série de dúvidas e incertezas me vêm à cabeça. Depois de mais de vinte anos na escola, trabalhando e aprendendo com/e nas relações, como agora mudar tão radicalmente de direção? Como transformar minha prática docente e trazer aqueles tantos elementos para a aula que agora acontece através do computador, a distância? Confesso, está difícil para mim.

Um dia destes, numa chamada de vídeo (outra alternativa para o momento), conversei com um amigo de outra escola. No breve contato, assunto recorrente em tempos atuais, a pergunta “E então, como vocês estão trabalhando?” Nos fez perceber que, mesmo distantes,

estamos em situação muito semelhante: mergulhados num turbilhão de emoções, mistura de saudades, cansaço, tristeza, incertezas, medo. Medo de nos contaminar, medo de contaminar alguém e, no extremo, medo de morrer.

Naquele momento, uma (re) conexão: ambos tentando olhar para frente, seguir impulsionando a vida e o trabalho para seguirem em movimento, mesmo sem sabermos ao certo onde queremos chegar.

Em meio às turbulências da saúde pública e seus efeitos na educação, outras questões em comum: até quando seguiremos assim? Qual o tamanho das perdas? Como lidaremos com elas no futuro?

Dentre essas e tantas outras dúvidas, comentei sobre minha aula (ou encontro síncrono, como queiram). Encontro através da tela com VL, AB, AC (quem seriam estas letras?) em que, discutindo questões relativas ao corpo e ao movimento, estávamos eu e os estudantes (será?) praticamente imóveis. Sem expressões para perceber, sem toque, quase sem interação, sem muito daquela riqueza mencionada acima. Em muitos sentidos, sem vida, numa aula de corpo ausente.

Atuava e ainda atuo, no momento, com turmas de ensino médio que pouco ou nunca me viram, ao menos não pessoalmente. Penso no número de estudantes (e não são poucos) que já não se conheciam sequer pelo primeiro nome e agora, correm o risco de não se reconhecerem nem mesmo como um rosto familiar (de vista, como dizíamos).

Nestas aulas virtuais, para além das questões de acesso à internet e velocidade de conexão, do fácil argumento "adolescentes são assim", me pergunto que microrresistências, angústias ou sofrimentos escondem aquelas iniciais e algumas poucas fotos?

Impossível não refletir, com base na percepção deste momento, sobre a desvalorização do contato e dos afetos em alguns ambientes educacionais em nome de um conteudismo

pragmático. Seria uma forma de afastamento que já vivíamos em tempos pré-pandemia que agora se acentua?

São muitas as questões ainda sem resposta.

Do fim daquele encontro, quero ficar com nossas falas sobre a esperança que, aos poucos, vêm surgindo com a vacinação. Talvez este momento nos permita voltar à escola e pensar em todos os desafios que certamente se apresentarão olhando mais para as pessoas e para o encontro de histórias de vida expressas nos corpos que somos, em projetos que superem a individualidade que por vezes nos torna invisíveis.

12 de junho de 2021.

## Com outros óculos

Adalberto Bento

Passaram-se semanas desde que coloquei no papel algumas breves reflexões sobre a triste realidade trazida pela pandemia e suas, ainda imensuráveis, consequências para a educação através da narrativa “Aula de corpo ausente”.

Considerando as questões de saúde, daquele momento até hoje, a esperança depositada na vacinação começa a se concretizar numa lenta e gradual queda no número de casos e mortes por COVID, ao mesmo tempo em que, apreensivos, acompanhamos dia a dia notícias sobre o risco de novas variantes do vírus.

Neste momento, boa parte da minha família e eu estamos vacinados (é um alento). Contudo, olhando para a coletividade, no cenário nacional e na educação, pouca coisa mudou. Receio, insegurança e ansiedade permanecem nos impactando todos os dias.

Em relação à vacinação, cabe aqui um breve parêntese para lembrar e sorrir (sozinho) lembrando das diferentes imagens de jacaré que nos representaram, no aviso aos familiares e amigos, via aplicativo de mensagens: “estou vacinado”. Leitores do futuro precisarão de uma explicação. Jacaré? Deixo a dica: tem relação com um delírio negacionista do presidente do Brasil à época.

De volta à questão. Afetadas, dentre outros motivos, pela ausência ora de doses, ora de consciência e carentes de uma coordenação nacional competente, as estratégias de imunização ainda não nos permitem vislumbrar um retorno às escolas com a segurança pretendida. Ainda assim, movimentos e decisões de políticos, aliados a interesses dos

mais variados, pressionam por uma retomada das atividades presenciais o que, como sabemos, na realidade de muitas escolas, pode ter consequências graves. Sem alternativa (até quando ficaremos nesta situação?), professores paramentados, rodízio de estudantes, máscaras, álcool gel e protocolos de biossegurança compõem uma nova dinâmica na escola numa tentativa de reestabelecer o curso a seguir.

Na realidade em que atuo, diferentes cenários vêm sendo discutidos para o retorno às salas de aula, ao que tudo indica, com vistas para 2022. Incertezas! Enquanto caminhamos, o afastamento social segue pressionando nossas mentes. A tela fria e silenciosa do computador, alternativa para as atividades remotas, permanece eloquente, provocando reflexões sobre a necessidade de construção e valorização de uma escola que seja muito mais do que local de transmissão de conteúdo.

Neste contexto em transformação, sigo, impulsionado e acompanhado pelas (os) colegas do “Grupo de Estudos Cotidiano Escolar” (Grecotidiano), refletindo e buscando alternativas para nossas práticas pedagógicas (ainda) em tempos de pandemia.

Proposta trazida nos encontros virtuais deste coletivo (esta palavra me marcou!), escrever e compartilhar aquela narrativa - através da qual pude entregar à discussão minhas preocupações sobre a ausência de interação e a desconexão de histórias de vida trazida pelo afastamento dos corpos que somos - foi, para mim, uma experiência muito positiva.

Até aquele momento de troca, meu texto trazia um olhar individual. Questionamentos alinhados a partir de um ponto de vista. Dividi-lo com o grupo foi, durante alguns minutos, motivo de insegurança diante da possibilidade de me ver analisado através de outros olhos. Contudo, para as tantas inquietações trazidas naquelas palavras, encontrei, nos diferentes olhares das (os) colegas, busca de respostas, alternativas, aproximações, empatia.

Nas diferentes narrativas apresentadas, nas preocupações em comum, nas contribuições trazidas pela pluralidade característica do grupo, discutimos uma escola real (ainda que momentaneamente virtual ou híbrida). Dificuldades, conflitos, contradições, possibilidades, esperança. Neste movimento, entendi de maneira mais ampla o sentido de construção coletiva e a potência que esse tipo de mobilização pode ter.

Sobre as inquietações e perguntas trazidas naquele primeiro momento, muitas ainda permanecem sem respostas. Contudo, elas já não me parecem iguais. Permeadas por diferentes olhares, também eu vejo agora aquelas questões com outros óculos.

Certo de que esta nova perspectiva não é de naturalização de todos os desafios que estamos enfrentando, nesse processo de resignificação, vislumbro a possibilidade da atenção à afetividade, à interação, ao corpo, ao movimento, às pessoas (muito além do conteudismo) como possibilidade real para toda a escola.

Para além da ideia romântica que esta imagem possa suscitar, mesmo ciente de que analiso a questão (semanas depois) a partir de uma situação específica, penso que somente a através do trabalho coletivo, com todas as tensões que possa carregar, será possível buscar alternativas para o momento que estamos vivendo (não apenas no campo educacional) e para o que ainda há por vir. Nesta perspectiva, cabe definir as estratégias que nos permitirão avançar juntos por este longo caminho.

Os desafios apontados (inclusive o de redação desta metanarrativa) e as experiências junto ao Grecotidiano me fizeram lembrar da contribuição da professora Carmen Lúcia Soares que, anos atrás, discutindo questões relativas à Educação Física escolar, registrou: “São os pontos convergentes apresentados pelo meu interlocutor que se constituem em ponto de partida e não os divergentes.”

Com este pensamento, sigo em frente com minhas inquietações, sabedor das dificuldades da jornada e aberto ao diálogo com novos autores/interlocutores, seus diferentes olhares, em defesa de uma educação mais humana e plural, me permitindo enxergar, estradas e cenários, também através dos óculos alheios.

19 de agosto de 2021.

## **Desafio da educação: onde está a semente da humanização?**

Magda Aparecida Teodosio Ribeiro

O ano, dois mil e vinte, início de ano letivo... Os alunos estavam eufóricos para o retorno às aulas, muitos retomando a vida escolar, depois de dez, vinte, trinta anos. Como crianças, estavam curiosos e ansiosos para esse momento. Foram tantos anos longe da escola, como será que vai ser agora? Tomados por sensações de medo, insegurança, vergonha e até arrependimento, pensavam: Será que esse é o momento certo!!! Mas logo vinha a certeza, é o momento preciso.

O portão abriu e logo entraram, tímidos, observando tudo e a pergunta transmitida através do olhar: Para onde vou? Foram orientados pelo guarda/zelador, a seguirem para o refeitório. Haveria uma reunião com o diretor, para falar das regras básicas da escola. Assim que finalizou a reunião, foram orientados a entrarem nas suas respectivas salas. E lá ficaram aguardando o professor (a), em um silêncio sepulcral.

Cheguei à porta da sala e todos me olharam atônitos. Era possível perceber as interrogações no olhar de cada um... É a professora de quê? Me apresentei, mas, propositalmente, não mencionei a minha especialidade. Estando em uma sala de primeiro termo (referente à antiga quinta série), todos os alunos eram novos naquela unidade educacional. Convidei-os para fazer um passeio pelas dependências da escola. Como o objeto da minha disciplina é o espaço, nada mais conveniente que estimulá-los a explorar o espaço territorial do novo lugar, intensificando

assim a ambientação. Olhavam tudo com muito espanto e admiração. Não acreditavam que estavam de volta à escola. Murmuravam atrás de mim: Como ela é grande! Que bonita! Viram o pátio, os banheiros, a biblioteca, a sala de informática, a secretaria, a direção, a sala dos professores e apesar de terem passado muitas vezes em torno daquele lugar, não o conheciam. Retornamos a sala de aula, sugeri que fizéssemos um círculo com as carteiras e cadeiras (costumo seguir essa prática do Paulo Freire/ Círculo de Cultura), que assim, poderiam olhar para os colegas de frente. Me identifiquei, falei da minha disciplina e pedi que cada um se apresentasse contando um pouco da sua história. Alguns seguravam os celulares, pedi que guardassem para ficarem mais à vontade. Assim, eles começaram a falar, de onde vinham, quando chegaram, porque pararam de estudar, porque voltaram a estudar. Alguns relacionavam as características da escola do passado às da escola atual. Em pouco tempo, os relatos no envolvimento da prosa nem mais pareciam de pessoas que acabavam de se conhecerem. O diálogo era tão espontâneo que já se sentiam amigos de longa data. O tempo passou tão rápido que nem percebemos o adiantar das horas. Logo ouvimos o sinal e a música naquele dia, era Sandra Rosa Madalena (Sidney Magal). Se entre olharam e perguntaram o que era aquela música. Expliquei e eles acharam hilário! Agradeceram e perguntaram quando seria a próxima aula, falei que seria no mesmo dia da próxima semana (na EJA, o professor fica com a turma uma vez na semana, com exceção dos professores das aulas de inglês e arte). Todos se despediram rápido, pois o motorista do ônibus já os esperava no portão.

A próxima semana chegara, e lá eu estava novamente à porta do 1º Termo B. Os alunos estavam animados e bem mais descontraídos que na primeira aula. Já foram modificando a disposição das carteiras e logo o círculo

estava pronto. O que vamos conversar hoje, professora? (Madalena perguntou). Percebi que gostariam de dar continuidade à dinâmica da aula anterior. Rita, uma senhora muito extrovertida, falou bem alto: guardem os celulares, para não atrapalhar a aula. Aqui, agora, é o momento de semear. Lá vem ela com as coisas da roça! Exclamou o Sr. José. Semear sim, não é professora?! Insistiu a Rita. Podemos semear, por que não?! E qual será a semente? Perguntei. Eu prefiro feijão, respondeu o Sr. Joaquim. Cresce mais rápido! Larga a mão de ser besta! Falou a Maria. Rapidez nem sempre é a precisão. O importante é acompanhar o desenvolvimento da planta. E a Madalena retomou a fala dizendo: aqui todos juntos, podemos semear sonhos, que mais tarde poderão ser realizados se tivermos coragem no manejo! Eles sorriram e se entenderam através dos olhares. Voltamos a dinâmica e fiz questão de apresentar Paulo Freire a eles, falei da sua prática nos Círculos de Cultura e que ali, no momento daquele agradável diálogo, cada um aprendia com a história do outro e também ensinava, relatando a sua própria história. Entreguei uma folha com o poema: A Escola (Poesia do Educador/ Paulo Freire), eles olharam. Tentaram ler, promovi um tempo maior para se familiarizarem com as palavras, as frases, as estrofes, o poema. Após uns vinte minutos já ouvia uns murmurinhos... Pedi que cada um lesse uma frase do poema. Começaram, uns com mais desenvoltura e autonomia, outros gaguejavam, paravam, respiravam, repetiam, mas não desistiram. Persistiam e finalizavam as frases. Passamos a fazer as leituras das estrofes. Após a leitura das mesmas, parávamos para falar sobre ela e contextualizar. Eles participavam intensamente, traziam as palavras para o cotidiano, exemplificavam e até se atreviam a dizer o que era certo e o que era errado. Gostaram muito da frase: Escola é também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem, é conviver, é se “amarrar nela” (estavam descobrindo o pertencimento). De repente,

o Sr. José, que havia trabalhado de vendedor ambulante no centro de São Paulo, se levantou da cadeira e falou: gostei da última parte, quando “Ele” disse: É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo. Isso é geografia. “Esse Paulo Freire” sabe das coisas... Perguntei se alguém gostaria de ler todo o texto e para a minha surpresa, a Rita fez a leitura com uma entonação invejável. Os alunos acharam incrível que alguém pudesse pensar e escrever tudo aquilo que acontece na escola, mas acreditaram que era possível! Depois de muitas colocações e uma riqueza no momento dialógico, sugeri que cada um relacionasse uma estrofe do poema a uma semente. Essa era a lição de casa. Finalizamos a aula.

Na terceira semana lá estavam eles, já preparados com os cadernos nas mãos ansiosos para falar das sementes. Surgiram várias sementes: alegria, trabalho, gentileza, amizade, solidariedade, crescimento, felicidade, mas o que mais ecoava no círculo era a semente da esperança e sonhavam com as próximas aulas, os novos conteúdos, as novas atividades, a importância de estarem juntos, aprendendo juntos. Conseguiram perceber que a cada semana tinham ficado mais próximos uns dos outros e que já brotava naquele grupo a semente da humanização.

Infelizmente na próxima semana, fomos surpreendidos com a suspensão das aulas. A OMS tinha decretado a Pandemia do novo coronavírus. Ficamos alarmados. Um horror! Abruptamente tínhamos que nos adaptar a uma nova realidade. A pandemia obrigou-nos a um aprendizado rápido de novas tecnologias de comunicação e informação. De uma ora para outra, as aulas presenciais passaram a ser remotas. Tínhamos que inserir os alunos em uma plataforma e nos grupos de WhatsApp. Fomos ligando para eles, passando e-mails, logins, senhas, entregando chips e os celulares, que sempre foram excluídos das nossas aulas, passaram a ser imprescindíveis para a continuidade da aprendizagem naquele momento. Era a saída emergencial

para continuar as atividades. Ficou muito complicado! Ter um aparelho celular em mãos não significava conhecer ou dominar a tecnologia. Muitos tentaram, mas relataram se sentirem violentados pela tecnologia invasiva, indiferente e fria, como o tijolo da Escola de Paulo Freire.

Aos poucos, eles foram deixando de fazer as atividades, nem sempre se comunicavam pelo grupo e quando se comunicavam, sempre traziam relatos de contaminados ou óbitos na família, no grupo de amigos, na vizinhança. Desestimulados, muitos abandonaram as salas virtuais.

A aluna Rita me ligou quando o Brasil chegava a mais de 1300 óbitos em vinte quatro horas. Apavorada e muito triste, tinha perdido alguns familiares para a Covid-19 e passava por uma situação de desemprego, foi demitida pela patroa. Avisou-me que não teria mais condições de acompanhar as aulas, pois o chip oferecido pela prefeitura não funcionava no bairro em que ela morava. Embora não tivesse recursos financeiros para pagar internet e participar das atividades, a aluna refletia, nos últimos dias, acerca do semear, buscando respostas para a seguinte pergunta: Onde está a semente da humanização? Me pus a refletir.

20 de setembro de 2020.

\*Pseudônimos foram utilizados para preservar a identidade dos alunos\*

## Calibragem do Olhar

Magda Aparecida Teodosio Ribeiro

As relações estabelecidas na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos, sempre trazem um embasamento na cultura popular. Muito se perde quando partimos de saberes eruditos sem relacionar ou contextualizar com saberes experienciais. Os alunos sentem a necessidade de utilizar mecanismos familiarizados para entender o “novo”, para participar e ambientar-se nos espaços que lhes são estranhos. Desenvolvem pertencimento se apropriando dos fatos e atrevendo muitas vezes a dar exemplos até mesmo pessoais, para melhor compreensão dos seus pares e do professor.

A pandemia provocou uma dinâmica, até então desconhecida, nas relações educacionais entre o professor e o aluno. Ao iniciar o ensino trabalho remoto, se fez necessário estreitar laços humanos para perpassar por circunstâncias alheias à nossa vontade. O outro lado da tela do computador nos convocando ao chamamento burocrático das horas/aula, do currículo, do calendário escolar, do fechamento dos semestres, foram exigindo uma busca ativa do aluno. Entretanto, esse aluno carecia de algo que não se encontra nos livros, nas mídias traiçoeiras que escondem a verdadeira face de quem exerce o domínio e a manipulação. Das informações fragmentadas que chegam aos que são privilegiados no acesso à leitura do mundo.

Esse algo está no olhar acolhedor de quem oferece respeito, atenção, cuidado, solidariedade e amorosidade. Está no professor que despe dos seus conceitos e preconceitos para mergulhar na prática educativa que

permite ao educando se ver como ser inacabado e que precisa do outro para ser.

A busca pela semente da humanização citada pela aluna Rita, neste contexto pandêmico, deveria também ser revelada na prática educativa realizada no interior das salas de aula e para além dos muros escolares.

08 de agosto de 2021.

### Referências

FROCHTENGARTEN, Fernando; OLIVEIRA, Maria K. **Caminhando Sobre As Fronteiras**: O papel da educação na vida de adultos migrantes. Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil: Summos, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ: Paz e Terra, 2020. v. 63.



## Todo mundo e ninguém... a subversão das crianças

Aline Aparecida Akamine

Faz mais de um ano que estou na pandemia. Cercada e cerceada. Bom, o mais correto seria afirmar que estamos todos numa pandemia, não só eu. Somos eu e o mundo. Mas lendo notícias, vendo postagens em redes sociais, tem horas que penso que sou só eu mesma na pandemia que criei, com protocolos que só eu sigo. Cada um está vivendo sua pandemia particular, da forma como dá conta, como concebe o mundo e a relação com o outro. E depois de mais de um ano nessa, há quem ainda não tenha aprendido a pensar no outro.

Mas sobre minha pandemia particular, minha vivência, sobrevivência nisso tudo e essa sensação de que não sou todo mundo, fiquei lembrando de algo que acontecia em meus tempos de professora. Aliás, saudades disso. Lembro de quando, na correria do cotidiano, chamava a turma toda para que todos fossem para o refeitório almoçar, ou que todos fossem para o parque, ou para que fossem para qualquer outro lugar. Estou falando daqueles dias que era correria mesmo, era um chamado só “vamos todos turma do tubarãooooo”. Quando se juntavam todos, quando parecia que estavam todos indo, que ia dar conta de um tempo que corre e não sei porque corremos tanto atrás dele, olhava para trás e às vezes acabava que uma ou outra criança ficava para trás me olhando. Eu olhava de volta e aí a criança perguntava “e eu”? Eu respondia “vamos todos e você também”.

O texto de Certeau que conversamos hoje sobre o homem ordinário e sobre como o conceito de “todo mundo”

também se traduz como “ninguém” me tocou quanto à formação presente nos espaços sociais para a formação do homem ordinário. Fiquei pensando que a criança em sua subversão de quem está compreendendo/ invertendo o mundo em sociedade, não se sente representada pelo conceito “todo mundo”, quase que associando ao conceito de “ninguém”, se negando a aceitar-se como mais um, chamando para si um diálogo que a contemple em suas especificidades. Quase que um “chame-me pelo meu nome”, “trate-me em minha singularidade”, não sou todo mundo, e todo mundo não sou eu... Sou, em minha existência, um ser social, mas em minha complexidade único.

Estou nesse momento me identificando com a criança que ficava para trás, que às vezes irritava a professora apressada porque não respondeu ao chamado, que pede por um olhar e uma resposta a mais. Que não se vê em todo mundo, que não está se encontrando em ninguém. Estou sendo a pandemia que escolhi viver, que é diferente da de outros, mas que está em todos.

13 de abril de 2021

## As subversões de todo mundo

Aline Aparecida Akamine

Venho, mais uma vez, me reencontrar em escritos da pandemia. Da, ou sobre, ou na pandemia... atravessada, amargurada, indignada... São muitas reticências utilizadas aqui, pois está difícil achar um ponto final que dê conta de todo o vivido.

Revejo aqui minha angústia e reflexões de tempos que ainda perduram. Relendo uma narrativa escrita por mim em abril de 2021, que se assemelha a um desabafo, um grito sufocado, ou quem sabe um instante de lucidez, rememorei o que me levou a pensar e escrever sobre as inquietações a partir de Michel de Certeau e o homem ordinário: a necessidade de fazer parte de um coletivo. Sentir-se só é doído, machuca algo bem profundo da gente. Sentir-se só no mundo acreditando e seguindo protocolos que tantos ignoram dói, principalmente porque são renúncias que são feitas no individual em prol do coletivo. Doído quando a sensação é de que o coletivo não está nem aí para você. E essa situação me remete diretamente à escola.

Como gestora de escola, meus diálogos mais frequentes têm sido com as famílias, pois são muitas informações novas a passar, novos comunicados, vai e vem do retorno presencial, orientações sobre isso e aquilo... Para as informações que precisamos passar em massa mandamos por aplicativo de mensagens num grupo de pais separados por anos (séries), como por exemplo, “Atenção! Entrega de cestas básicas amanhã das 8h às 17h”, ou ainda “esta é semana do grupo verde a frequentar as atividades presenciais enquanto os demais acompanham

remotamente”. Assim que aperto o botão verdinho do enviar a mensagem, já fico à espera de perguntas que as famílias farão. Lidamos com uma comunidade com alguma dificuldade em leitura e escrita e atentamos para a linguagem utilizada nas mensagens, bem como estratégias de chamar a atenção ao conteúdo com emojis. Mas o que fico aguardando são outras perguntas, de outro teor. É sobre aquela parcela que leu, entendeu a mensagem, mas sente necessidade de algo mais. São perguntas assim: “isso vale para meu/a filho/a?”, ou “e no meu caso...?”. É como se fossem aquelas crianças que ficam para trás quando a professora chama a todos para ir almoçar porque não se percebeu no termo “todo mundo”.

Minha escola é grande, são mais de 700 alunos, o número de perguntas desse teor não chega a isso, e mesmo assim são muitas. Olhar para cada caso, cada contexto demanda bastante, um tempo que anda muito escasso e invadido. Uma ou outra situação reconsideramos e flexibilizamos enquanto equipe gestora, mas em muitas solicitações das famílias somente temos o poder de ouvir, numa tentativa de reconfortar, de se colocar no lugar, de buscar de alguma forma se fazer presente como um apoio. Mas e quando a pergunta é “e para mim que tenho três filhos, estou desempregada e sou sozinha com eles?”, ou ainda “meu filho não pode revezar presencialmente, pois não tenho com quem deixá-lo e preciso trabalhar”. O que fazer com toda essa escuta dessas pessoas que fazem parte do todo mundo, mas tem necessidades que são só delas? Se elas carecem de um olhar diferente elas não fazem parte de “todo mundo”? Se não são “ninguém” então quem são? Ao buscar explicar o inexplicável às vezes ouço agradecimentos, às vezes não recebo nada em troca, ou ainda que eu ou a Prefeitura devíamos pensar melhor sobre tal situação. E aí fica aquela pergunta me martelando, o que fazer com toda essa escuta desses alguéms que precisam de um olhar a mais?

Fico pensando também naqueles que nada perguntam, eles entenderam tudo e se veem como todo mundo, ou se veem à parte, consideram-se “ninguém”? Nessas horas, apego-me a Paulo Freire que disse “me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente” (FREIRE, 2002, p. 106), e assim busco pensar que a escuta, ao menos, mesmo que sem respostas, me traz a possibilidade de entender e reconhecer com quem dialogo. É uma forma de me mover nessa grande roda, cheias de pessoas num ritmo muito rápido, que estou pensando em acompanhar, buscando um ponto fixo para não me desequilibrar, e fôlego para continuar.

28 de julho de 2021.



## Diálogos: tramas e dramas do humano

Beth Rossin

Inverno, estação que acolhe e abraça nossa alma com suas noites frias e ventos que falam alto aos nossos ouvidos, convidando-nos para o idílio. Parece possível sentir o sonho dessa gente humana desvelado nas faces sorridentes, mesmo com a ausência dos dentes em suas bocas. A criatividade salta aos olhos na forma inventiva de transformar uma madeira numa parede para aconchego de uma casa. Tem colorido no desenho, na pintura e nos objetos que simbolizam o direito humano ao belo. As flores comparecem com sua vitalidade e juntam-se as cores de todos os tons.

As tramas com os dramas da vida que pulsa nesse lugar carregam a intensidade do amanhecer, entardecer e anoitecer, sinalizando as alegrias, mas, também, os perigos para quem ali vive.

Os barracos são grudados uns aos outros e as vozes dos que ali vivem ecoam com muita força. Argemiro, também conhecido como Magrão, tem 29 anos, é rude, agressivo e ameaça a todos quando é contrariado. Mas, sabe que pode enganar com uma aparência dócil, amigável e assim o faz quando a realidade pede. Sua palidez, magreza e desânimo diante do cotidiano da vida às vezes assusta, porque expõem uma fragilidade que beira a morte.

A vida de Argemiro, o Magrão, é carente de sentidos. Sofre com as dores físicas que adquiriu em vários acidentes de trabalho e agora, sem trabalho, dói ainda mais a busca pela subsistência.

Seus cinco filhos pequenos sobrevivem à mingua, é fome mesmo. Sua companheira Celeste, 25 anos, é uma mulher bonita, alta, cabelos longos, negra, olhos de jabuticaba, mas sofre em silêncio. Um silêncio só dela, porque dos barracos vizinhos seus gritos de dor ecoam. Não tem um dia que não apanha até cair, e assim dorme sangrando. Os filhos seguem a mesma rotina. Comida, não tem. O que tem é surra com dores que calam e, quando ousam gritar, ninguém os ouve.

A vida demonstra que isso não é normal e respostas existem para essa barbárie. Parece simples de resolver, mas difícil de concretizar.

Estefânia é uma das cinco crianças que vivem no domicílio de Magrão e Celeste. É uma menina de 7 anos, franzina, negra, cabelos curtos, filha da Celeste e pai desconhecido. Sempre que encontra uma brecha, sai escondida do barraco para se juntar às crianças. Entristecida e com medo da forte violência que a espera antes de dormir, procura espalhar e se dar ao direito de brincar.

Essa pequena infante respira a violência praticada pela sociedade, pelo Estado e, na sua vida privada, sofre o silêncio do abuso sexual perpetrado por Magrão, seu padrasto. Todavia, Estefânia carrega consigo a resistência e o desejo de viver sua infância com doçura e rebeldia. Planeja, minuciosamente, cada passo para driblar os perigos que a vida lhe impõe e, na mesma medida, tomar posse das fantasias de uma criança pueril.

Quando o sol nasce, a pequena Estefânia tem muitas tarefas a cumprir, como o cuidado com os irmãos menores e ir à escola. Tem dias que prefere o absentismo escolar, pois vive o drama da menina pobre excluída, a qual os professores não entendem seu silêncio, reclamam da ausência da família e não apostam em nenhum futuro.

À tarde, com sol ou chuva, ela se dirige ligeira aos semáforos da cidade, correndo todos os riscos para vender

seus docinhos em embalagens surradas pelo tempo. Nessa parte do dia, sente amargamente na sua pele negra a dor de uma criança que não vive o direito humano.

E, assim, segue uma não-vida (há quem diga, isso não é vida) naquele lugar cheio de estórias humanas. O sol se prepara para ceder lugar à lua e, assim, continuar iluminando mais uma noite de inverno.

A lua cheia anuncia esperança e muitas crianças brincam nas vielas com lamas formadas do esgoto que escorre, o cheiro é forte e as moscas parecem brincar com uma ou outra criança, ouve-se até seus zumbidos. Algumas são grandes e até assustam. São muitas brincadeiras que arrancam risadas e fazem os corações infantis palpitem mais acelerado. A bola é a mediadora dos jogos de queimada, futebol, vôlei e ainda tem esconde-esconde, ciranda, ovo-choco, pula corda. A alegria pulsa naquelas vielas que estremecem com os gritos da meninada. Estefânia lidera o grupo, as brincadeiras e sabe ser conciliadora com atitudes firmes, porém fraternas. Parece que o germe da justiça habita seu pequeno ser.

Na noite de hoje, mesmo o olho mais míope, consegue avistar um carro suntuosamente grande, de cor preta, vidros escuros e com tamanha magnitude que destoia desse lugar. De maneira ágil, estaciona e alguém entrega um pacote, parece ser encomenda corriqueira para esse comprador fiel de algo que brota dessas vielas da miséria.

Um segundo carro, igualmente ostentoso, parou e recebeu sua encomenda das mãos de Estefânia, que interrompeu sua brincadeira para dar lugar ao “trabalho”.

Sem compreender, mas vivendo as tramas dessa sociabilidade (des)humana, foi vítima, mais uma vez, da humilhação desferida pelo comprador que a descreveu como a menina feia e suja, pedindo agilidade na entrega do pacote. Ao sair, Estefânia ouviu com muita dor o que esse sujeito vociferou: Você é uma negrinha imprestável até para isso.

Tomada por um sentimento de raiva e de dor vinda da miséria que habita aquele lugar, Estefânia não teve dúvidas, agachou e se tornou proprietária de uma imensa pedra que atirou na direção do vidro daquele amaldiçoado carro. Como era de se esperar, nada ocorreu. O vidro permaneceu incólume para proteção do burguês que destila seu ódio de classe.

E, assim, como um fio que tece a roupa, a vida tece as tramas que dão forma aos dramas do cotidiano. Nesse lugar estão os carros que chegam e saem contrastando com aquelas vielas sujas e feias, mas, também, com risos infantis e coloridos nas paredes. Os proprietários dos carros mal olham para aquele entorno, tão intragável aos seus pulmões e invisível aos seus olhos. É a vida que segue espriada nas trincheiras da luta de classes. Por isso, é urgentíssimo mudar o mundo.

Primavera de 2019

## Quando o (des)humano atravessa o humano: inquietações impenitentes

Beth Rossin

Ladrão não é o que assalta o banco,  
mas o que o criou.  
Bertold Brecht

Pode ser qualquer dia da semana e o embrutecimento do cotidiano não dá tréguas, porque a cada dia a luta pela sobrevivência insiste e chega com toda a dimensão objetiva da vida social, atravessando, inexoravelmente, a subjetividade dos seus sujeitos.

Famílias, crianças, adolescentes, jovens, idosos, pessoas com deficiências, mulheres, o que requerem? Direitos sociais e atendimento às suas necessidades humanas.

E com o que se deparam? Com a miséria dos direitos na sua mais profunda expressão de destruição da vida humana, a ultrapassagem da barbárie.

Entrementes, é preciso mais que resistir. É preciso lutar, em tempos que é fácil ceder.

Não se trata de abstrações do pensamento no campo das ideias, mas de narrativas que dialogam com o movimento do real, com a realidade como ela é, e não como gostaríamos que ela fosse. Pois, se é verdade, acredito que sim, que a vida é determinada pela realidade, e não pelas ideias, então vejamos algumas determinações do miúdo da realidade:

Núcleos familiares compostos em sua grande maioria por crianças e adolescentes, com insuficiência ou nenhum

acesso aos direitos sociais, às políticas públicas e aos sistemas de proteção social.

**Moradias** em áreas de risco com desabamentos, deslizamentos, enchentes, acidentes nas margens férreas por circulação de trens, dentre outros agravos de saneamento básico e infraestrutura minimamente necessários para a dignidade humana.

**Saúde e especializações, sobretudo mental**, ausência e insuficiência de serviços, longas filas para acesso expressando total (des)assistência e, quando o tratamento se inicia, invariavelmente, ocorre descontinuidade por falta de profissionais da rede.

**Educação**, acesso ainda não universalizado, especialmente quando se trata da educação infantil demandando medidas judiciais. Contudo, mesmo com a universalização da educação básica, as múltiplas determinações da realidade exigem das escolas o cumprimento da sua função social ineliminável da sua função pedagógica.

**Assistência Social**, com ofertas de serviços precarizados decorrentes das terceirizações, baixa intensidade do seu caráter de política pública, focalização, seletividade nos acessos aos programas de transferência de renda, comprovadamente insuficientes para atendimento às necessidades de sobrevivência.

**Trabalho**<sup>1</sup>, materializado por intensa exploração, precarização, uberização, o qual tornou-se apenas meio de

---

<sup>1</sup> Sobre o trabalho, faz-se necessário abordá-lo, também, como categoria fundante do ser social. Nas letras de Tonet, “[...] por trabalho, entendemos o intercâmbio do homem com a natureza através do qual o ser humano transforma a natureza e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo. É a partir dele que se cria a riqueza material sem a qual seria impossível a reprodução da sociedade. Desta forma, o modo como os seres humanos se organizam para transformar a natureza sempre será o fundamento de qualquer forma de sociabilidade.”

O trabalho, porém, não esgota a realidade social. Junto com ele ou a partir dele surgem inúmeras outras dimensões sociais, tais como linguagem, socialidade,

subsistência, desprovido de sentido e “[...] na sua processualidade contraditória, presente no ato de trabalhar, emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza” (ANTUNES, 2018, p.31).

Ademais, nessa esteira de análise, é imperiosa a presença das políticas públicas de **esportes, cultura, lazer**, as quais nos possibilitam suspender os cotidianos tensos e densos de tarefas impostas para atender as demandas da sobrevivência. Contudo, totalmente ausentes da classe que vive do trabalho.

Nesse contexto, trago aqui alguns fragmentos que narram experiências, aquelas tomadas de sentido benjaminiano, enraizadas na vivência da vida coletiva, profissional e privada. Experiência, especialmente deste ano pandêmico (2020 e 2021) e vinculada à narrativa de forma artesanal engendrada na práxis do cotidiano de trabalho.

Composição familiar de dois adultos e três filhos, uma criança de três anos e dois adolescentes, de doze e quinze anos, respectivamente. Os adolescentes têm diagnósticos inconclusivos de autismo e deficiência intelectual.

O domicílio em que residem dispõe de apenas um cômodo, onde se revezam para os movimentos, dado que os adolescentes ficam indo e vindo, de forma repetitiva, característica da deficiência. Para ter acesso ao banheiro, é preciso saltar um vão em forma de alçapão; caso se desequilibre, cai no “domicílio de baixo”, em que abriga a família extensa. A criança de três anos passa o dia atravessando o “perigo” com brincadeiras, na companhia da sua boneca.

Importante narrar que o endereço para acessar o domicílio é inacessível, a alternativa é a família aguardar num ponto próximo a viela.

---

educação, arte, religião, ciência, Direito, política etc. Todas essas dimensões têm uma dependência ontológica em relação ao trabalho, ou seja, ele é a condição fundamental de sua existência. (TONET, 2017).

O convívio de infância da menina está circunscrito a algumas vielas e lá ela se junta às demais, transitando com desenvoltura pelas minúsculas ruas, com esgoto a céu aberto e nas quais a presença dos ratos não incomoda as crianças e é tolerado pelos adultos. Num dos relatos, a menina diz que os ratos também são seus “amiguinhos”. A mãe passa o dia atrás da menina, sempre “perdida” pelas vielas e informa que sua preocupação é a “biqueira”(ponto de elevada circulação de pessoas para compra e venda de substâncias psicoativas) em frente ao seu barraco. A creche (nave-mãe)<sup>2</sup> foi descontinuada presencialmente em virtude da pandemia.

Os adolescentes, igualmente, não tiveram acesso à escola, ainda que houvesse a “opção” online, contudo, não dispõem de celulares, computadores e tampouco rede de conectividade virtual. O adolescente de quinze anos estava em atendimento num serviço da assistência social que acompanha pessoas com deficiências, no entanto, dada a escassez de recursos, a equipe técnica o referenciou para outro serviço e é, a partir dele, que me pauto nesta escrita.

Algumas cenas de presença com a família chamam atenção naquele único cômodo mencionado em que vivem, várias crianças se aglomeram juntamente com a menina de três anos. Uma delas chora demais e a vizinhança diz que é chorona mesmo, no entanto, ao ser indagada se estava tudo bem, a criança responde “sim” com os lábios e “não” com os olhos, que comunicaram imenso sofrimento, dor, desespero pela infância que ali não existe.

Seriam (in)visíveis essas pessoas que pelas legislações, aqui também incluo o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, são sujeitos de direitos? Ou são seres sociais visíveis com vozes, corpos, cérebros, estômagos, espíritos,

---

<sup>2</sup> São escolas de educação infantil do município de Campinas que compõem a rede terceirizada da educação com execução e gestão das organizações da sociedade civil, por meio de convênios firmados com recursos do fundo público.

sentimentos que (re)existem numa (des)humanidade evocada pela barbárie, na miséria da vida?

Essas problemáticas colocadas pela realidade nas suas dimensões objetivas e subjetivas ocupam um lugar de análise em que a defesa por mais justiça social, ou menos desigualdade social, encontra limites insuperáveis, pois a incontrollabilidade do capital foi fartamente demonstrada pela história.

E, nossa tarefa, talvez, seja escovar essa história a contrapelo.

Inverno de 2021.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed., Brasiliense, 1987

TONET, I. **A formação de professores e a possibilidade da formação humana**. Maceió, 2017. 11 f.



## De mãos dadas, mesmo que virtualmente...

Ana Flávia Valente Teixeira Buscariolo

... lutamos para fazer brotar, do próprio seio da  
escola pública, esta escola do povo cujos  
fundamentos técnicos elaboramos  
minuciosamente.  
Somos já muitos a ter transposto o fosso, não só  
em pensamento, em teoria, mas também na  
prática.  
[...] Orgulhosos do nosso passado, robustecidos  
pela nossa experiência, [...] todos em conjunto,  
educadores do povo, entre o povo, na luta do  
povo, realizaremos a Escola do povo. (FREINET,  
2001, p. 21).

A escrita desta narrativa já foi ensaiada diversas vezes neste tempo de isolamento social, antes mesmo da nossa reunião oficial (online) do grupo Grecotidiano<sup>1</sup>, noites que o sono não vem, as palavras se embaraçam no pensamento, esboço na mente os dizeres a dizer... Não escrevo, me perco... noite seguinte voltam os devaneios, perdidos no medo, na ansiedade... volto às conversas de whatsapp do grupo “GT Freinet”<sup>2</sup>, leio, releio, vejo ecoar o que acredito sobre a escola pública e isso acalma o coração... me vejo no outro! Isso em tempos de isolamento social é uma benção! Noção de pertencimento...

---

<sup>1</sup> Grupo de Estudos formado por professores, coordenado pela profa. Dra Adriana Varani, da Faculdade de Educação Unicamp

<sup>2</sup> Grupo de Trabalho sobre a pedagogia Freinet que acontece na EMEF Edson Luis Lima Souto

As palavras destacadas na epígrafe de Freinet estão no plural: lutamos... todos em conjunto, educadores do povo entre o povo! E é desse lugar plural que me sinto confortável para dizer, narrativamente, da **nossa** educação em tempos de pandemia.

Escolhi narrar sobre a força do coletivo, pois a necessidade de *estar com*, nunca se fez tão presente! Nas brechas de nosso isolamento encontramos no grupo de whatsapp do GT, único coletivo da escola possível para esse momento, a potência de estarmos juntos pensando na educação que queremos, não apenas em tempos de pandemia, mas para a vida!

Cabe aqui a ressalva de que meu lugar de fala é um lugar privilegiado: estou numa EMEF<sup>3</sup> onde o coletivo de professores faz a diferença. Coletivo que se constitui cotidianamente, nas discussões, nas diferenças, coletivo feito de gente diversa, mas que comunga de um mesmo ideal de escola pública.

É preciso dizer também que não foi sempre assim... eu, Ana Flávia, estou nesta EMEF há exatos 10 anos... muita água já rolou para que hoje tenhamos esse coletivo de educadores, muitas chegadas, muitas partidas, mas essa história, da constituição desse coletivo de trabalho fica para outra narrativa, pode ser?

Voltando a falar deste coletivo nos dias de hoje, abril de 2020, tendo que dar conta da nova demanda educacional que nos é imposta: pensar numa escola outra, sem ter por perto a nossa matéria-prima de trabalho, que é também a razão de nosso fazer: as crianças!

Somos professores assumidamente freinetianos, acreditamos que existe “*sob cada olhar uma alma*”, como Freinet nos dizia! Como então fazer essa escola para a vida sem o olho no olho, sem a escuta sensível, sem a presença das crianças? Como fazer a escola chegar às crianças, às suas

---

<sup>3</sup> EMEF Edson Luis Lima Souto, Campinas/SP

casas, às suas vidas... Vidas tão afetadas por essa epidemia, imaginamos nós, pois sabemos de que comunidade falamos, de que crianças, das necessidades dessas crianças... Lembro então do texto “Pão e rosas”:

As crianças precisam de pão e de rosas.

O pão do corpo, que mantém o indivíduo em boa saúde fisiológica.

O pão do espírito, que você chama de instrução, conhecimentos, conquistas técnicas, esse mínimo sem o qual corremos o risco de não conseguir a desejável saúde intelectual. E das rosas também – não por luxo, mas por necessidade vital. [...] As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, **mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa.** Precisam sentir que encontraram, em você e na sua escola, **a ressonância de falar com alguém que as escute,** de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e de belo que é a expressão de tudo o que trazem nelas de generoso e de superior.

Essa nova intimidade estabelecida pelo trabalho entre o adulto e a criança, esse novo grafismo aparentemente sem objeto, valorizado pela matéria ou pela cor, esse texto eternizado pela imprensa, esse poema que é o cântico da alma, esse cântico que é como um apelo do ser para o afeto que nos ultrapassa – **é de tudo isso que vive a criança, normalmente alimentada de pão e conhecimentos, é tudo isso que a engrandece e a idealiza, que lhe abre o coração e o espírito.** (FREINET, 1985, p. 104-105, grifo nosso).

As palavras: “mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa” inundam minha alma... especialmente **promessa...** Prometer é assumir um compromisso quase que sagrado!

Que promessas podemos fazer neste momento? De olhos marejados escrevo essa pergunta e, mais uma vez, é Freinet que

sopra em meus ouvidos e acalma (um pouco) meu coração: “o professor se conserva na órbita do humano”<sup>4</sup>.

Não sei como oferecer “pães e rosas” a distância... aí entra o dilema do trabalho a distância... Nossa prefeitura optou por retomar as aulas de forma remota, a secretaria de educação reforçou muito que não é uma proposta de EAD, que o que temos é uma plataforma online para que possamos nos aproximar de nossos alunos...

Penso em Freinet: como ele faria o uso dessas ferramentas? Ele, que levou a imprensa para sala de aula, colocou na mão de crianças bem pequenas este instrumento tecnológico na época, com o intuito de mostrar às crianças que a produção midiática impressa na França, num contexto de pós guerra, era produção humana... Ele que instrumentalizou no sentido literal: deu o instrumento nas mãos de suas crianças para que elas produzissem e tornassem palpáveis seus textos, impressos, dando a ver as palavras dos seus alunos...

Novamente me volto ao coletivo que me sustenta: no grupo virtual do GT, as discussões são intensas - sempre foram, em tempos de pandemia, então, transbordam- Surgem muitas indagações: como fazer? Como ser “Freinet” em tempos de pandemia? E seguem as trocas de ideias, os medos, anseios, questionamentos... E é lá, no coletivo virtual do nosso GT que surgem as primeiras pistas de um possível fazer...

Tamires, que já não é mais professora de nossa EMEF, mas permanece no grupo do GT Freinet, sistematiza detalhadamente uma forma de realizar os ateliês na plataforma oferecida pela prefeitura. Que riqueza! Há uma luz no fim do túnel!

---

<sup>4</sup> Essa frase me afeta profundamente, mas já não sei, de memória, onde foi que eu a encontrei...

Toda essa conversa, elaboração, produção de ideias, aconteceu antes mesmo que tivéssemos alocadas em nossas “salas de aulas virtuais”, teoricamente estávamos em recesso...

De volta ao trabalho oficial (e remoto) pudemos entrar na plataforma, tatear, explorar, tentar entender essa coisa de sala de aula virtual, ainda vazia, pois as crianças ainda estão recebendo o passo a passo de como acessar...

Em paralelo a isso, realizamos reuniões de TDC online para nos “encontrarmos” e também pensarmos em estratégias de trabalho. Mais uma vez ressalto a potência desse coletivo: muito trabalho compartilhado, ideias, materiais, livros de literatura infantil... tudo isso numa “sala de professores”, também virtual, que criamos espontaneamente e está sendo alimentada por todos os professores da EMEF e assim seguimos, de mãos dadas...

20 de abril de 2020.

## **Referências**

FREINET, Celestin. **Para uma escola do povo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

## Continuamos de mãos dadas... e por isso seguimos...

Ana Flávia Valente Teixeira Buscariolo

Tempos difíceis, educação sendo cada vez mais sucateada, o direito à ela negado pela incompetência do poder público que, mais de um ano e meio depois do início da pandemia, não foi capaz de instrumentalizar os alunos com recursos técnicos para que eles pudessem de fato ter uma educação, mesmo que online, com caráter mitigador - que é o que adotamos na nossa rede a fim de minimizar os danos impostos pelo distanciamento social... Não, nossas crianças não receberam tablets como prometido, não receberam internet digna, o acesso e permanência a esse modelo remoto foi negado!

Escolho iniciar esse texto com esse breve *relato denúncia*<sup>1</sup> do descaso de nossos governantes para com nossas crianças, com o intuito de destacar que as condições concretas encontradas por nós professores foram muito precárias! Não pretendo (e nem podemos!) romantizar a situação da educação que vivenciamos em nosso cotidiano pandêmico, mas pretendemos contar para vocês de que forma as práticas que adotamos foram possíveis mesmo frente ao caos, sem deixar de olhar para as muitas crianças que ficaram fora dessa escola em modo remoto por descaso de nossos governantes!

---

<sup>1</sup> Tomo aqui, e também em outros momentos dessa metanarrativa, emprestada a forma de escrever da professora Inês de Bragança, que utiliza a estratégia de unir palavras para explicitar a indissociabilidade de sentido das mesmas. (BRAGANÇA, 2018).

No início dessa saga em busca de uma educação remota que não fosse EAD, mas uma forma de não abandonarmos nossas crianças, foi no coletivo de nosso GTC que encontramos forças, ideias e pistas sobre que caminhos trilhar... As ideias da professora Tamires, de trazer os ateliês para o modo online, a proposta de termos rodas para uma escuta sensível - como nos indicava Freinet lá na década de 20, mesmo que essa escuta tivesse interrupções e ruídos da panela de pressão, do cachorro latindo, do choro do irmão pequeno... A escrita de textos livres, os registros do livro da vida virtual, enfim, resgatar os instrumentos freinetianos que sustentam nossa prática nos possibilitaram seguir... E seguimos nas rodas, aulas-passeios virtuais, encontros entre turmas, mesmo que pelas janelas, pela tela...

E ainda persistimos na busca ativa aos alunos, nos encontros via google meet, nas mensagens via whatsapp, nas ligações, professores diariamente se desdobrando para alcançar os alunos inalcançáveis pela falta de sinal, de internet, de celular, pela falta... pelo abismo social, insistimos para poder cumprir a promessa outrora anunciada por Freinet em seu texto **Pão e rosas**: “As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, **mas necessitam ainda mais do seu olhar, da sua voz, do seu pensamento e da sua promessa**”. (FREINET, 1985, p. 105-grifo nosso).

Mais uma vez e em Freinet que me inspiro... para pensar o fazer com as crianças e também o fazer docente, tão impactado por essa nova forma de *serestar* na escola...

Outros dizeres de Freinet ecoam muito em mim ao pensar nessas condições concretas que vivemos nesses tempos tão conturbados “O professor se conserva na órbita do humano”. (FREINET, 1978, p. 121).

Do hu-ma-no... Que humanidade? Quem olha para a humanidade do professor? Podemos ser humanos, sendo professores?

Lembro-me do poema de Brecht:

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito  
como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de  
humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada  
deve parecer impossível de mudar.

“Humanidade desumanizada”... mais um eco que grita  
em meu peito!

A experiência que me atravessa, especialmente desde  
março de 2020, me dá indícios de que não, não podemos ser  
*professores humanos...* Mais do que nunca o professor é  
uma máquina de cumprir tarefas, decretos, resoluções,  
preencher planilhas, alimentar plataformas, executor de  
tarefas insanas, disfarçadas de trabalho, sim porque para  
mim trabalho é produção humana, que traz satisfação,  
prazer, que dignifica e não esse que danifica cérebros,  
corpos e mentes!

Nessa tortura mental, física e intelectual que nós  
professores vivemos, foi (e está sendo!) no nosso Grupo de  
Trabalho Cooperativo Freinetiano<sup>2</sup> o lugar de respiro, de  
escuta sensível de trocas de experiências e práticas docentes  
e também práticas de vida, para além dos muros da escola,  
das salas de aula, sejam presenciais ou virtuais....

Neste espaço de *vida formação* nos re-encontramos, a  
noção de pertencimento faz com que possamos estar  
inteiros, despidos, de coração e alma aberta, muitas vezes  
sangrando, com a certeza de que lutamos juntos, vendo

---

<sup>2</sup> Grupo de Trabalho Cooperativo que estuda a pedagogia Freinet desde  
2017. Esse grupo nasceu na EMEF Edson Luis Lima Souto, na cidade de  
Campinas/SP. Atualmente, devido à pandemia, os encontros passaram a  
ser virtuais e professores de outras escolas e até outras redes se juntaram  
a esse coletivo.

nascer e se solidificar a força do coletivo, de um coletivo composto por seres ímpares que se tornam pares, cúmplices e parceiros, mesmo que muitos só tenham se encontrado pela janela da sala de reuniões via meeting... O encontro ultrapassa a dimensão do concreto, é encontro de ideais, de força e de sonhos - que não são ingênuos e sim combustível de luta, por uma educação libertária, por uma escola pública de qualidade para todos!

O nosso grupo de trabalho cooperativo que nasceu nas salas de aula da escola, na nossa EMEF Edson Luis Lima Souto, no chão da escola, chão sim, chão solo fecundo que faz brotar a esperança do verbo esperar anunciado pelo mestre Freire, se reconfigurou, transbordou, fez raízes fortes na nossa EMEF Edson e alcançou outros solos, mesmo que numa rede virtual, redes que tecem novas tramas, do drama, e que re-significam o *tempo espaço lugar* escola... Continuamos de mãos dadas...e por isso seguimos... porque acreditamos que a saída é coletiva!

16 de agosto de 2021.

## Referências

BRAGANÇA, I.F. S. Pesquisa narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico- metodológicas. In ABRAHÃO, M.H.M.B.; CUNHA, J.L.; VILLAS BÔAS, L. (org.). **Pesquisa (Auto)Biográfica: Diálogos Epistêmico-Metodológicos**. Curitiba, CRV Editora, 2018.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular**. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

FREINET, Celestin. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.



## Escola: espaço de viver

Elaine Cristina Panini Messa

Um prédio pode ser muito mais que uma estrutura de concreto recheada de ferro e tijolos, com suas paredes e pisos rígidos que nos levam a ter cuidado ao nos locomover por seus corredores, correr talvez não seja seguro, mas seria tão bom sentir esse espaço passar rápido por entre nossos pés.

Mas, não estou falando de uma estrutura qualquer, e sim de um prédio chamado escola, com sua identidade e características únicas, onde o correr faz parte do seu espírito, de suas entranhas, pois seu sangue são as crianças que circulam por seus corredores, que pelo nome já nos leva a querer correr.

Penso a escola como corpo humano, por isso os alunos são o sangue, afinal, estão em todos os lugares e devem estar, pois a escola é o seu espaço, lugar de conhecer, de aprender, de viver, de ser, um lugar vivo, que respira, transpira e nos faz ter taquicardia ao pensar em sua morte ou abandono.

Morte, abandono...hoje ao ir à escola e ver aquele amontoado de concreto vazio me fez sentir vontade de chorar, de acordar de um pesadelo que não quer cessar, por não ouvir a voz daquele lugar que sempre ecoa em meus ouvidos e me faz sentir viva e necessária.

Viva, essa é a escola que conheço, com seu pulsar, suas brigas, encrencas, discussões acaloradas, seus abraços, beijos, suas idas e vindas, feita de pessoas, de animais, de árvores, de flores, de plantas, de vida, de querer estar ali e não ver o tempo passar.

Mas hoje, estamos em nossas casas desenvolvendo uma escola que desconhecemos, feita de tecnologia e distância, de medos e injustiças, onde poucos têm acesso, sejam professores ou alunos; por estar nela, não é necessariamente fazer parte dela, teclamos nossos computadores, nos reunimos virtualmente, tudo muito frio e distante.

Onde ficam as trocas, os sentimentos, o calor humano? Quando estamos animados abrimos nossas câmeras e sorrimos, falamos, quando estamos estressados as fechamos e nos fechamos para dentro de nós e de nossas raivas, descontentamentos por esse momento que não passa.

Um vírus está nos mostrando o quanto a distância nos afeta, somos seres sociais que precisamos dos outros para nos sentir vivos e necessários e quando não os temos começamos a definhar, desaparecer, perder o sentido do que queremos, para onde queremos, mas não podemos ir.

Penso nos alunos desse prédio, que estão em suas casas, muitos em pequenos cômodos que não abrigam todo o seu ser, e que tem a rua como extensão do seu lar, mas o perigo está lá fora, no ar, suspenso, e então ficam presas, reféns de seus medos e das injustiças sociais. Não tem como não pensar nas injustiças sociais nesse momento, pois enquanto alguns estão aproveitando suas casas e seus confortos, muitos estão sofrendo com a falta de tudo, desde o alimento que nutre o corpo, até o convívio que enriquece a alma.

Essas crianças que fazem com que a escola exista, pois sem elas esse prédio não teria sentido, estão sendo massacradas por um sistema injusto, que só preza pelo consumo, pelo ter e não pelo ser, que ao serem ouvidas só pedem que sejam vistas, assistidas em todas as suas necessidades, físicas e psicológicas.

Todos estão discutindo o conteúdo que está sendo perdido, o tempo perdido, mas será que esse é o verdadeiro questionamento que deveríamos estar fazendo?

Ou, por outro lado, deveríamos tentar fazer algo humano por esses seres que são indefesos e reféns desse sistema desumano? Será que um ano fará tanta falta para crianças de quatro anos?

Vejo especialistas se debruçando para explicar aos pais que o tempo está a favor de seus filhos e não o contrário, nós professores entendemos o poder de adaptação dos pequenos e como recuperam o tempo perdido, é só lembrar o aluno que teve alguma doença ou acidente e volta à escola depois de um tempo, no início é difícil, mas logo se direciona e toma o remo de suas aprendizagens.

Outro ponto que me aflige é a quantidade de pessoas discutindo o que deve ou não ser feito e pensado para escola, sendo que muitos deles não fazem parte desse mundo, como se a educação não fosse algo científico, digno de estudos e pesquisas, onde qualquer um pode dar sua opinião, mesmo desconhecendo esse mundo e suas especificidades.

Somos pesquisadores, pensadores, estudamos e refletimos sobre nossos afazeres, lidamos com vidas, não usamos bisturi, mas podemos destruir o que de mais precioso existe em um ser em desenvolvimento, seu entusiasmo e futuro, pois um professor pode ser um motor propulsor ou uma âncora na vida de um aluno, encorajando-o ou desiludindo-o.

Enfim, escrevi essas poucas linhas para expressar um pouco do que estou sentindo nesses dias de isolamento social e de distanciamento de meus alunos, para dividir o vazio dos meus dias passados em frente ao computador, esperando uma interação calorosa e percebendo a frieza do espaço que nos separa, com a certeza que no retorno não seremos mais os mesmos, pois estamos carentes de gente, de contato, de estar junto... que isso seja o mais breve possível.

16 de junho de 2020.

## Retorno incerto

Elaine Cristina Panini Messa

A pandemia trouxe alguns questionamentos em relação a muitas profissões, entre elas o magistério, talvez o mais questionado. Voltando ao início, em março de 2020, todos imaginavam que seria algo rápido, de fácil solução, mas com o passar do tempo fomos surpreendidos com uma situação que piorava a cada dia.

A escola, o espaço do encontro, da aprendizagem, do conhecimento, foi fechado e passamos a nos encontrar por meio das plataformas digitais, que já estavam começando a fazer parte da vida profissional dos professores, mas de uma maneira singela, discreta, porém, diante da impossibilidade do encontro, esse foi o caminho, mesmo que muitos tenham resistido.

Com a exposição, vieram as críticas, os palpites e todos tinham algo a acrescentar, como poderíamos agir, interagir, continuar a ministrar aulas, mas e o professor nisso tudo? Todos falavam sobre os alunos, os responsáveis, a gestão, a pandemia, o que deveria ser feito, e a pessoa por trás do profissional, alguém pensou nele?

O “cumpra-se” passou a ser algo cotidiano na vida dos professores, por mais que questionassem ou se negassem, as Resoluções eram publicadas no Diário Oficial, a cada semana uma determinação, uma mudança de percurso e a adaptação passou a fazer parte do cotidiano escolar.

Após um ano e meio, retornamos ao presencial. De maneira segura? Vacinados? Alguns, sim, a maioria somente com a primeira dose, isso sem mencionar os alunos, totalmente desprotegidos.

Entretanto, as decisões foram tomadas por quem? Baseadas em quê? Isso passou a fazer parte das discussões diárias, pois nessa carreira a maioria que opina, não pertence a ela, são os entendidos, os que sabem o que é melhor para todos. E, pensando em Certeau, que destaca a tendência de submissão à manutenção do que está estabelecido como verdade, será que a verdade imposta nesse momento é a ideal? De onde vem essa verdade?

Se pensar na esfera municipal, do secretário de educação e sua equipe, que são subalternos ao prefeito e vereadores, que prestam contas à população e a grupos que comandam as escolas particulares, que com a pandemia viram seu império desmoronar por perdas de alunos. E se, observarmos o Estado, veremos que o que mais leva ao retorno, nesse momento, são os mesmos motivos que o município, ou seja, estão sendo impelidos por grupos, que têm no lucro seu maior interesse e não nas questões pedagógicas ou no estado psicológico das crianças.

Mas, estar na escola nesse momento realmente irá assegurar uma interação entre os alunos e uma melhora em seu isolamento social? Ou estamos presenciando pessoas sentadas e com medo, pois qualquer movimento é monitorado, qualquer aproximação é impedida, até mesmo o prazer de sentar-se para comer e trocar ideias neste momento não é permitido.

O professor, com sua máscara, seu *face shield*, avental, luva, álcool em gel, parece mais que irá para uma guerra, do que para a escola. Estamos na escola, mas a interação está longe de acontecer como deveria. Porém, muitas vezes o protocolo é quebrado, e a aproximação acontece, um abraço, uma conversa mais próxima, tudo muito rápido, pois logo somos advertidos de que, o que estamos fazendo é errado, podemos contaminar ou ser contaminados.

Quantos abraços deixados de lado, quantos sorrisos escondidos, quantas lágrimas reprimidas, mas estamos na

escola, os alunos estão se alimentando, em segurança, pelo menos é o que ouvimos na mídia. Contudo, será que dentro da escola é isso mesmo que está acontecendo?

Quando fomos consultados para saber o que pensávamos sobre o retorno? Quem debateu sobre os pontos mais relevantes? Se pensou na escola, nas crianças, no pedagógico e na pessoa do professor? Afinal, para a família dos alunos é opcional enviar seu filho à escola, mas para os professores imperou a obrigatoriedade, mesmo os que têm comorbidades. Não foi dada a opção a esses profissionais de continuarem no teletrabalho, por dizerem que não seria justo aos que retornassem presencialmente.

Todavia, o que é justo nesse tempo em que estamos vivendo, como entender e exigir algo em um momento tão incerto? Talvez seja “a esclerose da sensibilidade”, como diz Geraldj, ao nos questionar como passamos a normalizar atos, nesse caso obrigar os profissionais a algo que pode levar a seu fim.

Onde fica a gestão democrática tão discutida em nossa rede, os coletivos, a comunidade escolar e os representantes da sociedade, todos foram ouvidos para que essa decisão fosse tomada?

Continuam desvalorizando a categoria de professores, que são tratados como números e na impossibilidade de dar aulas, são substituídos de imediato, e a vida segue. Quiçá por uns dias, serão lembrados na escola e por seus colegas, mas com o tempo deixarão até a memória de seus pares e habitarão apenas a saudade de seus familiares.

Tempos sombrios que estamos vivendo na educação, não só pela pandemia, mas pela desvalorização que o governo tem demonstrado para com os professores, com os alunos e seus familiares.

11 de agosto de 2021.

## Como me situo em tempos da crise de saúde do coronavírus<sup>1</sup>

Maria Natalina de Oliveira Farias

Desde o dia 10 de março, eu e minha família estamos vivendo a quarentena, em função da crise sanitária mundial provocada pelo covid-19. Nesse contexto, circunstancialmente, os encontros aos poucos tomam ritmo com os corpos distantes e próximos, pelo desejo de nos manterem nossa humanidade!

Reinicieí minha participação nos grupos de estudos através da plataforma virtual. Os encontros agendados no início do ano, mas com posicionamento de tempos-espacos outros! Forma totalmente imprevisível e inesperada, porque surpreendida, eu fiquei com que aconteceu no mundo. Uma crise na saúde pública mundial, que nos fez sentir consequências profundas na nossa existência, mais especificamente alterando as relações humanas.

No decorrer dos encontros dos grupos, senti o efeito em aprender como lidar com a ferramenta de uso virtual de modo que tivesse uma aproximação em afeto e diálogo com os colegas. Percebi que as interações que ocorrem quando vemos o outro, a face, os gestos, a tonalidade da voz, favorecem um discurso ou outro. As réplicas se alternam e se diferenciam, presencial e não presencial, vendo as pessoas na tela do computador. Ainda prefiro sentir as energias do corpo do outro, porque também essas “energias” expressivas se modificam na medida das nossas interações presenciais. Faz

---

<sup>1</sup> Narrativa escrita em junho de 2020 nos encontros do GREcotidiano, grupo de estudos dos cotidianos sob a coordenação da Professora Adriana Varani, na Faculdade de Educação, Unicamp. Campinas.

muita diferença, e faço coro à radicalidade de que nos constituímos na relação com o outro.

Nesse sentido, há um estranhamento, que causa incômodo e mal-estar em estar só, como também nos expõe a uma ambiência tóxica, pela velocidade das informações sobre política e saúde pública no Brasil vindas das redes sociais. A falta do outro é uma triste constatação! As circunstâncias do cronótopo<sup>2</sup> estão trazendo as nossas consciências, signos, bem como reforçando outros.

Ailton Krenak (2019), no livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (), trouxe enunciados potentes. Ele diz que cada um de nós, habitantes da Terra, somos constituídos por uma casa comum, singular, especial, que é o corpo de cada um, que ocupa um pedaço desse planeta, mas que estamos conectados com o universo maior, que é nossa casa maior. A questão da humanidade perdida e rendida pelo grande capital traz graves consequências! Transforma nossa existência e relações com a grande Mãe Terra numa tragédia existencial. Vimos a dissonância entre esse mesmo corpo que habita nossa casa comum com a casa em comum, com a humanidade a ser conquistada e sonhada por nós!

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a

---

<sup>2</sup> O termo cronótopo é uma referência à filosofia bakhtiniana, no qual o sujeito está no mundo axiologicamente situado no tempo e espaço sempre na relação com o outro. Ver na obra *Teoria do romance II. As formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; São Paulo: Editora 34, 2018.

gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, adiaremos o fim.” (KRENAK, 2019, p. 26-27).

Para fechar aqui, ressalto ainda que Krenak afirma, na mesa 6<sup>3</sup> da Cia das Letras, com Sidarta Ribeiro, que o sonho se configura como uma instituição, e nessa instituição se admite sonhadores que as expressam de diferentes linguagens para se dar de si mesmo e no seu entorno vivente! Fazer dele o orientador das vidas com que co-existo! Do mesmo modo que podemos personalizar as imagens da natureza, personalizamos nossos sonhos, individuais e comuns para a existência de uma humanidade coletiva. O convite é ficarmos em vigilância e nos flagrar, para deflagrar outro mundo vivível.

Junho de 2020.

---

<sup>3</sup> Refiro-me à mesa 6 do evento “Najanelafestival”, publicada na página da Companhia das letras do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>

## O outro em ausência

Maria Natalina de Oliveira Farias

Após um ano que escrevi a narrativa e ao retornar a ela, não me reconheço, estranho-me, não me encontro nela mais. Tudo mudou, eu mudei... Há um claro estranhamento e um desvio e ousou dizer, “bonitas palavras” as que usei. Como dizem no ditado, “Muita água passou debaixo da ponte” e, cá e lá, as águas deixam rastros, marcas que me constituem. Os estudos de forma virtual continuaram após um ano e vejo que me habituei com situações que tatuam a rotina e o cotidiano de minha vida. Os encontros se mantêm pelas telas e, por meio do meu olhar pela janela, me esforço para escutar na e com a ausência dos corpos. “Um acontecimento estético pode realizar-se apenas na presença de dois participantes, que pressupõe duas consciências que não coincidem.” (BAKHTIN, 2003, p. 14). Minha carência pelos afetos de amizades e pelas interlocuções presenciais vai deixando aprendizagens profundas que valoram as pessoas em minha presença. Eu sou em presença do outro! Isso não muda, ao contrário, aprofunda-se no sentido de ter o sonho como uma instituição, como diz Krenak (2019). O sonho é a temática da narrativa, o sonho que circunstância meu corpo em possibilidades de futuro em presença do outro. Portanto, o olhar do outro, esse olhar nesse contexto que vivemos, de 520.000 mortos pelo coronavírus, traz essa lição, que o outro me faz falta. “Na categoria do eu, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba.” Nesse sentido pode-se dizer que o homem tem necessidade estética absoluta do outro. (BAKHTIN, 2003, p. 33).

Março de 2021.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.14 e 33.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II**. As formas do tempo e do cronótopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; São Paulo: Editora 34, 2018. 272p.

KRENAC, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



## Trabalho docente em tempos pandêmicos

Viviani Domingos Castro

Às oito horas da manhã, ligo o computador, entro no WhatsApp e no Google Sala de Aula. Decido começar o trabalho pela plataforma Google Sala de Aula. Abro as atividades postadas na semana que passou e as da semana atual. As poucas devolutivas que encontro me alegram e me motivam a continuar. Escrevo comentários para todos que mandaram fotos das atividades realizadas e, depois, um recadinho para a turma. Tento demonstrar meu carinho. Procuo estimular a participação das crianças e deixo um lembrete com o dia e o horário dos encontros virtuais. Feito isso, abro o WhatsApp: escuto alguns áudios de mães e de crianças. Retorno, uma a uma, todas as mensagens recebidas. Respondo às crianças e às mães sobre o acesso às atividades, sobre as cestas básicas... Esclareço dúvidas sobre as lições e comento as atividades recebidas via WhatsApp, já que às vezes recebo a mesma foto tanto pelo Google Sala de Aula quanto pelo aplicativo de mensagens. Faço questão de responder nas duas ferramentas. Aproveito para lembrá-los do dia e do horário do próximo encontro, também por esse canal.

Listo as famílias que não estão retornando meu contato para fazer novas tentativas. Procuo ser cuidadosa ao me aproximar. Mando um “oi” pelo Whatsapp, pergunto se está tudo bem em casa, pergunto se estão tendo alguma dificuldade nas atividades e me disponibilizo a esclarecer quaisquer dúvidas. Proponho uma reunião pelo Google Meet, ou até mesmo uma chamada de vídeo pelo WhatsApp. Às vezes reenvio algumas atividades que estão no Google Sala de Aula, mesmo que já tenham sido enviadas pelo WhatsApp.

Enquanto elaboro as respostas e orientações, penso comigo:  
- Que saudades da escola real!

Na semana passada ao procurar uma família meio sumida, recebi a seguinte resposta:

- Ai, professora, estão todos com Covid aqui em casa: eu, meus filhos, minha tia, minha sobrinha... A gente está isolado e tomando os cuidados. Eu tô em casa, mas minha tia e minha sobrinha foram para a UPA. Eu tô melhor que elas e acabei ficando em casa porque não tenho quem cuide das crianças. Desculpe, professora, tá difícil demais fazer as lições.

Ouçõ a história. Ofereço apoio e digo logo que, em primeiro lugar, devem estar a vida e a saúde de todos. Quando estiverem bem, pensaremos nas lições das crianças. Desejo cuidado e estimo as melhoras de todos da família. Desligo o telefone, mas não consigo parar de pensar neles.

Dois dias se passam. Decido mandar uma nova mensagem perguntando como estão e como passaram o final de semana. A mãe me envia um áudio. Escuto. Ela não contém o choro. Me diz que se sente um pouco melhor mas que sua sobrinha não está bem. Antes de terminar de ouvir seu áudio, vejo que ela enviou também fotos e vídeos. Paro o áudio para ver as imagens. Era alguém desacordado numa maca. Uma moça sendo levada para dentro do carro do SAMU. Meu coração dispara! Era a sobrinha que havia passado o final de semana sendo atendida na UPA em estado muito grave e que, naquele momento, estava tendo paradas cardíacas pela falta de ar. Percebo que a mãe dos meus alunos, também com COVID, filma a cena enquanto fala comigo. Parece estar com medo, apavorada. A equipe do SAMU presta socorro e organiza a transferência da moça para um hospital com mais recursos. Ela filma tudo com receio de não entender a explicação do médico. Tem medo também de perder a sobrinha. Me sinto impotente. Nas filmagens, o médico afirma que a moça será muito bem cuidada no outro hospital. Ele tenta acalmar a mãe do meu

aluno dizendo que a moça é jovem e que o outro hospital tem mais recursos. Diz que ela ficará bem e que tudo dará certo. Palavras muito sensíveis. Ela chora enquanto filma a equipe do SAMU partindo com a sua sobrinha.

Fico muito tocada com tudo isso. Sozinha, fico pensando e tentando imaginar o que ela sentia na hora em que filmava aquela cena. Pensei que resposta eu poderia dar. Deixei o tempo passar um pouco antes de tentar responder.

março/2021.

## **Escola e família - como anda essa relação durante a pandemia?**

Viviani Domingos Castro

O desafio proposto era voltar à narrativa “Trabalho docente em tempos pandêmicos” e, a partir da experiência de leitura desse texto, produzir uma nova escrita. Relendo a primeira narrativa e observando a repercussão que sua leitura teve em diferentes grupos, fiquei mobilizada a escrever sobre a relação entre a professora e as famílias das crianças nesses tempos difíceis.

Durante a pandemia, o trabalho das professoras e professores das redes públicas de ensino aconteceu principalmente pelo Whatsapp e pelo celular dos pais. Devido à falta de acesso dos alunos à internet banda-larga e a equipamentos adequados de comunicação digital (computador ou tablet), acabamos por interagir mais com as famílias do que com as crianças.

Para começar, tento resgatar a forma como vinha estabelecendo a relação com as famílias dos meus alunos em tempos normais, antes da pandemia. No início do ano letivo, eu sempre chamava todos os pais para conversar e propunha que tivéssemos uma relação de confiança e diálogo aberto. Nessa conversa, argumentava com as famílias que a confiança depositada por eles no trabalho da escola impactava consideravelmente a confiança das crianças na professora e, conseqüentemente, seu desenvolvimento. Propunha, então, o seguinte combinado: se em algum momento essa relação ficasse estremecida, eles poderiam me procurar para buscarmos juntos uma solução para o problema. Costumava dizer que a porta da sala estava sempre aberta para este

diálogo e buscava cuidar da nossa relação em benefício do desenvolvimento das crianças.

Ano após ano, esse combinado vinha funcionando. As famílias me procuravam pelas mais variadas razões: desde dúvidas nas tarefas escolares, passando pela quantidade de lições (às vezes achavam que estavam em excesso e às vezes pediam por mais atividades), chegando até a relatar experiências difíceis que a família estava passando, como: desemprego, doenças, separação... Em minha trajetória profissional, fui compreendendo que essa escuta sensível das famílias, entre outras coisas, me ajudava a compreender a criança como um sujeito histórico, ampliando a visão que eu tinha da criança na sala de aula.

Apesar de eu ser a proponente desse diálogo aberto e próximo com as famílias e de acreditar que essa relação deveria ser assim, não foram poucas as vezes que os relatos das famílias me arrebataram, tamanha a dureza do que me contavam. A própria experiência de estar nessa relação vinha me ensinando muito. Em alguns casos, eu solicitava a ajuda de outros profissionais e, quando o tema do relato estava no meu campo profissional, orientava, ou acolhia o relato com minha escuta.

Entretanto, essa relação se complexificou muito nesses tempos de pandemia. Com o mesmo princípio, minha intenção de estabelecer uma relação próxima de diálogo com as famílias se mantém. Devido às condições concretas impostas pela pandemia, porém, a natureza dessa relação se modificou. Muitos pais mantiveram e ratificaram a confiança já estabelecida, mas, como o meio utilizado tem sido majoritariamente o aplicativo Whatsapp, essa relação entre a escola e as famílias ficou muito mais intensa. Sem o contato com as crianças, toda a comunicação acaba sendo mediada pelos pais, intensificando e ampliando muito a interação. Com o trabalho dos pais, com os problemas de saúde ocasionados pela pandemia e por conta das dificuldades relacionadas à

aprendizagem das crianças, a comunicação passou a acontecer a qualquer horário e com uma frequência muito maior.

Já ouvi professores relatarem que os pais de seus alunos mandam mensagens de madrugada, e eu, por diversas vezes, já recebi mensagens à noite e nos finais de semana e me senti no dever de respondê-las. Sei que os excessos também acontecem por parte da escola, com professores ligando e cobrando atividades a qualquer hora, muitas vezes constrangendo as famílias em momentos delicados, como no episódio narrado por mim na narrativa “Trabalho docente em tempos pandêmicos”.

Vejo que a condição emergencial provocada pela pandemia se estendeu por tempo demais. Essa forma de trabalho, que era para acontecer apenas em caráter emergencial, vem se arrastando por mais de um ano. As escolas e as famílias têm feito o possível para se manterem conectadas, mas teremos que fazer uma avaliação cuidadosa dessa e de outras práticas instauradas nesse momento, para ajustarmos o caminho.

Sem romantizar a relação entre escola e família, reitero minha opção por uma comunicação próxima, uma relação de parceria baseada no diálogo e na cumplicidade. Defendo também que, para ser saudável, essa relação deve ter margens bem definidas, algo bastante diferente do que praticamos durante a pandemia.

Agosto/2021.

## Covid-19 e a fragilidade da vida

Juliana C. C. Buldrin Baiocchi

A nova instantaneidade do tempo muda radicalmente a modalidade do convívio humano – e mais conspicuamente o modo como os humanos cuidam (ou não cuidam, se for o caso) de seus afazeres coletivos, ou antes o modo como transformam (ou não transformam, se for o caso) certas questões em questões coletivas. (Zygmunt Bauman)

Há um mês de escrita da última narrativa, retomo esta prática ainda extasiada e perplexa diante da liquidez de nossa existência nesta modernidade, que por vezes, nos faz esquecer o quanto é frágil a vida humana. Existência que nos impõe, de repente, perceber que o que importa mesmo é o valor das pessoas, que as coisas se tornam pequenas, quando o que está em risco é a vida.

Tudo mudou de uma hora para outra, eu estava cumprindo um período de férias e voltaria ao trabalho no dia 24 de março. Esse dia chegou e eu não voltei. A ordem foi que todos adotassem o “distanciamento social” – nem todos, porque infelizmente alguns setores tiveram que continuar, seja pela indispensabilidade de seus serviços, seja pela arbitrariedade do sistema capitalista que seleciona a importância das vidas em nome do capital.

Covid-19, este é o nome dado ao novo coronavírus que se propagou mundo a fora, mostrando que é possível iniciar uma disseminação a partir da classe social mais abastada, aquela que tem poder aquisitivo para viajar ao exterior. O

surto da pandemia, ao que tudo indica, começou na China, se espalhou pela Europa e logo nos atingiu em cheio também. Hoje, quando da escrita desta narrativa, temos o registro de 38.654 casos de pessoas infectadas e 2.462 óbitos registrados no Brasil. Dados oficiais, sem entrar em detalhes sobre a subnotificação de casos no país e a grande escassez de testes para confirmação do vírus e, portanto, muitas mortes que não entram nas estatísticas.

Diante deste cenário assustador, a vida tomou outra proporção. As aulas foram suspensas, as escolas se esvaziaram, a alegria do encontro, da interação que caracteriza o cotidiano, foi transformada em aflição e incertezas. *Cada um na sua casa...mas, não é bem assim!* Eu estou na minha casa, com o conforto e possibilidades para manter os cuidados necessários e evitar a contaminação, mas e quem não tem essas condições? E quem se quer tem casa ou condições mínimas de higienização? E quem não pode parar de trabalhar, sob o risco de não ter o que comer? Questões que calam fundo em meu ser, sobretudo quando penso nos estudantes, filhos da classe trabalhadora em situação de agravo nas suas vulnerabilidades sociais e que tinham na escola possibilidade de realizar refeições, às vezes, as únicas do dia.

Não bastasse todo esse sentimento de impotência e desespero diante da realidade de muitos estudantes, a Secretaria Municipal de Educação de Campinas nos surpreende com uma resolução sobre a oferta de “aulas online”. Seria esta medida uma solução para o problema do fechamento das escolas? Na cabeça dos governantes e do empresariado do ramo das plataformas de educação à distância, certamente sim!

O fato é que mudou o tempo e o espaço das aprendizagens, mas penso que não será a educação à distância como um fim em si mesma que dará conta de substituir algo que é intrínseco à atividade humana – o

encontro, a presença, o olhar, o toque. Ademais, não é aceitável que diante da grande desigualdade de acesso às ferramentas e recursos tecnológicos, aprofundemos ainda mais a exclusão daqueles estudantes que se quer possuem condições dignas de subsistência neste contexto de pandemia e de crise social. Como ressignificar então, a proposta de oferta de educação à distância aos estudantes, diante desta realidade apresentada?

Na EMEF/EJA Padre Leão Vallerie<sup>1</sup>, escola em que atuo como orientadora pedagógica, decidimos iniciar as postagens das atividades na plataforma “Google Classroom”, somente após a entrega dos tablets com internet 4G a cada estudante, prometido e divulgado na mídia pelo governo municipal. Enquanto isso, um trabalho de acolhimento via contato telefônico e por aplicativo de mensagens está sendo feito pelos professores e gestão, a fim de – muito além da entrega dos logins e senhas de acesso à plataforma – buscar saber como essas famílias estão, quais as demandas e dificuldades de ordem da manutenção da vida estão enfrentando.

Muitos relatos de necessidades relacionadas a perda de emprego e falta de itens básicos de alimentação e higiene, foram feitos. O que fazer com essas informações trazidas por algumas famílias, e com a informação dada pela prefeitura de que cestas básicas serão entregues, à algumas famílias – em situação de extrema pobreza – somente no final do mês de abril ou início de maio?

Buscar estratégias emergenciais de auxílio a estas famílias, foi a iniciativa imediata da gestão de nossa escola. Confesso o grande desconforto vivido por mim nestes dias, o sono faltou, a ansiedade aumentou quando me deparei cara a cara com a realidade da fome, do desemprego, da

---

<sup>1</sup> Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos localizada no Parque Valença, região noroeste da cidade de Campinas/SP.

vulnerabilidade de nossos estudantes e suas famílias. A preocupação com conteúdos escolares ficou muito pequena, confesso que quase inexistente diante deste cenário. Criamos a campanha “Leão solidário”, divulgamos no site e redes sociais da escola e dispáramos aos familiares e amigos que pudessem se solidarizar conosco.

Foi então que a esperança, do verbo esperar, aquela apontada por Paulo Freire, tomou conta de mim. Emprésto as palavras dele para dizer que, “não sou esperançosa por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico”, (2002, p. 10). Esperança no poder da luta, da solidariedade, da humanização.

Até o momento da escrita deste texto, com apenas dois dias de campanha, já arrecadamos dois mil reais, oito cestas básicas completas e roupas, que serão distribuídas, inicialmente às famílias em situação de mais vulnerabilidade no momento.

Encerro esta narrativa, por hora, entendendo que há currículo em nossa ação, há currículo a ser socializado com nossos estudantes, em outro espaço, mas em tempo oportuno de se reconhecer que a maior lição a ser aprendida - em qualquer momento - é aquela que valoriza a vida e as relações solidárias.

Campinas, 19 de abril de 2020.  
Em confinamento domiciliar...

## Rastros do trabalho coletivo na pandemia

Juliana C. C. Buldrin Baiocchi<sup>1</sup>

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
Na vida de minhas retinas tão fatigadas  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
Tinha uma pedra  
Tinha uma pedra no meio do caminho  
No meio do caminho tinha uma pedra.  
(Carlos Drummond de Andrade)

Chegar até aqui e poder contar um fragmento de sentido desses tempos tão difíceis, é a certeza de que sobrevivi e sobrevivo num contexto duramente marcado cotidianamente pela resistência na e pela vida, minha e de outros/as. A *vida de minhas retinas* pôde enxergar quão imprescindível é, principalmente no isolamento, a companhia do outro. Quase um ano e meio de pandemia, tempo marcado por grandes perdas, ressignificação de espaços físicos e virtuais, ressignificação das relações humanas, da profissão, da escola, da vida. Ainda há dor, as *pedras* estão por toda parte, mas escolho falar das aprendizagens.

Em abril de 2020 escrevi uma narrativa, dentre outras questões, expondo uma preocupação a respeito do processo educacional na pandemia e a sinalização de aulas virtuais na rede municipal de educação de Campinas, a qual atuo como orientadora pedagógica de ciclos iniciais:

---

<sup>1</sup> jbuldrin@gmail.com

(...)não será a educação à distância como um fim em si mesma que dará conta de substituir algo que é intrínseco à atividade humana – o encontro, a presença, o olhar, o toque. Ademais, não é aceitável que diante da grande desigualdade de acesso às ferramentas e recursos tecnológicos, aprofundemos ainda mais a exclusão daqueles estudantes que se quer possuem condições dignas de subsistência neste contexto de pandemia e de crise social. Como ressignificar então, a proposta de oferta de educação à distância aos estudantes, diante desta realidade apresentada? (BAIOCCCHI, 2020)

Na ocasião, e ainda nos dias de hoje, essa reflexão se faz presente e vale compartilhar brevemente sobre as táticas e formas de fazer o trabalho pedagógico nesses tempos, junto às professoras e professores. Como propõe Certeau (2008, p. 35) *“uma ‘maneira de caminhar’, que pertence, aliás, às ‘maneiras de fazer’ de que aqui se trata”*.

Para Bakhtin (2011, p.23) *“urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplando sem perder a originalidade deste”*.

Olhar hoje para essa indagação, me faz entender um sentimento de fragilidade e grande preocupação que tem a ver com garantia de direitos. O incomodo ao perceber que a educação formal corria o risco de não chegar, principalmente àqueles que mais precisam, despertou indignação, resistência e luta para que de alguma forma isso não acontecesse.

Compreendo hoje, que um dos caminhos percorridos com o grupo de educadores que contribuiu para que pudéssemos planejar com vistas a atender minimamente a necessidades dos estudantes - pensando em propostas que tivessem algum sentido - foi o do fortalecimento do trabalho coletivo. O compromisso ético e responsivo dos educadores, pautado no entendimento do caráter mitigatório do momento, pode direcionar o olhar para cada proposta. Ao abrirmos mão de propostas escolarizadas pensando em

possibilidades que abrangessem várias linguagens e conexões, foi e tem sido um dos grandes desafios, e que há muito tempo vem sendo pautado no trabalho presencial.

O encaminhamento coletivo desse trabalho pressupõe que consigamos nos enxergar como grupo, e como sujeitos que estão construindo juntos um jeito de caminhar, apesar das pedras no caminho. O trabalho coletivo tem fortalecido essa caminhada e possibilitado grandes aprendizagens, pois diante de um cenário tão adverso, conseguimos reunir esforços e pensar juntos possibilidades educativas e de manutenção de vínculos com as famílias e os estudantes. As aprendizagens com e para as tecnologias da educação, também é algo muito importante a ressaltar. Os profissionais precisaram considerar a ressignificação do seu trabalho com o uso das tecnologias, e muito pode ser aprendido e deverá ser incorporado nas práticas educativas junto aos estudantes.

A vida é frágil em vários sentidos, mas aprendi mais um pouco que ela pode ser fortalecida em comunhão. As dores vividas no tempo de pandemia nos mobilizam olhar para nós e para o outro num exercício contínuo de alteridade e empatia em que não se dissocia vida de educação, formação de humanidade.

Encerro provisoriamente com Bakhtin (2011), que nos ensina que *"tudo é um ato meu, também o pensamento e o sentimento"*. Antes 2.462 vidas caladas. Hoje mais de 600.000. O que muda dentro de nós? O que muda na constituição dos seres que compõem a escola em sua inteireza? O pensamento como ato individual trazido a consciência de sermos e estarmos no mundo.

Campinas, 13 de agosto de 2021.

## Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Fraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

## A máscara faz parte de nós

Érika Righi

Iniciamos o ano letivo de 2021 cumprindo, cuidadosamente e rigorosamente, todos os protocolos de segurança de prevenção à Covid-19. Em todos os momentos reforçamos o distanciamento entre as crianças, o uso constante da máscara, a higienização das mãos e uso do álcool em gel.

São tantas as novas regras e estão tão enraizadas em nosso cotidiano escolar, que esta vivência já está se naturalizando. Para falar a verdade, às vezes me pego pensando como vivíamos antes da pandemia. Tento lembrar dos recreios em que as crianças circulavam livremente pelo pátio, em que podiam até tomar lanche no chão, como picnic. Tento me lembrar dos momentos e brincadeiras no parque, do contato, e, principalmente, dos sorrisos.

O sorriso é o que mais sinto falta. As expressões dos rostos sem dizer palavras.

Iniciamos o ano e ainda não conheço o rosto dos meus alunos.

Não consigo identificar plenamente suas feições, se demonstram estarem preocupados, alegres ou ansiosos.

Temos um combinado de nos afastarmos para tirar a máscara e bebermos água da garrafinha. Vez ou outra, neste momento, consigo ver algum rostinho por completo.

Na última semana, fui beber água e, como de costume, me afastei e virei o rosto para beber. Quando voltei meu rosto, praticamente todos os alunos da classe estavam me olhando:

- Olha a boca da tia!!! - Alguém gritou.

Coloquei minha máscara e pensei: eles também nunca viram meu rosto por completo!!!

- Vocês nunca viram meu rosto?! Então eu vou mostrar!  
- falei com a máscara.

Tirei a máscara e dei um sorriso. Eles caíram na gargalhada.

Nesta segunda-feira, 15/02/21, em nossa aula de Artes, trabalhei com eles gênero de pintura do autorretrato. Mostrei alguns autorretratos de artistas brasileiros e suas fotos.

Discutimos que o autorretrato é uma representação de si através do desenho. Pedi para observarem seus tons de pele, formato dos olhos, nariz, cabelo, boca e cada detalhe dos seus rostos.

Percebemos que todos são diferentes uns dos outros.

Orientei então que cada um fizesse seu autorretrato, tentando expressar suas características.

Eles começaram a desenhar. De repente, uma menina pergunta:

- Precisa fazer a gente de máscara?

- Claro, a máscara faz parte de nós! - Respondeu, rapidamente, um menino sentado lá no fundo da sala.

Neste momento me assustei. Me assustei no sentido de ficar surpresa. Essa possibilidade nem havia passado pela minha cabeça! E então pensei, que, se eu, com mais idade, já não consigo lembrar de como era a escola antes da pandemia, imagine meus alunos, tão pequenos, que estão no 2º ano e praticamente não vivenciaram a escola no ano de 2020.

Também lembrei-me de uma discussão que tivemos no grupo Grecotidiano, de que a forma como a escola ocorre não é algo natural, ela foi construída. E, justamente por ser construída, ela pode ser desconstruída. Acho que nunca vivemos um momento antes com tantas construções e desconstruções.

Então disse que essa era a possibilidade, através do autorretrato, de eu conhecer o rostinho deles, já que não podemos ficar sem máscara. Falei para pensarem no formato de suas bocas e dentes. Foi quando tomei mais um susto:

- Meu dente caiu, estou de janelinha!!! - Algum aluno disse.

Lembrei de como os alunos ficam felizes quando o dente cai. Quantos dentes já caíram na escola e eu os ajudei. Como eles esperam por este momento.

- Desenhe você sem dente, para eu conhecer sua janelinha! - Eu disse.

Como as aulas também acontecem de forma online e, alguns alunos fazem revezamento, quando estes estão em casa, eles pedem agora para me mostrarem suas janelinhas, já que comentei que estava com saudades e triste por perder esse momento tão esperado por eles.

Ontem quando cheguei na classe um aluno disse para mim:

- Tenho uma novidade! - tirou a máscara e estava de janelinha.

18/02/2021.

## **Relação com o outro: experiências que me mobilizam**

Érika Righi

Após seis meses da primeira escrita, volto a esta narrativa, e a primeira observação que me causa reflexão, é sobre o título. Talvez, hoje, a máscara faça parte deles, mas não de mim. Espere, vou explicar.

Não me tornei uma pessoa negacionista, que ignora todas as realidades enfrentadas neste triste período de pandemia. Também, obviamente, repudio o movimento anti-vacinas e já tomei a minha primeira dose, muito feliz e grata.

A questão é que no meio de toda essa pandemia, momentos de choro, tristeza, desespero, incerteza, saudade, privação, e inúmeros sentimentos e sentidos produzidos, e, no ano que me apresentei pela primeira vez como professora a uma turma, eu também estou me tornando mãe.

Desde maio estou afastada da escola devido a minha gestação. Dou aula de casa. Eu aqui, eles lá. Eu aqui sem máscara, eles lá com máscara.

No começo, como foi difícil. Me questiono todos os dias se sou uma boa professora. Me culpo por não estar presencialmente com meus alunos. Não me conformo de me relacionar através de uma tela com eles. Não poder pegar na mão, agora que estão aprendendo a fazer letra cursiva. Não estar dentro da sala de aula.

Sei que esta é a melhor recomendação do momento e também sei que devemos prezar pela vida. Mas, não posso negar, que como uma pedagoga, me inquieto diariamente com a relação que estou desenvolvendo com meus alunos. Quando

expresso o que sinto para pessoas que não estão na escola diariamente, muitos não entendem, afinal, é só dar aula de casa. É só explicar a lição. É só ensinar. Qual o problema disso?

No início de julho consegui participar de um encontro online do GRE, após um longo período de ausência devido ao trabalho. Essa inquietação também permeou nosso encontro, apresentando-se dentro das inúmeras e diversas vivências e situações enfrentadas por cada um.

Assim como me questiono sobre a minha relação com meus alunos, em sua forma não presencial, sentindo, diariamente, todas as perdas causadas por essa forma, também me questionei sobre a forma de fazer pesquisa em educação.

Não estar presente nos grupos tem me proporcionado um sentimento de solidão. Não tenho a oportunidade de me construir/ desconstruir na relação com o outro. As reflexões não são potencializadas pelos questionamentos e opiniões para além da minha. Não tenho a oportunidade de experimentar a alteridade e de me tornar mais humana.

Escrever tem sido um difícil exercício.

Entretanto, voltando à experiência do encontro online do GRE, estar neste dia foi como um combustível para o meu tanque que estava esgotadíssimo. Como é bom ver gente, como é bom conversar!

E sobre os sorrisos, estes também estavam presentes em nosso encontro! Ao terminar a leitura da minha narrativa para o grupo, quando voltei a enxergá-los em suas telinhas, todos estavam com um sorriso estampado em seus rostos.

Fazendo o exercício de voltar a minha escrita após a discussão com o grupo, ficou evidente para mim que o outro me mobiliza. Assim como os sorrisos dos meus alunos, os sorrisos dos colegas de pesquisa também me mobilizaram. E por mais duro que seja viver a escola nestas condições impostas de privação, fui mobilizada pelos colegas de grupo, a observar como as relações têm sido construídas, mesmo através de máscaras. Como tenho afetado e como sou afetada.

A experiência é o que me passa. Não o que faço, mas o que me passa. A experiência não se faz, mas se padece. A experiência, portanto, não é intencional, não depende de minhas intenções, de minha vontade, não depende de que eu queira fazer (ou padecer) uma experiência. A experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição. (LARROSA, 2011, p. 22)

Fui mobilizada a ressignificar minha nova condição pelos outros, pela alteridade.

E sobre ressignificar minhas experiências, tenho aprendido através da sensibilidade e também me colocando numa situação de vulnerabilidade, a reconstruir os tempos/ espaços e relações juntos com meus alunos. E digo que isto é um de meus maiores desafios.

O que mais me chama a atenção nesse movimento de reflexão de minha narrativa, a partir das mobilizações causadas pelo outro, é que através de minha experiência compartilhada, e na oportunidade de ler/ compartilhar das experiências de meus colegas, meus alunos também são afetados. Estamos todos interligados por nossas relações sociais e por nossas experiências.

Por mais prejudicados que estamos sendo nesta situação, as relações sociais continuam existindo, e isso me traz experiência para continuar.

13/08/2021.

## Referência

LARROSA, J. **Experiência e Alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.04-27, jul./dez. 2011.

## Corpos atravessados por telas

Thaís Lemi

Por meio do Projeto de Residência Pedagógica, financiado pela CAPES, dentro do curso de Pedagogia da Unicamp e com foco em alfabetização, venho acompanhando uma escola da rede pública de Campinas, desde outubro de 2020, nas séries iniciais do ensino fundamental. As atividades vêm acontecendo de maneira remota por conta da pandemia da Covid-19, que, além de muitas perdas, afastou-nos da escola, colocando o desafio de ensinar e se relacionar com as crianças por meio de telas.

No meio de novembro, as professoras da escola em que faço a Residência Pedagógica convidaram-nos, eu e outra residente, para pensarmos em alguma atividade/jogo/leitura para fazermos com as crianças durante a chamada no Meet. Houve um cuidado das professoras para que este encontro não coincidisse com nossas aulas e reuniões, adequando o horário. Quando elas nos chamaram para pensar algo, fiquei muito animada pela possibilidade de planejar algo para as crianças, mas senti uma dificuldade por não as conhecer. Sempre que planejei uma atividade, já para vivenciá-la, era após um contato, ainda que inicial, com as crianças. Nesses moldes remotos, tem sido um desafio, porque às vezes pensamos em crianças que imaginamos, e que podem não ser as crianças reais que têm vivido a mesma pandemia que eu. De qualquer modo, pensamos a partir do diálogo com as professoras, com suas sugestões e seus conselhos.

Como disse, este tempo não tem sido fácil para nenhum de nós, por isso, ressalto como as professoras têm feito um trabalho incrível, com muita atenção, diálogo e sentido em suas

práticas. Mas, ao chegarmos ao fim do ano, todas cansadas, às vezes até faltava novidade para elas depois de tanto descobrir, assim, nossa ajuda era ainda mais importante. Não sei se pensamos algo novo, ou se foi repetição do mesmo, no entanto, as ideias sempre partem de algo, ainda que cada vivência seja única. Então, busquei em meu repertório de vida, antes e durante a pandemia, para pensar algo que fosse divertido e nos levasse a nos movimentar, ainda que timidamente. Sugeri uma brincadeira da “bola imaginária”, em que uma pessoa começa com uma bola imaginária em mãos, que pode ser muito grande ou, até mesmo, muito pequena. Ela pode fazer sons, variar tamanhos, formatos, tudo conforme nossa criação... E assim foi!

Expliquei como seria o jogo para as professoras, e elas gostaram. Era a semana em que as crianças estavam estudando sobre o corpo humano e pensei que mexer um pouco nosso corpo e nossa mente também nos faz entendermos como corpo, como um sujeito completo.

Conversamos e, durante a chamada, minha colega iniciaria com a leitura do livro “Caos”, porém, como ela estava com problemas na conexão, precisei iniciar. Eu já estava um pouco nervosa, ainda que soubesse que podia contar com as professoras. Expliquei como funcionava a brincadeira, e iniciamos. No começo, as crianças estavam um pouco tímidas, mas logo se soltaram. Passei a bola para um dos meninos, ele para sua professora e assim continuou. Eu ia perguntando se a bola era pesada, se era grande ou pequena, e as crianças respondiam a partir de suas criações, e nós, das nossas. Depois, minha colega conseguiu ler o livro que havia planejado, e pudemos discutir sobre como uma coisa tão pequena pode fazer tanto em nossas vidas, a ponto de mudar tudo como está, mobilizando-nos a aprender a lidar com as situações.

Foi uma chamada divertida, mais uma experiência única, e que me deixou com uma saudade de crianças que eu

nem conheci presencialmente. Queria poder abraçá-las e tornar-me amiga, como fiz nos estágios presenciais da graduação, mas, por ora, o afeto tem sido enviado com a bola. A partir do criar para o outro, que, quando nele chega, não sei como o afeta, sou afetada e produzo sentidos..

Novembro de 2020.

## **Entre desafios e desânimos, uma busca pela experiência significativa**

Thaís Lemi

Ao retomar minha escrita sobre uma prática dentro da Residência Pedagógica, penso em como ela e as demais atividades que faço fazem parte da minha formação inicial de professora. Estando no quinto ano de graduação e vendo várias colegas e amigas, às vezes do mesmo ano de ingresso que eu, colando grau ao longo do ano, faz gerar em mim um misto de sentimentos bons e ruins! Os bons são, em sua maioria, relacionados às minhas colegas: da felicidade de ver pessoas maravilhosas formando-se professoras, muitas parceiras de luta, amigas que a graduação colocou em minha vida e que espero manter contato e aprendizados! Também fico contente por poder ter em minha formação tantas pessoas diferentes do que eu imaginei conhecer e por reconhecer como os meus caminhos percorridos foram inesperados, dentre tudo que eu poderia ter pensado, pois até hoje me questiono se a universidade seria e se é meu lugar.

Mas, sentimentos “ruins”, ou sentimentos que provocam questionamentos, também me surgem, porque fico a pensar que eu também já deveria estar concluindo a graduação por ter entrado no mesmo ano que elas. Entretanto, logo ao escrever isso, já penso em como os percursos são distintos e em como acredito nessa pluralidade de percursos que diversificam as realidades escolares. Além disso, já me contraponho também, pois, sabendo dessa pluralidade de experiências, penso nas que têm me formado professora.

Dentre elas, penso então na Residência Pedagógica, que aqui já mencionei e depois retomarei, e, para além dela, na gestão do CAPMF (Centro Acadêmico de Pedagogia - Marielle Franco), o qual estou em um segundo ano de gestão, dentre os cinco que venho cursando a Pedagogia. Penso também sobre o fato de morar na Moradia da UNICAMP desde 2018 (outro passo para experienciar tanta cultura viva expressa nos diversos cotidianos, assim como o desafio de pensar um coletivo de moradores de forma política e alinhar às lutas da universidade e da sociedade); o meu estágio extracurricular, que me ajuda a me manter em um espaço longe da família, sendo minha fonte de recursos para manter-me estudando. E assim, os tantos estudos que me compõem, como a experiência de IC, grupo de pesquisa e o querido GRECOTIDIANO... Há tantas outras experiências culturais, relacionadas com as artes, como coral e teatro, que também tenho feito... Bem, as experiências são milhares.

Então, ao retomar aqui a outra atividade remunerada que exerço sendo bolsista da Residência Pedagógica, ao longo do ano de 2021, muito julguei minha prática dentro do projeto, já que não consegui acompanhar efetivamente a turma para qual fui designada neste ano. Em decorrência das dificuldades da pandemia que todos vemos sofrendo, encontrei-me em desânimo e em fuga de conversas com pessoas desconhecidas e no início de um processo de cuidado psiquiátrico e fortalecimento do acompanhamento psicológico. Para mim, viver a pandemia e tentar a ela sobreviver dentro de um governo genocida, no qual nos encontramos, têm sido desafiador, e a isso alinhar os trabalhos e realizá-los de modo, muitas vezes visto por mim mesma, produtivista, para mim não fez sentido. De certo modo, meu corpo e minha cabeça pediam-me para desacelerar.

Mas como desacelerar alguém que sabe que dentro da prática pedagógica é que me reconheço e reconheço o outro? O corpo suplica calma, que a respiração desacelere, e aos poucos venho compreendendo meu tempo e meu modo de me

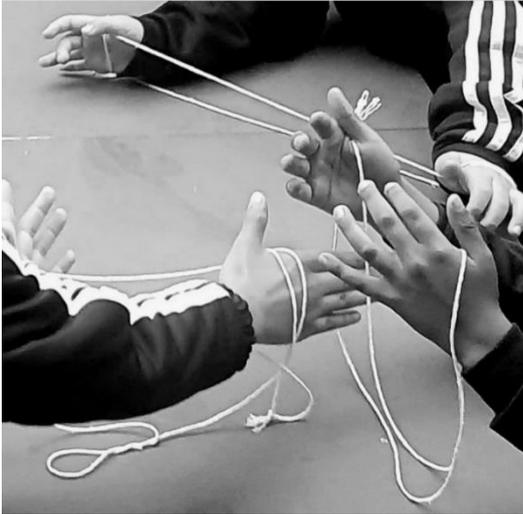
relacionar com tantos espaços de aprendizados e lutas. Vejo, então, que a RP tem sido importante para que, dentre tantos estudos e vivências críticas, teóricas e de militância, a escola ainda exista em meu cotidiano de alguma forma, para que esses aprendizados nunca se descolem do real, da necessidade de escuta e olhar atento ao meu futuro lugar de trabalho que tanto nele vivi, e muito mais espero viver.

Deste modo, esses meus cinco anos de graduação têm sido vividos de maneira intensa, profunda e especial, tenho me formado não “apenas” uma professora, mas um sujeito crítico que busca se compreender no mundo e compreender suas relações, para ensinar e aprender com outrem que assim também são. Busco questionar e compreender, e compreender e questionar dentro dessa relação alteritária de sujeitos. A minha sorte é então não me formar! Não apenas por sermos sujeitos inconclusos e num eterno aprendizado, mas também por ainda ter mais matérias da graduação a fazer. Viver mais um ano como estudante tem significado experienciar muito mais desse momento de formação inicial de professora.

13 de agosto de 2021.

## Narrativas em imagens

Patrícia Forchezatto Stevanato





## A gente aprende muito com o portão fechado

Marjorie Mari Fanton

(...) Embora o meu portão vá amanhecer  
fechado  
Sei que alguém o abriu, no silêncio da noite,  
E assistiu no escuro ao meu sono inquieto.  
(O portão – Lêdo Ivo)

- Como está a quarentena de vocês?  
-Prô, estou com saudades até dos portões da escola...  
- Dos portões da escola? Como assim?  
- É porque eles abrem pra deixar a gente entrar e sair...  
estou passando todos os dias com a minha mãe em frente à  
escola e não vejo mais ninguém entrar... é muito triste...

- Está tudo fechado, professora. Até as folhas das  
árvores estão caídas no portão!

Todos os olhinhos estavam voltados para a tela da  
professora que naquele instante ficara alguns segundos só  
observando. A vontade mesmo era de abraçar cada um, abrir  
aqueles portões e dizer que estava tudo bem, que a  
pandemia já passara.

Mas não. O que estava passando era apenas o tempo, o  
tempo perdido de não estarmos juntos presencialmente, o  
tempo que precisava ser ganho. Ali o que estava em débito  
era o tempo da presença, do encontro, do estarmos juntos.

Mas o que mudará quando retornarmos às aulas  
presenciais?

- As máscaras!! Teremos que usar máscaras o tempo  
todo – disse Antonio.

Kauã se aproximou ainda mais da tela de seu celular e nos explicou que mesmo assim seria muito perigoso ficarmos todos juntos, mesmo com as máscaras, pois estaria formando uma aglomeração.

- Não! Não pode professora! Acho que não devemos ir todos ao mesmo tempo na escola! Se alguém estiver doente poderá contaminar os outros.

Perguntei então, o que deveríamos fazer caso voltássemos a sala de aula.

Kauã e Isabelly responderam que deveria começar com menos crianças e maiores espaços entre as carteiras.

- Cerca de doze metros prô! Afirmou Ana Júlia.

- Doze metros? Os alunos ficaram atônitos com aquela resposta.

-É! Tem que ter espaço! disse Ana Júlia.

Naquele momento todos começaram a rir da resposta e a aluna parecia não compreender o motivo dos risos.

Explicamos a Ana Júlia que seriam dois metros de distância e não doze metros como ela havia nos dito. Um dos alunos explicou a ela que seria uma distância correspondente quase a altura da professora só que se fosse olhado “de lado”.

- O método de usar dois metros é pro vírus não nos alcançar! Explicou Kauã.

- Isso é matemática, afirmou Gustavo, rindo da situação. Na tela, muitos alunos começaram a mostrar seus potinhos de álcool em gel e em qual local iriam levar na escola quando as aulas comessem novamente.

-Além disso -disse Murilo, podemos construir plaquinhas igual aquelas de cachorro que não podem fazer cocô na rua, e colocar que é proibido entrar sem máscara e sem álcool gel.

- Prô, sabe aquelas monitoras que não deixam as crianças correr na hora do recreio? Então, elas terão que olhar os alunos pra não deixar ficar todo mundo junto!

- É verdade! Esta é a parte que mais detestei- disse o Antonio.

E como faremos a nossa roda de conversa quando retornarmos às aulas presenciais?

- Simples professora! É só a gente virar do lado contrário, com os pés pra fora! Sem ficar juntinhos!

A risada foi geral! A roda estava toda formada e orientada de acordo com os órgãos competentes, isto é, pelas crianças daquela sala!

Murilo todo concentrado pediu a fala na roda, erguendo seu dedinho durante a conversa e nos falou:

- Sabe a única coisa que tem de bom com o distanciamento? É que ninguém vai conseguir colar!

E seguimos nossas conversas com os portões fechados...

9 de julho de 2020.

## **“Abra-te Sésamo! Do fechamento a abertura dos portões escolares durante a pandemia”**

Marjorie Mari Fanton

Contar do processo durante o processo: eis aqui uma das questões mais peculiares enquanto professora quando ousou adentrar no chão da escola, ora de portões fechados, ora espiando pelas brechas de sua fechadura, ora se abrindo ao mundo novamente.

Abra-te Sésamo! Me vali desta expressão para falar do poder da palavra que rompe portas e portões que se abrem para aqueles que fazem uso dela em tempos como o da pandemia.

E foi no encontro das rodas de conversa virtuais, que as vozes de meus alunos foram se reverberando e se constituindo intencionalmente em resposta daquele mundo provisoriamente sem sentido. Acontecimento. Os portões fecharam-se. Para dentro ou para fora? De onde devo contar esta palavra que se veste de força quando me movo a registrá-la? Aqui, devo contá-la no sentido de metanarrar e tentar compreendê-la na ação de todos os sujeitos que participam desta complexa relação professor -aluno num tempo outro, onde a presença física não seria possível.

Começo dizendo que este novo engendrar de possibilidades suscitado pelas narrativas escritas pós rodas de conversa, revelou a construção de um modo de ver/agir/refletir fortemente marcado pela importância da escuta responsável e do falar do outro na relação que foi construída.

As respostas das crianças durante toda a interação que tivemos virtualmente me inspira porque me provoca,

conduzindo-me a ir além daquele diálogo. Decidi narrar porque me tocou aquele acontecimento. Naquele mês de março de 2020, todos os portões das escolas públicas, municipais e estaduais haviam fechado devido à pandemia do Coronavírus que assolava todo o país. Como voltar a se comunicar novamente? Nossas rodas de conversa presenciais foram naquele momento traduzidas por imagens de nós mesmos (alunos e professora) na tela de um celular. Posso dizer que este encontro virtual promoveu um intenso processo de reflexão sobre nós mesmos, cada qual com a sua complexidade. Os alunos me observavam e eu os observava, ambos, talvez na tentativa de enxergar a nós mesmos na busca de nos (in)completar. Conceitos estes Bakhtinianos sendo sentidos e vividos na pele desta escrita.

Ao metanarrar esta narrativa, me ponho a pensar: mergulhar nesta narrativa é me enxergar na imensidão deste cotidiano escolar? Ou esta polifonia de vozes outras é responsável por me contar de como está sendo percorrido este caminho?

E é exatamente na brecha deste acontecimento, a partir desses portões fechados que ora se abrem para a vida que pulsa, que nós professores ressignificamos esta experiência, tomando-a como um ato responsivo produzindo desta maneira, conhecimentos de acordo com a nossa própria prática profissional.

Abrir portões e me lançar a novas possibilidades de aprendizagem e conhecimento é o que me lanço a fazer. Portões estes que não perguntam e não nos respondem nada. Continuam ali, em inércia. Simplesmente ali: como um signo insignificante, sem opinião ou juízo a oferecer.

Mas a educação, a busca pelo conhecimento, bem como o desenvolvimento da vida, estes não devem parar. E diante da impossibilidade de seguirmos presencialmente como antes, vimos na provisoriedade daquele momento a utilização do encontro virtual como uma forma de se

comunicar. É necessário, pois, registrarmos o grande número de ausências daqueles alunos que não tiveram condições de participar dessas rodas virtuais, fato este comprovado pela grande desigualdade social em que vivemos em nosso país.

Falar das presenças é tão importante quanto falar das ausências. Uma não exclui a outra durante a formação deste percurso. Penso que talvez este portão nunca esteve tão aberto assim quando se trata de abrir oportunidades para todos aqueles que precisam passar pela escola.

Abra-te Sésamo para a igualdade social! Para a educação pública e de qualidade! Lutemos para que estes portões estejam sempre abertos para todos aqueles que tem sede de aprender.

5 de agosto de 2021.

## Dúvidas, inquietações, caminhos e descaminhos na pandemia

Rosângela Cristina Rodrigues dos Santos

Segundo Semestre de 2020... Finalmente há um posicionamento da Rede Municipal de Educação quanto ao não-retorno presencial nas escolas e creches. A sensação de alívio inicial por podermos reforçar o isolamento social que nos livrará do contágio (com alguma sorte) se contrasta com a sensação de inexperiência, amadorismo, ausência, aflição. E agora? Como ser professora de educação infantil remotamente em uma pandemia?

Venho acompanhando pelas redes sociais os comunicados de algumas escolas, tanto privadas quanto municipais, sobre a realização de atividades, videoaulas e oferta de material impresso, ou para impressão, na ânsia de que o ano letivo seja cumprido em todas as suas horas/aula, ou na maioria delas.

Vejo também relatos de mães (já que em sua maioria, são as mulheres que arcam com mais essa carga física e emocional) que se queixam da quantidade de atividades, folhinhas para preencher e completar, e das dificuldades impostas por essa dinâmica decorrente dos fatores socioeconômicos, que nos diferenciam comumente e que se agravam diante dessa pandemia.

Nós, mães e mulheres, compreendemos o efeito dessa sobrecarga de afazeres sobre o nosso emocional e as nossas relações.

Nós, educadoras em geral, e sobretudo da primeira infância, precisamos nos posicionar em defesa da educação em que acreditamos e sobre a qual seria nossa possibilidade

de ação e militância durante tão difícil período, para manter uma conexão com as crianças e auxiliar nossas famílias. Mas qual seria a nossa possibilidade de ação realmente frutífera para estarmos presentes com as crianças? Constituímos grupos de Whatsapp e nos mantínhamos conectadas com as famílias através desse meio, mas, nem com todas e nem de forma que realmente nos lembrasse o calor de ser e estar em um Centro de Educação Infantil.

A educação em geral, mas, sobretudo a educação infantil, prescinde do aspecto relacional como força motriz da ação educativa, em que as ações da criança e do educador têm a mesma relevância, retroalimentam-se para um fazer educativo dotado de sentido social, importância existencial e singularidade humana.

Não acredito em me tornar uma selecionadora de conteúdos aleatórios sob os quais se estabelece alguma sequência a ser aplicada remotamente, tal qual um receituário médico.

Não acredito em enviar “trabalhinhos” a serem desenvolvidos em casa pelas crianças e sua mãe, pai ou outro membro da família, e posteriormente ser contemplado por mim também de forma remota, situando cada um dos envolvidos no processo educativo como mecanismos de uma linha de montagem.

A figura da professora é imprescindível. O aspecto relacional é imprescindível. A família é imprescindível como uma das peças dessa tríade educativa, mas não pode ser substituta para os professores, nem absorver a falta das relações entre crianças, adultos e temas e projetos, enfim, o cotidiano escolar. Não é justo passar essa sobrecarga aos pais e mães, avós, ou tutores em geral. Não é justo considerar que está tudo bem com o semestre letivo anterior. Nós o perdemos. Tivemos que parar para defender e proteger nossa existência. Tivemos que gritar sobre a

importância da vida e seu valor intrínseco, e sobre isso tínhamos muito que aprender, ou, ao menos, lembrar.

Então, o que podemos? Podemos celebrar o valor do cotidiano e festejar a grandeza das pequenas conquistas. Estamos trancados em casa, com muito temor pelo que vivemos. Só temos a certeza do hoje, do agora e nele estaremos presentes para celebrar, conhecer e conviver com nossas crianças. Preciso resolver o paradoxo de como estar presente a distância, e isso me causa angústia.

Esta semana recebi um convite privado pelo Whatsapp para celebrar a festa de aniversário dos meus gêmeos. “Deixei os meninos escolherem um convidado só por causa da pandemia e vai ser só um bolinho, mas os meninos querem que a Prô venha cantar parabéns” – disse a mãe, com certo ar de timidez. Estive com os meninos por duas semanas presenciais e meio ano nos separava pessoalmente. Quase um quarto de suas vidas. Mas, eles preferiram ter em sua casa a presença da “Pexexola” deles.

Eu não sabia exatamente como, mas alguma relação afetiva se estabeleceu entre nós e me fez ser alguém relevante em suas vidas. Questionei como diante de tanta ausência e silêncio no grupo de Whatsapp, de repente, me trouxe até tal convite.

Era uma resposta que naquele momento me motivou a estar presente. Apenas estar presente. Ajudar a sonhar, a celebrar a vida, a lembrar o que importa.

Estive com eles pela manhã do dia do aniversário. Quebrei protocolos, abracei, chorei molhando a máscara toda. Comprei-lhes presentes e bexigas, que um dos meninos me disse que queria ter na festa, mas que a mãe não comprou. Não estive na festa e recomendei muito sobre o distanciamento social. Recebi muitas fotos da comemoração e nenhuma máscara entre os presentes.

Será que faltou instrução sobre a necessidade do uso delas? Acho que não. Todo nosso foco no primeiro semestre

foi “Orientações de prevenção e cuidados ao se contaminar”. Acho que já estão tão acostumados a estarem em risco de vida que a pandemia não assusta.

Assusta a mim, que, mesmo com tão poucos recursos, tenho inúmeros privilégios. Muitas das famílias do nosso grupo têm aprendido a se manterem vivas há tempos, para muito além do COVID. Como disse essa mãe em sua entrevista inicial: “a gente veio para São Paulo porque depois que cortou o ‘bolsa-família’ não dá mais para criar 5 filhos sozinha no Nordeste. O pai ajuda, mas é pouco, porque ganha pouco também, não é má pessoa. Aqui pelo menos tenho um teto que é meu, tem escola perto, tem água e luz. Quando um desemprega, o outro emprega e vamos levando. Agora, com a creche, eu volto para faxina e vai ficar melhor”.

Mas a creche fechou as portas, e eu frequentemente me lembrava dessa família com apenas um dos seus membros empregado. Achei que a mãe estaria frustrada com as portas fechadas e, por isso, pouco falava conosco no Whatsapp.

Perguntei a ela naquele dia por que pouco participava no grupo, e ela disse que “não tinha leitura” e que não gostava de ficar “mandando áudio, porque fala diferente dos paulistas”, mas que os meninos sempre pediam para ver as historinhas e a “prô” no celular, e isso os “distraía”. Agradeceu o envio de cestas básicas como se lhe prestássemos um favor, e não como uma efetivação de seus direitos. Em sua existência violentada, não compreendia o quanto sua resistência tem força e importância social.

Disse a ela que poderia enviar o que precisasse de forma particular e, assim, nossa parceria se fortaleceu, enchendo meu cotidiano das falas, fotos e presença deles.

Acreditei que era possível ser escola na pandemia. Que a escola é meio que etérea, corporificando-se nesses momentos, nesses seres que se fazem humanos na apreciação de suas forças, lutas e simplicidade. Nesse

momento, percebi que só precisava certificá-los de que eu estava lá. Eu, professora. Eu, escola. Eu, que me importo. E que iria passar. Que a gente voltaria a se abraçar.

Refiz minha força para seguir até o final daquele semestre, ainda com um vazio no peito e uma angústia pesarosa diante de algumas certezas: precisávamos muito de escolas abertas e essa pandemia não iria nos deixar tão cedo.

13/05/2020.

## **Decifra-me, ou te devoro – ou da educação infantil mediada pela mídia e intermediada pelas mulheres/mães**

Rosângela Cristina Rodrigues dos Santos

A VIDA COTIDIANA é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais "insubstancial" que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. (HELLER, 1985, p. 17).

[...] a "ordenação" da cotidianidade é um fenômeno nada cotidiano: o caráter representativo, "provocador", excepcional, transforma a própria ordenação da cotidianidade numa ação moral e política. (HELLER, 1985, p. 41).

Aproximadamente 1 ano e 5 meses após a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar a pandemia de COVID-19, volto meu olhar para as preocupações que eu, como professora de educação infantil, enfrentava no início dessa

toada. Lembro-me de como me sentia muito ansiosa para verificar se minha atuação tinha sentido e relevância para todas aquelas crianças, que tão precocemente foram privadas da convivência coletiva em nosso Centro de Educação Infantil.

Quando a pandemia nos acometeu, em meu grupo de trabalho, nos propúnhamos a pensar sobre formas de estruturar o cotidiano na/da educação infantil, o que implica pensar em como as necessidades amplas das crianças seriam acolhidas para construir um ritmo de vida cotidiana que abarcasse a rotina institucional, e que se expandisse para além dela, buscando tomar as manifestações dos pequenos como guia para organizarmos essas ações pedagógicas em nosso contexto. E esse era um desafio gigantesco, mas estimulante.

Porém, nosso contexto, foi por “máscaras e isolamento abaixo”. A modificação das relações, a mediação das interações, não só nos tirou da zona de conforto, como nos vendou e nos empurrou para um campo desconhecido. Sentir-se de novo familiarizado, só mesmo ao notar que o velho desejo de nos sentirmos parte de um coletivo maior, de sermos vistos e ouvidos, nos permitiu manter o que a escola tem de mais valioso: o estreitamento das relações, o encontro das histórias de vida, o toque de uma existência em outra existência que conta sobre um desejo humano de acolher e ser acolhido, de encontrar ressonância nas singularidades e diversidades. Cada um a seu modo, cada qual a seu tempo, mas em algum momento havia uma manifestação que dizia: ainda estou aqui. E você?

Iniciei este texto com uma citação de Agnes Heller que me fez pensar na grandeza do cotidiano, para revelar as manifestações do gênero humano através da singeleza dos gestos, hábitos e atos rotineiros, que também expressam um recorte histórico, revelam alteridade e homogeneidade, ruptura e continuidade, sendo, agora, alterados, modificados. Todos nós, em alguma medida, tivemos de

emergir, olhar em volta e repensar cotidianos. Será que essa pandemia foi capaz de nos fazer notar essa força, sua capacidade homogeneizadora e, ao mesmo tempo, possibilitadora da transgressão?

Não posso generalizar, quicá algum cientista possa logo mais à frente estabelecer regularidades, padrões. Mas, posso me voltar para a minha prática e as práticas relatadas por meus pares e dizer: nunca estivemos, enquanto escola, tão infiltrados nos cotidianos das infâncias, das crianças, das famílias, como estamos agora. A sensação de proximidade, de familiaridade e de cumplicidade é pujante. Ainda que sejam por poucas fotos, falas, vídeos, efêmeros momentos de interação, nós pudemos compartilhar um olhar que jamais tivemos: o olhar por dentro dos cotidianos.

Pensei sobre algumas experiências que me tocaram neste tempo todo e que ampliaram ainda mais meu olhar para o valor das interações com as famílias na educação infantil, para compartilhar nosso modo de enxergar a infância e cada sujeito, criança ou adulto que lá estiverem, com suas necessidades, expectativas e possibilidades.

Em uma ligação, domingo de manhã, ouvi de uma das mulheres/mães do nosso grupo: “Se não fosse pela minha filha, eu tinha vontade de fazer uma besteira e desaparecer. Mas, eu sei que ela precisa de mim, então eu fico. Está difícil demais. Obrigada por me ouvir, eu só queria desabafar e não tenho ninguém. Assim que a escola abrir, eu levo minha filha. Somos só nós duas mesmo.”. Compreendi que esse contato foi semeado na entrevista inicial em que ficamos, todas as/os educadoras/es disponíveis para ouvir somente aquela mãe e sua história com sua criança. Criou-se um elo entre nós que a fez se sentir confortável para, em um momento de desânimo e desespero, sermos (nós, escola fechada) alguém em quem ela confiava.

Ao retornarmos para o atendimento presencial, ouvi: “Eu me lembro da história que você contou. A minha mãe deu risada comigo!”. Eu já não estava certa sobre o nome do

menino que agora pertencia à outra turma. Mas, ele se lembrava de mim, do momento em que me ouvia junto com a mãe e da risada dela. Perguntei qual era história, e ele sorriu e correu para o parque. Acho que não se lembrava e minha pergunta teve aparência de teste, ou seu silêncio foi o modo de dizer: “O importante já foi dito! Naquele dia, eu e minha mãe sorrimos juntos com uma história que você (professora presente da escola fechada) nos contou.”. E precisava lembrar mais?

Nesse tempo de atendimento remoto na pandemia, recebemos vídeos das famílias extrapolando as provocações sobre o desenho e pintura, como os rostos pintados como palhaços do M. com seu pai; e o cadeirão de refeição, que, dentro de um apartamento pequeno, se tornou plataforma de pintura, ressignificando para a criança aquele móvel e permitindo nova experiência. O enredar-se muito além das proposições com as tintas, argilas, areia, sementes, grãos, ervas aromáticas, linhas, fios, essências e tantos outros materiais enviados, estabelecendo protagonismo familiar naquela atuação.

Os diversos compartilhamentos dos lampejos do cotidiano convidaram a olhar modos de ser família, de tecer infâncias.

Refleti sobre o movimento de dar a palavra às famílias. Indaguei-me sobre como ali se vê o poder da figura do professor e todas as outras atuações do modo de ser que a sociedade impele: jeito certo de morar, jeito certo de maternar, jeito certo de falar, fotografar e escrever. Pensei em como se deu essa abertura para as famílias nos entremeios de ceder às barreiras de autoridade professoral e avançar na intimidade familiar. Como essas ações culturais da escola, que historicamente calou as famílias, agora se aplicam à escola que pede: "Falem conosco! Sua maternagem pessoal me importa neste momento e desejo retocá-la. Mostre-se! Sua criança também é responsabilidade minha, ainda que de mim distante.

Não a esconda, nem a oculte. Queremos saber o que se passa aí no íntimo do seu lar!”.

Pensei inclusive em como majoritariamente lidamos com mulheres/mães nessas “intermediações” (se me permitem o trocadilho), confirmando as notícias acerca de como a sobrecarga feminina nesta pandemia nos impacta.

O longo período de silêncio da família dos gêmeos, o que depois se desdobrou no valoroso pedido de comparecimento à sua festa, me mostrou que nem toda ausência de comunicação era ausência de interação, de produção de sentido e significado, ou de produção de presença e valor. Levou-me a indagar que a interação mediada pela internet pode ser invasiva demais para produzir respostas, que as respostas podem não necessariamente atender ao formato que pedi, mas que, em algum momento, virão e, mesmo que não se materializem como idealizei, houve alguma interferência nesses cotidianos que produzirão algo totalmente fora do meu controle, que pode ou não me satisfazer, mas que foi lançado e será absorvido por essa interação grupal a que a criança sequestrada pela pandemia fez acontecer. A criança se fez notar. A criança destacou no meu olhar as ausências que havia na relação entre a família e a escola e produziu um vínculo que escancarou a importância dessa cooperação. E qual o valor desse aprendizado? Eu acho imenso.

Escrita produzida ainda em contexto  
pandêmico em agosto de 2021.

## Referência

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. Trad: COUTINHO, C. N.; KONDER, L. . 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

## **Tempos de pandemia e (des)razão: alunos virtuais escola real?**

José Antônio de Oliveira

Desde o ano de 2020, vivenciei, venho vivenciando numa escola pública estadual, localizada numa das periferias da cidade de Campinas, o grande investimento e esforço de gestores e professores, para dar conta não apenas das demandas oficiais que chegam da Secretaria de Educação do Estado, mas também aquelas da comunidade, que se apresentam sempre como desafios incertos, ou impossíveis, uma vez que vão além do que entendemos como uma possibilidade da escola.

Definiria o ano de 2020, como também esse primeiro semestre de 2021, como uma experiência de busca para tentar nos equilibrar numa corda bamba, ainda “carregando água com a peneira”. Por um lado, mesmo com uma série de iniciativas de gestores e professores envolvendo desde providências quanto a reformas e adequações necessárias da escola para receber os alunos quando for possível o retorno, o sentimento é que nada consegue enfrentar o problema de frente. Arriscaria afirmar que as famílias não reivindicam apenas os filhos na escola, mas também trabalho, comida na mesa, mais dignidade, enfim.

Logo no primeiro mês de suspensão das aulas em 2020, sem perspectiva que a mesma iria retroceder a curto prazo e, diante da necessidade de se pensar alguma ação pedagógica, a primeira iniciativa foi a realização de uma pesquisa, de atualização de contatos e verificação de quem contava com condições para realização de aulas e atividades, de forma remota.

Nesse caso, mesmo em meio às incertezas que alguma iniciativa poderia surtir efeito, foi proposto e se decidiu, coletivamente, pela criação de grupos de Whatsapp por salas, além de uma plataforma chamada Padlet, através da qual professores começaram a postar atividades e restabelecer algum contato com os alunos e suas famílias.

Os professores das diversas disciplinas também foram divididos em grupos de forma que numa semana um grupo postava atividades, enquanto o outro fazia ligações para alunos e familiares a fim de acompanhar a realização das atividades.

De nossas casas, pois estávamos em quarentena, fomos descobrindo que, dos aproximadamente 40% de alunos que contavam com internet e algum equipamento para receber e enviar atividades, a grande maioria possuía apenas um aparelho de celular, e na maioria das vezes, compartilhado com os pais, irmãos e irmãs. Uma questão interessante foi a percepção que em relação aos professores isso também não era muito diferente.

Quando ligávamos não era raro pai ou mãe atender e explicar que os filhos não faziam atividade em razão de levarem os aparelhos para o trabalho, uma vez que era a única forma de comunicação com os filhos que ficavam sozinhos em suas residências. O sentimento era de mais impotência ainda, pois sabíamos que para muitos pais e mães da comunidade, fazer isolamento social não era uma opção possível. Esse fato ajudaria a explicar a grande dificuldade que gestores públicos encontraram, continuam encontrando para controlar a pandemia através do isolamento social? Nesse contexto, além de postar atividades, outro trabalho permanente no ano de 2020, foram as inúmeras campanhas de arrecadações e doações de cestas básicas, além da ampliação da horta da escola que até então havia sido proposta unicamente para fins pedagógicos, mais que no atual contexto, com apoio de membros da própria comunidade passou a cumprir outros

papéis, especialmente tendo em vista a segurança alimentar. No entanto, algumas perguntas surgem: Devemos aceitar passivamente que essa seja, ou se transforme numa das preocupações da escola?

A partir do mês de outubro de 2020, quando então passamos a viver momentos de algum afrouxamento das restrições, o laboratório de informática da escola, passou a ser aberto, de forma que os alunos que não contavam com as condições para fazer as atividades, em pequenos grupos, pudessem fazê-las.

Ao iniciar o ano letivo de 2021, novamente pairavam mais dúvidas que certezas. Como a expectativa era de uma possível volta às aulas presenciais, a opção foi de continuar tentando manter um vínculo com os alunos, a partir somente de postagens de atividades. No entanto, outras perguntas também continuavam sem respostas: Podemos considerar que o ano letivo de 2021, realmente reiniciara a partir das atividades no formato oferecido? Como conceber um aluno de forma virtual e tornar a escola real para ele? Existiria esse aluno, como também a escola?

Do final do mês de abril a meados de maio de 2021, sem perspectivas que as aulas presenciais poderiam voltar, a curto ou médio prazo, escola inicia então um outro movimento que foi tentar oferecer também aulas a distância através do Google Meet, buscando, manter, ou restabelecer alguma atividade pedagógica, de forma minimamente interativa. No âmbito pessoal, muitas questões marcaram essas primeiras experiências. Uma delas, a pouca presença nas aulas virtuais, a outra é que, dos “presentes” é raro quem se dispõe a alguma interação abrindo a câmera para se expor, por exemplo. Ao manter contato via telefonemas para alunos e familiares, descobrimos também que a baixa participação não deve apenas a falta de interesse das famílias e seus filhos, mas também as condições principalmente de acesso à internet.

Desde as primeiras aulas virtuais pelo Google Meet, ao serem indagados sobre como estavam, e como foi/está sendo ficar mais de um ano sem ir para a escola, algumas respostas de alunos de 8ºs e 9ºs anos chamaram atenção. De Maik ouvi apenas que a escola fez falta, Giselle disse que sentiu mais falta das amigas, e de todas as manhãs sair para ir à escola. Mas, foi à manifestação de Liriel, a única falante desde o primeiro encontro, que provocou “uma respiração mais funda”. Disse ela: *“ Ah, foi ruim, pois tenho que cuidar da minha irmã o dia todo e isso é muito estressante, sabe? O que mais faço é ficar no celular, mas ela não deixa, além do mais, tenho que acordar muito cedo todos os dias”*. E completa: *“Acho que perdi uma parte do meu cérebro sabe?”*. Durante as aulas, não foi raro ouvir Liriel repreendendo a irmã que intervia quando participava das atividades online.

Desde então, viemos mantendo um encontro semanal de trinta minutos, porém com uma participação muito baixa, isso mesmo com contatos constantes, via ligações telefônicas, o que nos leva a concluir que a melhor opção até então seria não considerar que o ano de 2020/2021 como letivos, o que continua suscitando muitas dúvidas e incertezas uma vez que isso dependeria de outros investimentos e planejamentos do poder público, o que no momento parece uma providência improvável, especialmente no atual cenário político brasileiro.

Finalizando essa escrita, o que temos de mais certo, infelizmente são as incertezas além das inúmeras perguntas sem respostas entre elas: como analisar os impactos nos alunos, filhos da classe trabalhadora, nesse um ano e meio distante da escola? Para “alunos virtuais” existiu uma escola real? Essas são algumas das perguntas que permanecem nesse momento.

28/06/21

## Todo amanhã se cria num ontem através de um hoje

José Antônio de Oliveira

Ainda pior que a convicção do não e a incerteza  
do talvez, é a desilusão de um quase  
(Quase- Pensador- Poemas de Incertezas).

Num primeiro momento, procurava, porém, não visualizava, um ponto de partida, a partir do qual poderia “alargar” compreensões do já narrado na primeira escrita<sup>1</sup>. Observava os livros de minha estante como que indagando a cada um deles: Como pensar a Educação Pública, a profissão docente nela, nesse nosso tempo abatido, não apenas por uma pandemia causada por um Vírus, mas também, pela ausência de racionalidade a qual parece mais ter cedido lugar a (de)srazão? Como se não bastasse, o que fazer quando lembramos que tal (de)srazão ocupa hoje as esferas do poder máximo do nosso país, influenciando de forma negativa “as ruas”, como também as mentes de vizinhos e até amigos? Perguntas que angustiavam, mas que, nem por isso me faziam ver como única saída, o pessimismo.

Aceitei o convite do grupo de Estudos GreCotidiano da FE/Unicamp, grupo esse, do qual faço parte, formado por

---

<sup>1</sup> Esse é um exercício de escrita da escrita, em busca de uma Metanarrativa. Percurso esse inscrito na perspectiva das Pesquisas Narrativas, e já experienciado por outros pesquisadores, por exemplo, do *Grubakh do Gepec- Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Continuada* da Faculdade de Educação da Unicamp, cujas reflexões encontram-se publicadas no texto: *Metanarrativas bakhtinianas: uma etapa dos estudos do Grubakh*.

Professores(as), Pesquisadores da Educação Pública nas Áreas de Educação Integral, Cotidiano Escolar e Formação de Professores, o qual nos lançou o desafio de narrar e metanarrar vivências de professores nesse tempo da Pandemia da Covid-19. Ao investir num trajeto próprio de escrita, tal proposta foi se constituindo numa experiência<sup>2</sup> de resistência, uma vez que ao buscar dialogar com as reflexões de alguns autores, fui me deparando novamente, com visões de mundo que foram fazendo surgir em mim novas disposições para continuidade da luta, um percurso que pode ser compreendido como uma experiência formativa, possível mediante o exercício com a metodologia da Pesquisa Narrativa<sup>3</sup>.

Como em destaque, já desde a epígrafe, não parava de escrever, mas também de pensar que uma das questões em jogo nesse nosso momento histórico parece ser aprender a lidar e a superar uma realidade de democracia constantemente ameaçada, uma situação que contribui ainda mais para negação, ou para prevalência de uma quase garantia de direitos iguais, inclusive a uma Educação Pública de qualidade para uma população que ainda tem na escola pública o seu principal espaço de formação e socialização de suas culturas e visão de mundo. Direito esse, que, mesmo

---

<sup>2</sup> A palavra experiência é citada aqui no sentido proposto por Jorge Larrosa, para quem a experiência não se resume as vivências, ou ao que se passa todos os dias, mas o que nos toca, nos forma, nos transforma, de um dia para o outro ou no curso do tempo, ou ainda aquilo que resulta da mediação entre o conhecimento e a vida humana: *A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriarmo-nos de nossa própria vida* (Larrosa, 2004, p.130).

<sup>3</sup> A partir de Bakhtin (2010), o Grubakh (Grupo de estudos sobre Bakhtin), assim explica a Pesquisa Narrativa, tendo em vista sua perspectiva metaformativa: *A pesquisa narrativa como formação docente para além de auto formativa, se acha inscrita num desejo, num ato emotivo-volitivo como ato responsável, porque não indiferente ao outro de quem nos aproximamos amorosamente, portanto nos impele ao ato*

contando com garantias constitucionais, quase todos os dias são afrontados como se fossem letras mortas<sup>4</sup>.

Num dos cantos de minha estante, estavam algumas obras de Paulo Freire, muitas escritas bem antes de tornar-me professor, a maioria já visitadas, o que não diminuiu o sentimento que merecia outros cotejos e aproximações, a partir de releituras.

A primeira obra do “mestre dos mestres” da educação Brasileira, a qual busquei me aproximar novamente nesse momento, foi “ Educação e Mudança.” (FREIRE, 1979). Ao realizar uma primeira leitura me deparei com o capítulo: Educação e o Processo de Mudança Social.

Ao destacar a capacidade humana de se colocar enquanto ser de uma permanente busca, nos lembra também de ser essa a “raiz da educação”. A exemplo de todas as suas obras, Freire (1979), aprofunda as reflexões sobre sua aposta na educação, em razão de ser ela capaz de potencializar uma resposta à finitude humana, à medida que dessa finitude podemos tomar consciência, e, a partir dessa consciência, também nos colocar na condição da busca por

---

<sup>4</sup> Já não é segredo que uma das marcas das políticas públicas do atual governo Federal Brasileiro, desde o início, é a insensatez, o firme intento de desmonte do Estado de Direito. Se no campo da educação pública um dos desmandos do governo federal foi vetar o Projeto de Lei nº 3.477/20 o qual previa internet grátis, para fins educacionais para professores e alunos da escola pública, não podemos esquecer que nessa rota de desmando estão também os Povos Originários Brasileiros. Desde meados do mês de junho de 2021, acompanhamos e assistimos o Governo Federal colocar em votação e aprovar no Congresso Nacional, o Projeto de Lei nº 490/2007, projeto esse que flexibiliza, muda os marcos legais referentes a reconhecimento do direito às Terras já demarcadas e em vias de demarcação, nas quais vivem a maioria dos povos indígenas da Amazônia Brasileira, direitos esses, a partir de muita luta, já previsto em nossa Constituição Federal de 1988. Lembramos que o referido Projeto de Lei nº 490/2007, já havia sido rejeitado e arquivado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara, ainda no ano de 2008.

ser “mais”. “A educação muda o homem, não a sociedade”, defendeu P. Freire em toda sua trajetória.

No percurso de refletir sobre essas características humanas, e nelas o papel da educação, cheguei no momento que destaca as características de uma sociedade em transição, um processo histórico vivido por nosso país, que o autor sempre convocou e desafiou a educação, sobretudo pública a oferecer sua contribuição. Para P. Freire, é através da educação que os homens podem alcançar sua condição para se constituir enquanto sujeitos da sua própria história. Nos lembra que mudanças sempre fazem parte e estão presentes em nossa história. Assim se coloca ele, no momento que reflete sobre o conceito de sociedade em transição a qual vivia, naquele determinado momento histórico, que em minha concepção, lança luz para compreender também o nosso momento histórico atual:

Uma determinada época histórica é constituída por determinados valores, com formas de ser ou de comportar-se que buscam plenitudes. Enquanto estas concepções se envolvem ou são envolvidas pelos homens, que procura a plenitude, a sociedade está em constante mudança. Se os fatores rompem o equilíbrio, os valores começam a decair; esgotam-se, não correspondem aos novos anseios da sociedade. Mas como esta não morre, os novos valores começam a buscar a plenitude.” FREIRE, 1979, p. 33).

Ao me colocar em busca por analisar as reflexões, propostas pelo autor há mais de quatro décadas, entendia que se fazia necessário compreender que vivemos numa sociedade ainda em constante movimento de estabilização/desestabilização, processo esse, segundo ele mesmo, decorrente da condição humana cuja vocação é ser “mais”. Ao refletir sobre as características da sociedade brasileira a qual viveu/vivemos, porém em condições e contextos diferentes, P. Freire, não apenas nos instiga a

traçar linhas paralelas com os tempos que vivemos hoje, como também nos lembra, que toda transição só se torna consciente à medida que dela tomamos conta, tanto quanto a seus pontos de partida, processos, como também seus pontos de chegada. Sendo assim, vem desse “lugar”, a opção por tomar como título dessa escrita, o fato de que todo amanhã, só se transforma em sonhos possíveis, quando conseguimos adquirir consciência dos processos vividos, desde um hoje (Idem, p. 33).

No processo de refletir sobre tal percurso desde o primeiro capítulo, Freire parecia dialogar com minhas inquietações, uma vez que reflete sobre os caminhos pelos quais nós educadores precisamos trilhar, tendo em vista o alcance do compromisso profissional com a sociedade. Destaca ele: “*A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir*” (p.16), condição sem a qual nosso estar no mundo se reduziria à impossibilidade de transpor limites impostos pelo próprio mundo, o que representaria um obstáculo a nossa constituição enquanto ser do compromisso, para o autor, sujeito da nossa própria história.

Como primeira condição do ato comprometido, Paulo Freire (1979), destaca a constituição do ser da práxis, ou seja, da ação enquanto ato comprometido segundo finalidades propostas, a partir da reflexão. A principal tarefa da ação pedagógica, para o autor é a humanização. Ao tematizar a importância do movimento ação-reflexão, enquanto uma das condições para o alcance do ato comprometido com a humanização do homem, o autor tanto nos encoraja, como também continua sendo atual. Alimenta em nós ainda hoje, a esperança de continuar a busca por transformar a escola num espaço de acolhimento, mediante uma ação docente situada, a qual “traduzida” para o nosso atual contexto,

pode ser compreendida enquanto uma forma de resistir à volta às pautas dos projetos políticos desumanizantes<sup>5</sup>.

Ao falar de práticas pedagógicas, enquanto forma de resistir aos processos desumanizantes do homem, impossível não deixar de lembrar o fato de sermos professores de escola pública. Instituição essa que, mesmo nesse tempo de Pandemia da Covid-19, precisou se (re)inventar, tendo em vista a importância percebida de que era necessário continuar se constituindo enquanto espaço aberto a outras necessidades essenciais das famílias, para o que, passamos a nos colocar em busca também do (re)aprender a ser sensível, postura essa que nos obrigou a nos colocar em busca de outras formas de responder e lidar com nossas próprias concepções sobre o que significa educar, como também do próprio papel da escola nos processos vividos pelos alunos, suas famílias nesses tempos tão estranhos.

Além da leitura, releitura do Educador P. Freire, em meu percurso de escrita, fui encontrando também outros interlocutores que foram oferecendo contribuições para analisar e refletir sobre a Escola Pública e a profissão docente nela, nesse momento da Pandemia da Covid-19. Encontrei nas reflexões sobre o conceito de alteridade, outras

---

<sup>5</sup> Num outro livro, *Educação Como Prática da Liberdade*, Freire (1983), quando no primeiro capítulo novamente se propõe a refletir sobre as características de uma sociedade em transição, a qual vivia no momento da escrita, o autor destaca e reflete sobre a pluralidade das relações humanas face a sua temporalidade e possibilidades da sua transcendência, conseqüentemente, também do alcance da sua criticidade, condição para a qual vai além do simples estar no mundo, mas estar nele e com ele. Sendo assim, afirma ele: *“Existir ultrapassa viver porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é a capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido da criticidade, que não há no simples viver. E completa: Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existentes.”*(FREIRE, 1983, p. 40-41).

“cunhas”, ou “chaves” que considere importante trazer para os âmbitos do pensar a escola, a prática docente nela.

O Artigo Ética e Alteridade no Personalismo de Emmanuel Mounier, Peixoto (2018)<sup>6</sup>, por exemplo, nos lembra que a palavra alteridade nos remete ao descobrimento das concepções de mundo e interesse de um “outro”: “A alteridade implica colocar-se no lugar “outro”, alternando a perspectiva própria com a alheia.” (PEIXOTO, 2018, p.20).

Continuei buscando construir outros olhares sobre as experiências e o contexto vivido enquanto professor de uma escola pública periférica da Cidade de Campinas, tentando não perder de vista a percepção de que, me colocar no lugar do contexto vivido por nossos alunos e seus familiares nesse tempo abatido pela Pandemia da Covid-19, representava um esforço que não poderia ser esquecido. Em busca de continuar caminhando no sentido de me colocar na perspectiva do “lugar do outro”, ou seja, dos dramas e experiências que os alunos e suas famílias enfrentaram nesse período da Pandemia da Covid-19, recorri à alguns dados que vieram ocupando espaços na imprensa escrita nesse período.

Numa reportagem mais recente, quando as notícias de que o país atingia o trágico número de quase 500 mil mortes em razão da Covid-19, o Jornal folha de São Paulo de 20/06/21, Caderno Mercado, por exemplo, ao refletir sobre os efeitos desiguais da Pandemia da Covid-19, nos chamados trabalhadores “invisíveis”, aqueles de baixa remuneração, categoria essa que a totalidade dos pais dos alunos da escola pública fazem parte, permite uma reflexão sobre as condições concretas pelas quais os alunos e suas famílias enfrentaram como decorrência da Epidemia da Covid-19. Segundo essa matéria, as categorias de trabalhadores

---

<sup>6</sup> Revista Virtual Dialogando, Quixadá, v. 3-n.5, Jan/Jun.2018. Disponível em: [www.revistadiologando.com.br](http://www.revistadiologando.com.br). Acesso em 20 de julho de 2021.

apontadas como a parcela da população que mais sofreram com os efeitos da Pandemia, foram as que não puderam aderir o trabalho de forma remota, como também ficaram impedidos de assumirem níveis seguros de distanciamentos em razão das funções que exercem.

A referida reportagem traz dados alarmantes, elaborados a partir da consulta aos registros sobre trabalhadores formais oferecidos pelo CAGED (Cadastro Geral de Empregados), do Ministério da Economia e compilados pelo Instituto Kairós Desenvolvimento Social. Essa matéria apresenta em números, as proporções das categorias de trabalhadores que, entre os anos de 2020/2021, tiveram desligamento do trabalho em razão de mortes pela doença. Como principal fator que responde por tais dados alarmantes, a matéria destaca a demora pela chegada da vacina no país, como também o número de doses suficientes, sendo que uma consequência foi a falta de condições para previsibilidade no ritmo da vacinação dos trabalhadores brasileiros citados na pesquisa<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Segundo essa matéria, as baixas nas carteiras de trabalho por mortes saltaram de 8.821 no segundo semestre de 2019, para 22.837 nesse ano de 2021. Destaca também que os profissionais que mais morreram foram: Motoristas de caminhão- aumento de 407%, porcentagem que em números representa um aumento de mais de 1449 mortes, somente nos meses de março e abril de 2021, representando assim, um aumento de mais de 223% em relação ao mesmo bimestre de 2020, quando a pandemia ainda iniciava. Além dos motoristas de caminhão e ônibus, o jornal destaca também a porcentagem no aumento do número de mortes de várias outras categorias de trabalhadores essenciais, que diferentemente da maioria das outras, não puderam contar com a possibilidade do trabalho remoto e a distância. Entre esses, estão também os vigilantes, alta de 234% na comparação com antes da pandemia; Porteiros de edifícios - aumento de 147%; Vendedores do comércio varejista - aumento de 187%; Faxineiros(as) - aumento de 98%; Auxiliar de escritório - aumento 175%; Assistentes administrativos - aumento de 247%; Alimentadores de linha de produção - aumento de 144%; Motoristas de ônibus urbanos - aumento de 407%; Serventes de Obras - aumento de 52%.

No contexto desse período de pandemia, o corpo docente da escola entendeu que ser sensível a outras dimensões também essenciais da vida, por exemplo, quanto à segurança alimentar<sup>8</sup>, também representava uma resposta ao apelo por conceber os alunos e seus familiares de forma mais humana, ação essa, que em minha concepção pode ser compreendida como gesto ético, também de busca por uma postura alteritária para com os alunos e seus familiares: *“A alteridade expressa a qualidade ou estado do que é outro (...), é uma tarefa ética porque provoca a reflexão e ação sobre a condição humana desse outro, considerando que o outro deve ser visto como um ser humano ao mesmo tempo igual e diferente de mim.* (PEIXOTO, 2018, p. 20).

Desde os primeiros contatos virtuais com os alunos, o qual só teve início a partir maio de 2021, foi possível perceber, não apenas que os pais dos alunos foram submetidos a situações de stress durante esse período de pandemia, mas também que os próprios alunos, à medida que também passaram a ter que se responsabilizar pelos cuidados da casa, dos irmãos, uma vez que as escolas estando fechadas, cabia a eles(as) assumir tais responsabilidades. Tal questão pareceu ficar evidente quando num dos primeiros encontros, meados do mês de maio de 2021, a aluna Lirial do 9º ano, ao ser indagada como foi, ou estava sendo ficar esse um ano e meio longe da escola, deixa

---

Um agravante ainda maior desse contexto, são também os dados do *Ipeia-Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas*, também citados na matéria o qual revela que no final do ano de 2020, do total de pessoas em trabalho remoto, 76% dos trabalhadores, tinham ensino superior completo, enquanto 31% tinham entre 30 e 39 anos, sendo que desses 65,4% eram de cor branca. (Jornal Folha de São Paulo, 20 de junho de 2021).

<sup>8</sup> Desde meados de 2020, a E.E. Antônio Carlos Lehman, passou a realizar mensalmente campanhas de cestas básicas como também não mediu esforços para buscar parcerias na própria comunidade para ampliar e transformar a horta Pedagógica da escola num espaço de assistência para quem na comunidade passava por dificuldades quanto as condições para adquirir alimentos de primeira necessidade.

registrado sua percepção que tal distanciamento havia feito perder “uma parte do seu cérebro”.

Por outro lado, na mesma oportunidade que a aluna Liriel nos relata sua percepção de como seu distanciamento da escola a afetou, provocando cansaço em razão da atribuição precoce de cuidar o dia todo da irmã mais nova, enquanto os pais trabalhavam, tal manifestação nos fez ficar refletindo o quanto os alunos das escolas públicas também sofreram os mesmos efeitos da Covid-19 que os próprios pais. Não foi apenas a aluna Liriel a deixar registrado os sofrimentos que passou a enfrentar enquanto adolescente nesses tempos de pandemia. A aluna Giselle também relata que sentiu mais falta foi das amigas, além de todas as manhãs sair para ir à escola. Como entender, os efeitos de tais experiências vividas por essas adolescentes?

Nesse aspecto, P. Freire (1979), nos lembra que, enquanto professores de escolas públicas, não podemos cair no risco das concepções de ações pedagógicas neutras, como se dessa história também não fossemos fruto. O autor provoca, nos convida tanto a mantermos a esperança como também a não abrir mão da busca pela ação comprometida a qual não acontece sem o verdadeiro engajamento: *O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro.”* (FREIRE, 1979, p. 19).

Durante as atividades pedagógicas nesse período pandêmico, março de 2020 a julho de 2021, mesmo em meio as dificuldades que aproximadamente 60% dos alunos enfrentavam para realizar atividades pedagógicas à distância, não foram raros também o sentimento de que se fazia necessário rever temas e programas oficiais de ensino que, no caso do Estado de São Paulo, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental são centrados nas disciplinas de

Português e Matemática e que continuaram chegando até nós professores pelas ferramentas virtuais como se nada estivesse acontecendo.

Não foram raros os momentos de dúvidas, angústias e indagações, algumas sempre comentadas nos encontros virtuais do grupo de docentes da escola, mas que ficavam sem uma resposta, ou posicionamento do coletivo de professores<sup>9</sup>, uma vez que se fazia necessário mais distanciamento, também outras condições/disposições, para mais mobilizações, menos adaptações que possibilitassem inclusive ampliar e potencializar reivindicações por melhores condições de trabalho, como também para questionar e exigir mais participação nas delimitações das Políticas de Formação de Professores, inclusive nas configurações do próprio currículo das diversas disciplinas que compõem as Propostas Curriculares oficial do Estado de São Paulo<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Recentemente, o Jornal Folha de São Paulo publicou também um artigo escrito por Lavini Castro, uma Historiadora e Professora da UFRJ, criadora da Rede de Professores Antirracistas, que também nos instiga a pensar a educação enquanto projetos políticos mais amplos. Nessa reflexão, levanta a importância dos conhecimentos acadêmicos transmitidos pelos professores em sala de aula, porém desde que através deles se consiga refletir o contexto político, econômico, social e cultural prevalecente na sociedade. Na mesma linha das reflexões de P. Freire também destaca: “O profissional da educação precisa se perceber um intelectual mediador do conhecimento para que, de fato, a educação adquira seu conteúdo político e não venha a se configurar como mera base informativa” (Jornal Folha de São Paulo, de 25/06/21, Caderno Tendências e Debates). Nesse caso, em relação ao contexto da educação proposta pelas Políticas Oficiais do Estado de São Paulo, acrescentaria o seu caráter voltado predominantemente a atender interesses do poder econômico apenas, em detrimento por uma formação que tenha como objetivo central o exercício da cidadania e formação humana, conforme defende P. Freire.

<sup>10</sup> No livro Educação como Prática da Liberdade, Paulo Freire, ao refletir sobre a importância da inserção crítica do homem na realidade do seu tempo, destaca a importância do discernimento, sobre o que nos deixou um lembre: *Na medida em que o homem perde a capacidade de optar e vai sendo submetido a prescrições alheias que o minimizam e as suas decisões já*

Nesse aspecto, considero importante também lembrar que uma das apostas do Educador P. Freire sempre foi a compreensão da ação pedagógica enquanto ato que não pode ser compreendido como se fossem neutros, ou livres de compromissos, ou interesses ideológicos que os sustentam. Uma expectativa a qual, transportada para as experiências vividas como professor na atual escola, estaria na dependência de outras condições para imersão na realidade, inclusive de forma coletiva, para que assim se pudessem alimentar outras forças capazes de compor a luta pela transformação dessa realidade vivida pelos professores de escolas públicas do Estado de São Paulo, que sofrem com uma política de desvalorização da profissão docente implementada por um mesmo partido há a mais de quatro décadas<sup>11</sup>. Sobre essas condições P. Freire também não deixou de chamar atenção quando reflete sobre as condições para o ato comprometido:

*Sua emersão na realidade, da qual não pode sair, nem “distanciar-se” para admirá-la e, assim transforma-la, faz dele um ser “fora” do seu tempo ou “sob” o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. (FREIRE, 1979, p. 16).*

Num outro momento, não esqueceu de deixar registrado também não se tratar de entender todas essas barreiras enquanto realidades invencíveis: Os homens

---

*não são suas, porque resultam de comandos estranhos, já não integra. Acomoda-se. Ajusta-se. O Homem integrado é o homem Sujeito (FREIRE, 1983, p. 42).*

<sup>11</sup> Considero importante deixar registrado que dos quase 60 profissionais que compõem o grupo de docentes da escola, quase 70% não são efetivos, são contratados como Categoria “O”, os quais não possuem estabilidade, ou garantias de permanência na escola por mais de um ano letivo, uma condição que, em minha concepção dificulta o compromisso com o ato comprometido, segundo P. Freire.

*alcançam a razão dos obstáculos na medida em que sua ação é impedida (Idem p. 18).*

Ao transportar as reflexões do Educador P. Freire para as concepções das atuais Propostas Curriculares do Estado de São Paulo, também a partir de uma análise das algumas das mudanças propostas pelo atual Governador João Dória, não é preciso muito esforço para perceber que, ocultas no nítido foco nas disciplinas Português e Matemática, em detrimento de outras áreas, como por exemplo das artes e das Ciências Humanas, explícito está uma concepção de Educação Neoliberal, cujo foco central está no preparo de mão de obra para as demandas impostas pelo mercado de trabalho<sup>12</sup>. Uma aposta que, em nossa concepção se mostra

---

<sup>12</sup> Mesmo que em meio uma avaliação que enfrentaremos muitas dificuldades para superar os impactos da Pandemia da Covid-19, nos filhos de trabalhadores e estudantes da Escola Pública, é preciso fazer um esforço para evitar o pessimismo. A partir de uma consulta no Google sobre reformas do Ensino Médio no Estado de São Paulo, como por exemplo, a partir do site <https://esquerdaonline.com.br/2021/07/01/a-reforma-do-ensino-medio-em-sao-paulo-e-a-pedagogia-da-ignorancia/>, é possível avaliar que muitas dificuldades, desde as proposições das políticas educacionais, irão se apresentar como obstáculos para que a educação pública possa cumprir um papel de assegurar aos filhos de trabalhadores o seu direito a uma educação Pública de qualidade. Segundo uma publicação de 01/07/21- A Reforma do Ensino Médio no Estado de São Paulo e a Pedagogia da Ignorância, de autoria do Professor Gilberto de Souza, Professor dessa mesma Rede Publica, e membro do Partido PSOL, a última reforma do EM, anunciada logo no início do ano de 2021, fragiliza a possibilidade uma formação mais geral do estudante, a qual poderia resguardar a possibilidade de construção de uma visão mais crítica, da sociedade como defende P. Freire em suas reflexões. Isso, em decorrência de uma flexibilização do Currículo Oficial do Estado, o qual reduz drasticamente a carga horária de formação geral de 3.600 para 2.400, para introduzir no lugar, os itinerários Formativos (IF's), de livre escolha do aluno. Se não bastasse, a parte obrigatória em todas as séries é composta apenas pelas disciplinas de Matemática e Português. Segundo o próprio autor, uma nítida opção que oculta muitos “fundos ideológicos” entre eles, uma formação voltada apenas suprir mão obra para o mercado de trabalho, como também de fundo Neoliberal, uma vez que, ao oferecer

apressada, uma vez que retira dessa etapa da educação a possibilidade de uma formação geral, mais ampla, a qual possibilitaria, por exemplo, uma compreensão mais crítica da história, ou dela enquanto sujeitos, a exemplo do que defendeu P. Freire em todas as suas obras.

Uma outra questão que nesses tempos da Pandemia da Covid-19, suscitou muitas reflexões nas rodas de conversa de professores de escolas públicas, se refere à adesão ou não do Ensino a Distância (EAD), ou o Ensino Remoto como também costuma ser compreendida. Nesse sentido, deixo registrado aqui nossa recusa a aceitar, a adoção do Ensino a Distância enquanto modalidade de Educação que substitui a educação presencial. Em nossa concepção, a importância do Ensino a Distância nesse momento da pandemia da Covid-19, deve-se ao fato de entender ser a internet, uma ferramenta a qual poderia contribuir para a diminuição das desigualdades entre os alunos das escolas privadas e escolas públicas. Ao defender as condições para o Ensino Remoto nessa perspectiva, ou seja, enquanto complemento, e não enquanto modalidade, penso estar caminhando no sentido de manter uma coerência com as reflexões de P. Freire quando reflete sobre as condições para o compromisso do profissional da educação para com a transformação das realidades injustas da sociedade.

Desde as primeiras experiências nesse final de primeiro semestre de 2021, a questão que nos chamou atenção quando tentamos lançar mão da internet, para aulas online através do Meet, não foram apenas a falta de condições materiais dos alunos, mas também os limites para a

---

“opções” de itinerários formativos, o estado retira de si a incumbência de avaliar se o ensino oferecido por ele, estaria ou não contribuindo para o sucesso do aluno após passar pela formação oferecida pela Rede. (Texto disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2021/07/01/a-reforma-do-ensino-medio-em-sao-paulo-e-a-pedagogia-da-ignorancia/>. Acesso em 19 de julho de 2021 .)

construção do diálogo, logo, também da alteridade, via essa ferramenta. Sendo assim, impossível deixar de lembrar que desde as primeiras aulas remotas ministradas enquanto professor de oitavos e nonos anos incomodava o fato de constantemente ter a percepção que os alunos estavam “ausentes”, a medida que ao projetar um texto, ou uma imagem no PowerPoint, os alunos ficavam literalmente “invisíveis”. Uma percepção que em minha concepção, representa um dos fatores de impedimento às condições de aprendizagem mediante o diálogo, logo também da construção da alteridade nos processos de ensinar e aprender, uma vez que a comunicação parece ganhar mais força, num sentido apenas: a do professor para o aluno. Nesse caso, fica aqui uma pergunta: como lidar com tal questão tendo em vista a necessidade de reduzir as desigualdades entre estudantes de escolas públicas e privadas, os quais contam com condições adequadas, para sequências de seus estudos, lançando mão também da modalidade remota de educação?

Julho de 2021.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**; Tradução Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, Coleção Educação e Comunicação, vol. 1

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LARROSA, J. **Notas sobre a Experiência e o saber da Experiência**. In: Geraldj; Riofi; Garcia (org.). Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 113-132. (Escola Viva).

PEIXOTO, Adão José. **Ética e Alteridade no Personalismo de Mounier**. Revista Dialogando, Quixadá, v.3-n.5, Jan./Jun. 2018. Disponível em: [www.revistadiologando.com.br](http://www.revistadiologando.com.br).

WESTPHAL, Sarah. Autor do poema (SOBRENOME, nome). **Poema de Incerteza: Quase**. Disponível em: [https://www.pensador.com/poema\\_de\\_incerteza/](https://www.pensador.com/poema_de_incerteza/).

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERODIO, Liana A; PROENÇA, Heloisa H. D. M; RODRIGUES, Nara C. (org.). **Metodologia Narrativa de Pesquisa em Educação: uma perspectiva Bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

**Sistema Educacional Brasileiro Fora do Mundo Digital**. Kairós-Desenvolvimento Social. Disponível em: [www.kairos.srv.br/](http://www.kairos.srv.br/) . Acesso em 19 de julho de 2021.

**Trabalhador essencial e “invisível” é maior vítima da pandemia no Brasil**. Folha de São Paulo, Caderno Mercado 20 jun. 2021.

## Da pandemia ao pandemônio

Márcia de Oliveira Soares

No ano de 2020 o mundo se viu ameaçado por um vírus. Milhares de pessoas já morreram e a situação ainda está fora de controle em muitas cidades. Além do seu potencial letal para os humanos, o novo coronavírus, causador da COVID-19 ameaça colocar em colapso o sistema capitalista, de saúde e a credibilidade dos governantes. Ao chegar no Brasil em março, o cenário político começa um embate. De um lado, o Governador do estado de São Paulo que alega que o sistema de saúde entrará em colapso se não houver um isolamento social, defendendo o trabalho de forma presencial apenas para os serviços básicos e indispensáveis e, na medida do possível, em menor número. Do outro, o Presidente que alega se tratar de uma “gripezinha”, sem maiores riscos ( se você for uma atleta), negando-se a apoiar a quarentena e o uso de máscara.

As escolas e creches foram orientadas a reduzir o funcionamento gradativamente, diminuindo o número de crianças atendidas de modo a dar um tempo para que as famílias conseguissem se organizar com seus filhos, até que as aulas fossem suspensas temporariamente. Como não há uma previsão de retorno, as primeiras discussões giram em torno do calendário escolar. Há uma preocupação em cumprir os 200 dias letivos e as 800 horas de efetivo trabalho escolar, previstos na LDB lei 9394/96. Escolas particulares, estaduais e municipais se apressaram em antecipar férias e até recesso, de modo a aguardar o retorno para o ambiente físico. Contudo, com o número de mortes aumentando e os casos de contágios atingindo números alarmantes a cada

dia, a quarentena segue se estendendo, sem qualquer previsão de retorno. Iniciou-se o pandemônio. O estado a partir da MP (medida provisória) 934/20 suspende a obrigatoriedade dos dias letivos em casos de pandemia e decreta que aulas online devem ser oferecidas.

Para isto, estados e municípios buscaram alternativas. Em alguns lugares, foi criada uma plataforma de centros digitais e determinado às escolas a sequência do trabalho que já havia sido iniciado. A partir dos relatos das minhas colegas no curso de mestrado profissional, dos debates nas disciplinas que curso e nos grupo de estudo que participo, comecei minhas reflexões sobre como conduzir o meu trabalho com a educação infantil, uma vez que atendo uma turma de maternal II, com crianças na faixa etária de 2,6 anos e a instituição onde trabalho, uma creche universitária, solicitou que pensássemos em formas de manter o diálogo com as famílias, o vínculo afetivo com as crianças e a realização de um trabalho pedagógico que fosse leve, não onerasse o tempo da família ou da criança e fosse opcional a sua participação.

## **Tempos e Espaços no Cotidiano Escolar**

Ariés (2011) nos conta sobre a construção social da criança e da escola, sua origem e como o pensamento acerca da infância foi se constituindo no decorrer dos anos. Em seus estudos, apontou que a criança nem sempre teve o olhar da sociedade para suas necessidades. No séc. XVI o índice de mortalidade era alto, não havia apego pela sua figura. As crianças eram imersas no mundo adulto, sem qualquer distinção. A partir do séc. XVII a criança burguesa passa a ser vestida diferente do adulto, surge um sentimento de paparicação e ela era vista como um objeto de graça e distração e, assim, deveria ser cuidada. Mais adiante, os eclesiásticos incomodados com este sentimento de apego e

paparicação decidem que além de cuidada, esta criança, vista como selvagem, deveria ser educada e moralizada, a partir de uma disciplina rígida. Foi uma longa jornada até chegarmos ao debate atual, onde a criança é vista como sujeito de direitos e produtora de cultura. Contudo, cabe refletir se de fato superamos estes modelos do passado, uma vez que sabemos que infância e criança são conceitos diferentes e, que dentro de uma mesma realidade, podemos perceber infâncias muito distintas.

Barbosa (2001) aponta em seus estudos, que ainda nos dias atuais, a rotina da escola conserva resquícios destas ideias de moralização. Ela se refere a rotinização das rotinas, que em geral, são postas como uma forma de estruturar as atividades escolares, organizando o conhecimento no formato de conteúdos e sistematizando a ordem moral. O controle do corpo, a rotina como forma de domesticar o sujeito e a avaliação como forma de garantir a submissão e que todos saibam dar as respostas corretas já me incomodavam quando era aluna. Não poderia agora, no lugar de professora, permitir que estas construções do passado, criassem raízes no presente.

Sempre busquei trazer as ideias de Freinet para a minha prática. O tateamento experimental, como forma da criança explorar o mundo, pesquisar, fazer hipóteses sobre o que deseja conhecer e se encantar com a pesquisa e a descoberta são a base do meu pensamento quando planejo as propostas educativas. Da mesma forma, penso que não há como aprender sobre a vida, trancado entre quatro paredes e sentado atrás de uma mesa. A vida se faz vivendo. Além disto, acredito que nesta pandemia é tempo de estar junto, de conhecer e acolher o outro, é espaço de criar, explorar e perceber a sua casa.

Diante da indicação de um teletrabalho com a turma do maternal, dei início ao diálogo com a equipe de apoio que trabalha com as crianças. Sendo uma segunda professora e

uma apoio, a dentista, uma professora contadora de histórias e duas estagiárias. Montei um grupo no whatsapp para que discutíssemos o encaminhamento das propostas.

Marcamos um encontro online, na plataforma google meet. A ideia era saber como as famílias estavam encarando o início da quarentena, quais as primeiras dificuldades e como as crianças estavam se comportando no meio de tudo isto. As crianças aproveitaram para conversar um pouco com a gente, passeavam pela casa, traziam brinquedos e mostravam na tela. Neste momento, disponibilizei todos os meus contatos e acessos às minhas redes sociais, para que cada um escolhesse a forma mais eficaz de manter contato. A ideia é dar suporte para as famílias para que fiquem bem e, com isto, as crianças também fiquem bem.

Decidimos então, por duas formas de encaminhamento das atividades pedagógicas. Montamos um planejamento com duas brincadeiras semanais, colocamos uma explicação de como brincar e de como conduzir a brincadeira de forma permitir que a criança explore o máximo possível, bem como o objetivo da proposta. Solicitamos às famílias um retorno, que poderia ser vídeo, áudio ou breve relato, para que pudéssemos avaliar as propostas.

As atividades foram pensadas de forma a explorar o que tem de casa. Observar e manusear os objetos do cotidiano. Brincadeiras com os tecidos da casa, com potes e tampas, com utensílios domésticos. Em paralelo, combinamos que a segunda proposta seria a cada semana enviar dois vídeos realizados por pessoas envolvidas com o grupo, que não ultrapassassem cinco minutos, para que as famílias não precisassem de muito tempo ao lado da criança na hora de assistir e para que os pequenos não permanecessem muito tempo em frente a tela. O objetivo era provocar a participação nas brincadeiras e manter um vínculo afetivo para que as crianças não esqueçam da gente.

Em um segundo encontro virtual com as famílias, fizemos uma avaliação do trabalho desenvolvido, que teve um retorno positivo. Os vídeos acabam fazendo com que as crianças queiram falar mais, mostrar a sua casa e compartilhar a rotina da quarentena com os amigos. Decidimos então, ampliar a proposta e vamos fazer encontros virtuais de, no máximo, 30 minutos, com as crianças e suas famílias, para que se vejam, conversem com a gente e entre si. Também pedimos às famílias que permitam o acesso das duas professoras referências da turma, no grupo de whatsapp que eles mantêm. A ideia é que possamos responder os vídeos e áudios dos pequenos, interagindo no dia a dia.

Importante destacar que não concordo com educação infantil a distância. A criança é puro afeto, tato e sentimento. Não há como oferecer qualidade no que ofertamos neste formato, se tiramos delas o essencial que é a exploração, a vivência prática, as interações, as brincadeiras e trocas que seus pares proporcionam. Também não há nem como chamar de home schooling, porque em nada se parece com esta modalidade. A ideia primordial é não abandonar afetivamente as crianças e suas famílias, mantendo um vínculo de afeto e uma referência para um possível retorno, diminuindo assim, o impacto de uma (re)adaptação. Analisando os documentos e referenciais para a infância, não podemos sequer dizer que a creche continua com suas atividades, pois em nada o ambiente doméstico e a deficiência na formação da família no que se refere a didática e a pedagogia permitem que se reproduza o ambiente escolar, ainda que tenhamos a sensibilidade de orientar as atividades propostas.

21/05/2020

## A Márcia Veio me buscar, vou pra creche

Márcia de Oliveira Soares

Em maio de 2020, quando a pandemia do Coronavírus chegou ao Brasil, escrevi um texto falando das angústias e percalços de pensar o trabalho com a educação infantil, em meio a este cenário tão caótico.

Ao reler esta primeira narrativa, de imediato mergulhei nas lembranças destes dias em que fomos afastados da presença física daqueles que faziam parte do cotidiano na escola. E, assim, rememorei um evento que marcou este período.

Quanta insegurança eu senti ( e ainda sinto). A pandemia chegou. O que fazer? A escola fecha ou fica aberta?

Não sabemos. Liga a TV e assiste o noticiário, abre o celular e acompanha as notícias, os pronunciamentos, os acontecimentos no Brasil e no mundo. A ansiedade começa a tomar conta.

A escola fecha. O que fazer com as crianças?

Vai ter aula remoto, não vai ter. Entra em férias, volta das férias. A pandemia continua. Liga para as famílias, conversa, pergunta se estão bem, se precisam de algo, fala com as crianças. Ainda tem pandemia, e só piora.

Afinal, quarentena não eram “só” quarenta dias? Achei que era. Muita gente também achou. Mas não é...

Antecipa feriado, antecipa recesso, antecipa tudo que dá, que é pra ver se a pandemia vai embora logo. Não foi, já dura mais de um ano. Enjoei dela. Já gritei, já chorei, já disse que ía largar tudo, pedir demissão, abandonar o mestrado e viver no mato. Amassei a panela de tanto bater. Depois desisti de desistir, gosto da vida que conquistei. Não vai ser

um vírus que nem consigo ver, que vai me tirar a vontade de esperar. E viva Freire!

Precisamos cumprir dias letivos, vamos ter aula na modalidade remoto. Eu acompanho as colegas que trabalham em escolas do Estado e Município narrarem suas histórias. Governo cria plataforma, disponibiliza atividades, Diretora abre escola para entregar as atividades para quem não consegue imprimir. Professor não tem a experiência de um assistente social, mas a família disse que tem fome. Vai lá no grupo do whatsapp, faz campanha, arrecada, distribui e ajuda. Faz vaquinha para comprar roupa e sapatos para as crianças, arrecadar fundos para quem foi despedido.

Já as famílias relatam suas dificuldades. Não tem internet; Em casa está faltando alimento, não dá nem tempo de se preocupar com aula remoto; Tem internet mas não tem aparelho para todos da casa ficarem online; Tem aparelho e internet mas a família não consegue organizar a rotina da casa, do trabalho remoto e mais as atividades e cuidados com a criança dentro do dia; Tem internet, mas é mãe solo com duas crianças e ainda faz doutorado; Tem de tudo em casa, mas a mãe foi atender o bebê, enquanto isso o mais velho abandonou a aula, fugiu pela janela e disse que ia fazer um café, tem cinco anos o fugitivo, nem pode tomar café; Tem casa que tem acesso, aparelho, estrutura e um familiar disponível para acompanhar a aula, mas a criança está debaixo da mesa, disse que não vai “entrar” no meet de jeito nenhum, que odeia o computador. Tem, no mínimo, mais umas quinze dificuldades deste tipo, narradas pelas famílias. Algumas divertidas, outras muito tristes, como criança que perdeu a mãe para o COVID. Isto só mostra que é possível acentuar ainda mais a exclusão social.

Enfim, vou parar de conversar e começar a explicar o título. É que uma coisa puxa a outra. E eu não gostava, mas, agora gosto, de escrever. Se deixar, vira um monólogo. Já está quase igual Faroeste Caboclo, do Legião Urbana.

Assim que a Pandemia se instalou, começamos a projetar possíveis cenários. Comecei a (re) ler os documentos para a infância. Lembrei da Fúlvia. Ela dizia que tem tanta coisa escrita, digna de fazer inveja a países ditos primeiro mundo. Só precisamos parar de escrever ainda mais e nos debruçarmos sobre o que temos, para as melhorias acontecerem. Claro que ela usou palavras mais organizadas e mais bonitas que as minhas, mas era quase isso.

Aqui na minha cabeça só pensava em insurgência. Nada de telas para as crianças. Nada de tentar transpor a prática para o ambiente virtual. É impossível substituir a presença do outro, o contato, levar a interação e os diálogos, para uma modalidade a distância. Se está distante, não está perto, se não está perto dá para ter presença?

Também tenho outras razões que me levam a crer ser impossível que a educação de crianças se efetive por meio virtual. Posso citar alguns pontos. Por motivos pedagógicos, já que as famílias não possuem formação ou condições para realizar o trabalho do professor. Por motivos políticos, uma vez que aderir ao “ead” só abre as portas para os reformadores que começam a disputar o território da infância e a própria LDB estabelece como deve se dar a educação dos pequenos. Ambiente próprio, profissional especializado. E, por fim, por motivos ideológicos, já que o acesso as redes ou a falta dele, que promove a exclusão e mais a sobrecarga de trabalho das mulheres/mães são dois pontos delicados neste debate.

E, é bem esta mulher/mãe, ser humano maravilhoso, que me emprestou o seu Martín, para que pudéssemos aprender juntos. E foi ele quem gritou a frase: Mãe, a Márcia veio me buscar, vou pra creche! Lembro que bem na hora que ele falou isto, caiu um cisco nos meus olhos e nos da mãe dele. Tava ventando.

Na primeira interação virtual do ano passado, a turma tinha 2,6 anos na data do acontecido, fui bombardeada por

carinhas tristes e perguntas de partir o coração. Cadê a creche? Cadê os amigos? Não tem mais parque? Expliquei o que estava acontecendo. As famílias foram auxiliando.

Acontece que, com 2,6 anos a gente não tem o vocabulário que nos permita expressar tudo. E a tal da inteligência emocional ainda está sendo construída. Precisei entender que, a partir deste momento, eu não conseguiria mais reconhecer cada expressão das crianças, entender seu dialeto e comunicar com o olhar. As famílias seriam como um filtro, narrando e comunicando aquilo que achassem importante e quisessem que eu soubesse. Duvido que alguém me contasse pelo meet que o pai soltou um pum tão alto, que até assustou o cachorro.

Eu sempre tive um “crush” / uma quedinha, nos diálogos com Freinet e Tonucci. Os caras sempre falam que a vida é o que acontece o tempo todo. Ela não pode ficar do lado de fora da sala. É a vida que move nossa vontade. Me interessa muito pela ideia do tateamento experimental, que Freinet descrevia. Porque é através da exploração do mundo, da vida que pulsa, que a criança vai despertar a sua curiosidade para explorar o mundo, pesquisar, fazer hipóteses sobre o que deseja conhecer, para depois se encantar com a descoberta. E Tonucci é um mestre dos desenhos. Nos faz pensar sobre pedagogia, cultura e política com uma única charge. Ele sempre tenta nos mostrar que padronizar e robotizar as crianças, não faz uma sociedade melhor, nem mais educada, nem mais organizada e muito menos justa.

Bom, para ampliar o vocabulário das crianças e diminuir o “filtro” das famílias durante nossos encontros, pensei em propostas que seguiriam a mesma didática que já havia apresentado para os pequenos. A roda de conversa e o livro da vida.

Mandei confeccionar uma sacolinha de tecido com o nome da turma e a figura do lobo, pois nossa turma (ainda) se chama Turma do Lobo. Perguntei se queriam trocar e

ficaram ofendidos com minha proposta. Eu entendo. Nem deu tempo de viver e ser Turma do Lobo. Aonde eu estava com a cabeça em querer trocar?

A sacolinha teria o seguinte propósito, ser um depósito de memorabilias<sup>1</sup>. Dentro dela, as famílias deveriam juntar, com os pequenos, objetos que tivessem relação com o cotidiano da criança naquela semana. Comeu um bombom, guarda o pacote ali dentro, assistiu um filme, guarda a pipoca ou a figura do filme. Foi na casa da avó, guarda a foto. Assim, quando nos encontrássemos no meet, cada criança poderia ir tirando seus guardados e revivendo o acontecimento, para narrar suas experiências para o grupo. Estava organizada a nossa roda de conversa. Ou melhor, retângulo de conversa.

A segunda proposta, foi um caderno de desenho que confeccionei para cada um e chamei de “Diário da Quarentena”, a ideia é ser uma espécie de livro da vida. Onde a quarentena vai ficar registrada, através de desenhos.

Por último, mandei um pote com sementes, para que plantássemos juntos e partilhássemos o crescimento da nossa planta. A ideia era levarmos a planta já crescida para a creche e fazer um canteiro com todas lá. Mas este vírus não vai embora de jeito nenhum. Tem planta que já cresceu. Teve planta que nem brotou. E tem planta, como a minha, que já morreu.

Eis que, para entregar estes materiais e ter uma desculpa para ver as crianças, ainda que de longe e protegidas pelos vidros dos carros, inventei um drive thru lá no estacionamento da creche. Duas mães não puderam comparecer. Estavam sem carro e com outras crianças, seria inviável pegar qualquer tipo de transporte. Foi então, que decidi levar a sacolinha com a semente e o livro até a casa delas.

Chego na casa do Martín, estaciono. Ele já está no pátio me esperando. Enquanto desço do carro ele grita que na

---

<sup>1</sup> “Memorabilias”: um objeto ou souvenir que, ao ser visto, desperta memórias de um acontecimento, lembranças de uma experiência. Objetos e itens memoráveis.

casa dele tem um lagarto, que preciso ver. Ele é a magrinho. A mãe dele nem conseguiu abrir o portão e ele já saiu pelo pequeno vão. Me dirijo até ele e percebo que meu pneu furou no trajeto. Distraída, olhando o pneu escuto a voz da mãe dele. Martín, o que você está fazendo aí sentado dentro do carro da Márcia? No que ele prontamente responde:

Mãe, a Márcia veio me buscar. Vou pra creche!

20/03/2021

## Referências

**A INVENÇÃO DA INFÂNCIA.** Direção de Liliana Sulzbach. Documentário. 1 vídeo (26min.). Disponível em: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=a\\_invencao\\_da\\_infancia](http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_invencao_da_infancia). Acesso em: 20/06/2020.

ARIÉS, Philippe, 1914-1984. **A História Social da Criança e da família;** Tradução: Dora Flaksman. -2. ed. [reimp.]. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil. Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** 6. ed. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso.** 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

RIBEIRO, M. S.; SANTOS, C. P.; TORRES, M. E. A.; FERREIRA, A. A. Estudos Sociais da Infância: uma revisão. In: ARTES, A.; UNDERHAUM, S. **Escritos de Fúlvia Rosemberg.** São Paulo: Cortez, 2015.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de Criança.** Artmed, 2007.



## **O trabalho que sonhei, mas não diante de uma pandemia**

Andrea Evaristo Macedo de Paulo

Dois mil e vinte um. Estou convicta que desde criança vislumbrei que eu seria professora. Aos meus 19 anos já começo a trabalhar nas escolas. Passei por inúmeras experiências escolares. Lecionei na educação Infantil, Ensino Fundamental, dei aulas para adultos da terceira idade, atuei como coordenadora pedagógica. Posso dizer que gosto muito do que eu faço e sou realizada. Conquistei aquele sonho de criança. Desde que minha mãe me colocou na escola, jamais saí dela. Seja estudando ou trabalhando.

Este ano, retorno à sala de aula com grandes expectativas. Minha turma este ano, uma sala de primeiro ano da Educação Básica. A incerteza toma conta dos meus sentimentos, tenho várias dúvidas: como será o retorno? O que fazer? Como fazer? Como planejar? Qual vai ser o ambiente? As crianças estarão em sala de aula ou não?

Tenho em mente que o plano de aula precisa acontecer, as crianças precisam ser acolhidas. Elas são novas (na idade, nesta etapa de ensino, na escola...tantas novidades!) Minha intenção é trabalhar um dia de cada vez, sem pensar muito à frente. Considero as minhas vivências do ano anterior, uma vez que a pandemia já havia se instalado e já precisávamos pensar em formas de manter vínculos e propostas. Procuro por estratégias que me aproxime do grupo. Começo me apresentando, para tentar alcançar as crianças e suas famílias para então saber quem elas são. Neste momento priorizo conhecê-las, ouvi-las, conhecer seus desejos,

anseios, medos, histórias e fantasias. Percebemos que estamos todos com o mesmo sentimento de incerteza.

São muitos os percalços que acredito que tenho a enfrentar no ano que se inicia. Pensar que os encontros talvez permaneçam virtuais traz e aumenta mais a complexidade do meu papel de ser professora que costuma receber as crianças afetivamente, não só com palavras, mas com o toque e que limpa as lágrimas dos pequenos já no primeiro dia de aula, que abraça e beija seu rosto. Contudo, felicito estar com forças para reafirmar o meu lugar de professora que, diante dos plurais dificuldades encontradas, buscará formas de convivência a fim de superar estas diversidades que atravessam o meu caminho e de muitos.

8 de janeiro de 2021.

## O trabalho escolar descrito em transformações: oportunidade e pandemia

Andrea Evaristo Macedo de Paulo

Sim, quero iniciar esta narrativa com a frase que consta em “O mestre ignorante”, Jacques Racière (2002), “A experiência, e não é a verdade, é o que dá sentido à escritura”. Ela permite articular com a experiência vivida neste tempo. Tempo de pandemia. Profere a verdade na história em que se constrói na prática, dentro de um tempo que passa no cronológico dos ponteiros do relógio, e, deixa marcas em mim, a qual, parece que o tempo não passou. Exibe situações diferenciadas, experiências novas, que se estende e persiste em continuar, perante as incertezas do que há de vir pela frente, cujo, entrelaça as escrituras já descritas, relatada na narrativa “a escola que sonhei, mas não diante de uma pandemia”. Assim me vejo, a professora da rede Municipal de Hortolândia. Aqui, sempre almejei trabalhar em uma escola próxima ao endereço da minha casa, que está localizada em um bairro perto da cidade de Campinas. E, após dez anos finalmente aconteceu.

Eis, porque eu deveria estar muito contente, pois, passei sim, um ano inteiro trabalhando nesta unidade escolar, no entanto, em uma situação em que minha escrita toma outro sentido e não a sonhada. O que já era sabido, é totalmente transformado, já não se transmite mais. E sim, aquilo que já foi aprendido de outra forma. Em uma súbita e brutalmente mudança, não estudada, não esperada, não querida.

Agora, uma longa e movimentada rotina se pendura com os afazeres que iniciaram exatamente aos dezesseis dias do mês de março de 2020, junto a chegada do

comunicado para dispensar os professores, funcionários e os pequenos que frequentavam à escola. Os olhares eram de agir sem pensar. É preciso ir para casa, enviar atividades. A lógica da explicação da ação não tinha resposta. O último ato tomado com profissionais dentro da escola. A partir desse momento, entra em cena a tecnologia, essa que já usávamos como ferramenta, porém não como a principal ferramenta.

O computador, o notebook, o celular passam ser o meio central para o contato entre professores e às famílias, gestor e professores, gestores e a comunidade, além dos supervisores e os pequenos.

Assim, o ano de 2020 se concretizou. O ano passou naquela escola tão desejada de forma não sonhada. Eu como coordenadora e concretizando o trabalho sonhado de estar naquele espaço desejado, me via sozinha por muitas vezes, porque os gestores foram para escola. A demanda pedia, e cada vez mais ia aumentando, numa proporção imensa. Além do trabalho da coordenação, foi preciso entregar cestas básicas para às famílias, orientar sobre o trabalho novo desenvolvido, para os professores e familiares, mesmo em um horário reduzido. Sendo ele, cada vez mais, distanciado da rotina, que se acostumava ter na escola. Linda e querida rotina. Faço, então, um apego a palavra “esperançar”, de Paulo Freire, a fim de acreditar, que, tudo, logo, será diferente.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperançar, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (FREIRE, 1992 apud AILPCSH, 2021).

E, digo que estou envolvida com o sentimento de esperançar, que vai ao encontro de novos aprendizados.

Busco aprender a construir uma forma diferenciada do já sabido para lidar com os desafios e engendrar o aprendizado de outra maneira. É preciso lembrar que o ensinamento teria que acontecer, às crianças esperam o que fazer, e repetindo as palavras de Paulo freire “esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outro, para fazer de outro modo”. Fizemos. Professores adaptaram-se ao novo para ensinar, para estar junto aos pequenos, com os colegas de trabalho e gestores.

Não obstante, é preciso consistir toda minha força em aplicar esse novo, para transformar o já sabido. Tal lógica que se instituiu em realizar tarefas no decorrer do ano em que permeava a vontade de que esse ano tão diferenciado terminasse depressa, na esperança de retomada da rotina escolar em que muitos só deram conta de sua importância, do seu valor ao não vê-la mais, o barulho, o choro, às lágrimas, o cantar e dançar, o aprendizado em coletivo, tantas coisas que supunha ser muitas vezes passadas despercebidas e que mostrou o tamanho da sua importância e seu significado quando tudo isso já não fazia mais parte da rotina diária.

O que significa, também, que o trabalho desenvolvido por mim durante o ano quase todo de 2020 foi transformado. E ao término desse ano, a minha escolha é de voltar para a sala de aula, opção difícil, gosto muito da posição e função em que me encontrava, principalmente da rotina antes da pandemia. Escolhi. Decidi que o próximo ano estaria na sala de aula com os pequenos. Ah! Que saudades deles. Retorno assim, para a sala do primeiro ano. E como já citado na narrativa que sonhei, a incerteza ainda toma conta dos meus sentimentos, tenho muitas dúvidas: como seria a minha acolhida com novos gestores e professores? Como vai ser encontrar os antigos colegas de trabalho? Como será o trabalho? O que fazer com os pequenos? As crianças estarão ao meu lado em sala de aula?

Tudo isso porque 2021 se inicia e a pandemia persevera em continuar modificando a rotina escolar.

A verdade, é que, até o momento desta escrita eu não retomei ao meu amado trabalho com os pequenos pessoalmente em sala de aula. Já se passou o mês de julho. A escola virou espaço de passagem, onde, busca-se documentos e entrega-os. O difícil é passar por seus trajetos desejados sem chorar, segurando às lágrimas e as mãos para não tocar e abraçar seus pares encontrados ao caminho, a conversa é de longe, rápida, efêmera. Nem entro em minha sala de aula quando estou lá. Falta coragem. Sabendo que tudo isso é preciso para a minha saúde, da minha família e dos demais colegas.

Com a ida à escola, trago comigo registro de atividades feitas em casa pelos pequenos, a qual um adulto de sua família lhe orientou na realização, e, como professora indago o seu realizar: como foi feita? Ele mesmo em que fez? Teve dificuldade? Tem sentindo escrever essas atividades em casa? E aqueles que não sabem escrever ainda? E não são alfabetizados, porque encontro tudo pronto? Como seria diferente se estivéssemos juntos em sala de aula.

Os familiares tornaram -se peça central nessa trajetória da realização das atividades dos pequenos. Pais e irmãos, tios e avós, amigos e vizinhos, em muitos casos se uniram para a tarefa de cuidar do trabalho que traz renda, além do doméstico, tendo também de dar conta de realizar as atividades escolares dos pequenos auxiliando-os.

A importância da participação da família sempre foi primordial na educação, no processo de aprendizagem, não há dúvida, portanto, nesse tempo de pandemia, muitos dos adultos que estão com as crianças passaram a estar mais. Em muitos casos não se tem o intervalo em que as crianças estão longe estando eles na escola por quatro ou cinco horas, às vezes, quase o dia todo.

A rede municipal da cidade criou em abril, de 2020 um blog de acesso às atividades, aqui os familiares recebem atividades dos pequenos desde a educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. Todas as postagens são realizadas pelos seus gestores, coordenador ou assistente de direção. O meu trabalho durante esse período era completo. Os gestores aqui, na escola que sonhei, são o coordenador e diretor. Cabendo a mim essa demanda de trabalho aprendida aos poucos, com auxílios das queridíssimas Márcias da coordenação do Paulo Freire. Momento de aprender junto. Buscar apoio àquele que já tem configurado o conhecido, a fim de mais uma vez, transformar o já sabido.

Com a solução encontrada para essa “balança” da “instrução” da educação que se daria como ponta de partida o blog já montado, resta saber como os familiares dos pequenos acessariam a nova ferramenta ofertada? O fato é que, a desigualdade entra em cena, os pequenos junto aos adultos que as rodeiam não tem a disponibilidade total para o acesso à tecnologia que depende de um aparelho funcional. Os pais têm que fazer uma nova adaptação, ou seja, aquilo que já havia sido conquistado, o ensino aprendizagem na escola pública paga pelos seus impostos pede que eles busquem formas para a interação com os profissionais da escola usando dos seus recursos próprios. Seu celular, sua internet, seu computador, sua energia, seu tempo. Fato para todos familiares e profissionais da educação em muitos municípios. Mas o que fazer para aqueles impossibilitados de acesso a essa tecnologia?

A escola passou a entregar atividades impressas para os familiares. São folhas e mais folhas impressas com atividades escritas para as crianças da educação infantil ao ensino fundamental. Para mim, um retrocesso. Para mim, uma tristeza. Para mim, a perda de muitas conquistas de uma educação de qualidade já desenvolvida por muitos educadores. Todavia, uma solução, que está ligada à escola.

Um trabalho possível para muitos. Com a intenção de que os profissionais façam o seu papel de educador. O que resta é usar a imaginação e a criatividade para alcançar o objetivo de levar aprendizado e a interação aos pequenos e familiares. Que o tempo de antes volte. A situação, não é fácil, e, para mim, muito incompleta.

Como professora em sala de aula, sempre busquei transformar o nosso dia a dia, talvez em um espaço mágico, situação que os pequenos nem percebesse, a qual, na minha visão a magia acontecia. A escrita era registro das horas que passamos juntos, depois de cantarmos, lermos, brincarmos, ouvir e dizer, desenhar, andar pela escola, escrever no nosso diário. “Meu querido diário” (caderno pequeno montado com um bordado de identificação) para cada um dos alunos da sala, as crianças registravam o que foi feito pela manhã ou fim de semana antes de se chegar à escola, ao final da tarde, registravam os fatos que mais gostaram da aula. Eu também tenho um diário. Cheio de histórias lindas do nosso cotidiano.

São exatamente nessa relação com o outro e de rotina que eu busquei na decisão da minha retomada, quando decidi voltar para a sala de aula em 2021. Entretanto, até hoje o encontro e as nossas relações de afeto e aprendizagem acontecem de forma virtual. É válido? Sim, mas, o não esperado. Não são todas os pequenos da minha turma que encontram comigo virtualmente, são alguns, poucos, o grupo de no máximo oito pequenos. Sendo eles fiel ao encontro. Muitos pais relatam o trabalho para a impossibilidade. Entendo. Daí o sentimento frustrado e desconforto por estar realizando algumas atividades com uns e outros não.

Durante o nosso encontro estou a ouvi-los, as suas dificuldades para escrever às atividades e facilidades. Registro, tiro fotos, trago uma leitura com livros de histórias, realizamos escritas com nomes e palavras, uso o ambiente que fica à mostra, eles colocam seus gatos, e papagaios, seus

brinquedos suas roupas de super-herói, acredito, porque sabem que eu irei comentar. Temos um boneco de pano que cada criança o batizou com um nome de sua escolha, ele participa dos nossos encontros virtuais. Os pais acompanham de perto, é possível ver os irmãos mais novos ou mais velhos participando mesmo que de longe. O nosso encontro dura cerca de uma hora, durante três dias da semana. Com o virtual não adianta estender o tempo. A atenção não flui. É o que eu sinto.

Sei, que embarco em um emaranhado de sentimentos, que no fundo acompanha o meu desejo que o tempo de pandemia passe rápido, possibilitando a retomada da rotina na escola que já não será a mesma, porque o que se viveu, já se constitui na história da escola, na minha história, na história de vida de muitos, em vários países.

Tendo convicção que a constituição desse tempo, tempo de pandemia registra história de vida, nela se escreve perdas queridas, de pessoas que não retornarão ao trabalho escolar, perda de um tempo oportuno quando inicie para trabalhar na escola sonhada. Perda de amigos, conhecidos e não conhecidos pelo o mundo afora.

Contudo, revejo, o que foi sonhado e não alcançado, como descrito no livro, Pollyana Moça (PORTER, 1958) que descreveu um olhar diante de muitos fatos descontente, mostrando o possível, e totalmente viável enxergar o que se pode fazer para transformar o ocorrido em um ato contente. Ou seja, é de ser contente, ao pensar que o tempo de pandemia oportunizou a construção desta escrita, é de se pensar no tempo a mais em que tive para estar mais perto dos meus filhos, meu esposo, em casa, com meu jardim, minha horta, dormindo, almoçando devagar, cozinhado. Encontrei novos amigos, novos estudos, estou realizando o curso de inglês, o de língua de sinais (Libras), terminei artigos da pós-graduação iniciada em 2019, concluí e já publicado o livro tão sonhado. “ O sonho é assim uma exigência ou uma

condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e nos faz e refaz” (FREIRE,1992, p.51).

E sigo em esperar a oportunidade de mais conquistas a ser concretizarem. Na esperança de dias melhores e o alcance de mais realizações. Porque é preciso continuar a sonhar. Sendo possível confrontar com a minha própria experiência de vida que transforma o cotidiano bom ou ruim do já sabido dentro de uma pandemia. A covid-19.

Campinas, 28/07/2021.

## Referências

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA. Centenário Paulo Freire: esperar é preciso. Disponível em [https://ailpcsh.org/2021/02/12/centenariopaulofreire\\_esperancar/](https://ailpcsh.org/2021/02/12/centenariopaulofreire_esperancar/).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

PORTER, Eleonor H. **Pollyanna** (*Pollyanna*). Editora Companhia Editora Nacional, 1934.

RANCIÈRE, J. . **O mestre ignorante** - cinco lições sobre emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

# Esperançar

Angelina Vieira da Silva  
Professora de educação Infantil em Monte Mor /SP

Lido com gente e não com coisas  
(Paulo Freire)

Ainda carrego, nesse ano que se inicia 2021, algumas das incertezas que me acompanharam ao longo do ano anterior. Permanecem as dúvidas sobre o meu trabalho, do mesmo modo que insistem em ficar a pandemia e a crise econômica.

Ao regressar para escola, pergunto-me: para o chão da escola, que é meu lócus de trabalho, o que trago? Como chego e me vejo neste cotidiano, do qual fui afastada há tantos meses? Devo elaborar um planejamento de trabalho. É curioso pensar em fazer planos, quando nos faltam perspectivas. Não sei bem o que contemplar, o que pensar. Retomo então, as palavras de Freire, transcritas na epígrafe, que me remete à sua defesa de uma educação para a esperança. Compreendo que é preciso pensar na volta às aulas, no novo ano que se inicia como oportunidade de esperançar-agir em favor de um mundo mais humanizado, criar situações que nos aproximem e fortaleçam, e que nos permitam sonhar com dias melhores.

Mais a esperança é preciso juntar a consciência e a ação crítica porque a [...] esperança é necessária, mas não suficiente. Ela só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. (FREIRE, 1997, p.32).

Em consonância com essas palavras, vejo-me como educadora que desempenha importante compromisso social no momento em que vivemos. Há dúvidas, mas também temos certeza que precisam ser reafirmadas, lugares a serem ocupados. Busquemos, usando a voz e fazendo a voz do outro ser ouvida. A Educação que acredito e defendo, num momento de crise e isolamento, deve se ocupar da consciência e sensibilidade. De sabermos marcar posição frente a tudo que nos aconteceu e nos acontece, de modo crítico, pois só assim teremos condições de seguir em frente, nos mobilizando, não para dar resposta a tudo que nos acontece, mas sim para tentar construir outros modos de ser e estar no chão da escola.

Ao elaborar meu planejamento letivo, recuso-me a pensar nas sequências didáticas e nas páginas de tarefas a serem realizadas a cada semana, mês, bimestre. Incluo a esperança.

Penso em como propor momentos de escuta e de trocas com meus alunos e com meus colegas de profissão, inserir situações que valorizem práticas solidária, e responsável com e para o outro.

07/01/2021.

## Esperança mobilizadora

Angelina Vieira da Silva

Me movo como educador porque, primeiro me  
movo como gente  
(Paulo Freire)

Nesse ano de 2021, que celebramos o centenário de nascimento de Paulo Freire, sempre me atualizo com suas palavras.

Ano que iniciei com muitas indagações, como seria o regresso a escola, ao chão que me é muito caro, sigo reafirmando meu compromisso com uma educação inclusiva, que para além dos conteúdos, educadora da pequena Infância, vejo que o conhecimento compartilhado deve estar permeado daquilo que, enquanto pessoa e educadora, deva estar ciente que:

Ensinar, e enquanto ensino testemunhar aos alunos o quanto é fundamental respeitá-los e respeitar –me, são tarefas que nunca dicotomize. Nunca me foi possível separarem dois momentos o ensino dos conteúdos de formação e da ética dos estudantes. (FREIRE, 2006, p.49).

O que planejar? -a indagação me acompanha, ano que continuamos o distanciamento social, não por vontade própria, e sim como instinto de sobrevivência, para fazer frente ao vírus SARS-CoV-2, que já ceifou milhares de vidas, em meio ao caos instaurado por políticas do desgoverno negacionista que impera negando a vida.

Como sujeito e educadora todos os dias busco a humanização da qual faz parte da luta que é legítima, acreditando no caminho que nos conduzirá a dias melhores.

Ao planejar em meio a vários recursos que antes era coadjuvantes no ensino, as TICs, hoje entendo que as tecnologias passaram a ocupar centro educacional, talvez de maneira positiva. Parece-nos que as tecnologias se tornaram a principal ferramenta aliada a um planejamento reflexivo, principalmente nas circunstâncias que nos encontramos em tempos pandemia. Sobre os avanços tecnológicos, Freire nos alerta;

Usar a tecnologia e não ser usados ou manipulados docilmente como objetos por ela – não que a tecnologia tenha vida por si própria, mas ela pode ser usada para manipular e estar a serviço de uma concepção de mundo que não é emancipadora -, daí não podemos ser objetos de comunicados ou consumidores ávidos de pacotes tecnológicos. O educador, referindo-se à televisão, insiste que “devemos usá-la, sobretudo, discuti-la.” (FREIRE, 1996a, p. 51-52).

Na atualidade muito tem se discutido esse tema, o acesso as tecnologias, o que para muitos é inacessível, vivemos tempos sombrios, onde as mazelas da sociedade têm mostrado a sua face mais cruel, que a falta de acesso as tecnologias tornou-se assunto secundário. Para muitos a questão de primeira ordem, é a perda de moradia, emprego, alimento na mesa, entre outros. A discussão no âmbito educacional tornou-se mais urgente, como ajudar os alunos quando se encontram às margens do mínimo para prosseguir seus estudos, que perpassa todos os níveis da educação básica ao ensino superior.

Penso no pedagógico como forma de resistência e inclusão, e me posiciono em situações que fere esses princípios, vivemos em um momento que para muitos a escola, a educação, é o único canal de escuta das famílias que por vezes acredita no discurso do silenciamento, do

fatalismo. A escola e o educador buscam cumprir esse papel de desnaturalizar esse discurso do qual a sociedade está permeada sobre isso Freire diz que

Devemos ter uma prática democrática da escuta, independente da nossa prática pedagógica ser democrática ou progressista devemos ser coerentes a ela e desta forma estaremos abertos, atentos a uma prática da esperança justiça e abandonando o fatalismo. (FREIRE, 2006, p. 61).

Como educadora, me mobilizo em diálogo em um tempo e espaço que está em constante transformação dos sujeitos, que momentaneamente se encontra em espaços outros quando possível, seja virtual, ou presencial.

O espaço pedagógico é um texto a ser lido constantemente interpretado, escrito e reescrito, neste sentido, quanto mais solidariedade existir entre educador e educando no trato deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola. (FREIRE,2006, 49).

Esse espaço a ser “lido” evoca em mim através da escuta do outro, com o outro, que me vejo sujeito em constante aprimoramento de mim mesmo a ser compartilhado com esse outro.

21/06/2021

## Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996- 25. ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2006.



## Reinventar... na normalidade da exceção

Adriana Varani

Início do isolamento social (ou seria confinamento?) e fico inquieta: como fazer com as crianças, meus filhos, que estão 24 horas em casa, sem escola, sem atividades externas? Que atividades serão possíveis de serem realizadas?

Oriento todos sobre a necessidade de não brincar na rua... hora de ceder... as crianças foram para a rua. Orientações vão aparecendo “não pode entrar na casa do amigo”, “não pode encostar no amigo”. Vamos vendo a situação e percebe-se que estão muito perto... “então só podem brincar em cima da bicicleta e com máscara”. Recriam as formas de jogar em tempos de restrições. Olho pela janela... crianças sentadas em suas bicicletas andando pela rua, sempre distantes, com máscaras. Jogo é jogar bola em cima da bicicleta... uma espécie de queimada.

Ouço Krenak que nos leva a refletir que esta situação que vivemos não é uma situação limite, mas um momento de deslocamentos. Que pergunta que pode nos induzir... pensarmos na nossa condição de atores no mundo, de realizar um outro mundo possível, uma outra educação possível.

É possível pensar que podemos ter outra ligação com a natureza, colocando nela toda potência de nossa existência. Será que podemos ter uma vida sustentável, sem esta loucura de pensar o tempo como prospectivo, sem tê-lo como um futuro a ser buscado sem freio.

E as bicicletas carregando as crianças e as bolas num jogo mágico de recriação mostra que podemos inverter lógicas, podemos pensar em outras formas de viver...

Ouço Francesco Tonucci e sua forma de dizer sobre o que pode ser a escola nestes tempos: pode ser lugar de pensar as nossas condições, nossas histórias, olhar para nós, olhar para as nossas produções, para nossos laços... E penso na bicicleta

Volto à outra realidade...

Uma cena na fila do açougue, uma mãe encontra a professora do filho. Numa distância de 5 metros a mãe acena para a professora. A professora feliz acena para mãe e pergunta sobre o seu filho. Mãe, ironicamente, responde que está sofrendo para estudar em casa. A professora diz que realmente não é a mesma coisa estudar à distância. Presencialmente ela pode tirar as dúvidas na hora. E afirma: mas eu estou fazendo uns vídeos para explicar conteúdo. Está sendo difícil, mas estou aprendendo a gravar.

A outra imagem de professores... grupo de professores tentando conseguir cesta básica para as famílias dos alunos das escolas onde atuam, porque o imediato é poder viver. E o imediato da nossa ação é responder responsivamente às necessidades daqueles que estão conosco cotidianamente. Cadê o conteúdo para estes? Cadê o direito à educação para estes alunos? Já não o está garantido em contextos de suposta normalidade.

Na normalidade da exceção de Boaventura de Sousa Santos “a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade”.

27/04/2020

## Releitura

Adriana Varani

Releio a escrita elaborada em abril de 2020 e fico a me perguntar por quais caminhos me enredei neste intervalo e como as palavras me invadem. Num movimento de estranhamento volto ao Krenak, especialmente quando penso na primeira imagem, e lembro o seu alerta de que estamos levando um checkin do planeta. Tudo o que conquistamos não estão sendo necessariamente suficientes para nós. Não podemos ter respiradores, mas temos a produção de dinheiro para ser investido em carros luxuosos...

Poderíamos ter visto na pandemia um momento de reinvenção do mundo, e aqui queria dizer da reinvenção das infâncias, da reinvenção da educação. Não sei se reinventamos. Uma onda nostálgica me invade novamente.

Um ano após a escrita, estamos em pleno processo de vacinação, os números de caso e morte caíram. Ainda precisamos tomar os cuidados necessários, mas há uma abertura necessária e possível.

Quando me vejo na imagem da conversa entre a professora e a mãe na fila do açougue, fico a imaginar como nos perdemos na produtividade. Escolas particulares invadindo as aulas à distância, as plataformas com conteúdo, com gravações de vídeo-aula repletas de explicações... como resposta ao valor pago mensalmente pelas famílias e da necessidade de entregar “o produto” para os clientes consumidores do direito educacional. Mas direito é um produto a ser comercializado? Educação é um direito. No arrefecimento da pandemia e volta às aulas presenciais, o produtivismo escolar em que educação é

mercadoria e agora uma mercadoria plataformizadas, se incorpora ao campo educacional.

E retomo o episódio da professora tentando organizar as explicações de conteúdo, lembro do mestre explicador de Ranciére... por que acreditamos que explicações são suficientes para promover aprendizagens? Que experiência de vida é problematizada na explicação?

E conseqüentemente, que concepção de conhecimento carrega a ideia do conteúdo escolar a ser transmitido? Conhecimento é resultado da problematização da vida, da indagação para o mundo. O mundo da vida e o mundo da cultura devem se encontrar na escola e este encontro se faz pela indagação, pela curiosidade epistemológica como lembra Paulo Freire. E não por um conteúdo descontextualizado, previsto na BNCC e por isso obrigatório. Como recriar o que se prevê em currículos previamente definidos? A ênfase neste conteúdo descontextualizado é parte do produtivismo da escola e da ideia da educação como mercadoria.

Olho novamente para a imagem e me remeto aos dados produzidos sobre a educação neste tempo pandêmico. Pesquisa do CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação) com aproximadamente 16000 professores das diferentes regiões brasileiras realizada em junho de 2020, analisada por Oliveira e Pereira Júnior (2020) mostra que, no campo dos recursos tecnológicos.

A parcela de professores que não os possuem é de 17,4%, ao passo que atinge 66,2% entre os estudantes (Gráfico 2). Em outras palavras, cerca de dois em cada três estudantes não dispõem de recursos tecnológicos para acompanhar as aulas a distância. (p.371)

Ou seja, 2 a cada 3 estudantes não tem acesso à recursos tecnológicos para estabelecer algum vínculo com a escola durante o tempo de ausência de trabalho presencial decorrente da pandemia de COVID-19. A concentração desta ausência está

nas regiões como Norte e Nordeste, segundo a pesquisa. A suposta normalidade da exceção está aqui representada. Numa sociedade desigual, estes números se intensificam em tempos de pandemia, intensificam uma exclusão já existente. E enfatizo “suposta normalidade”, pois não assumo esta exclusão é normal. Se a normalizamos estamos partindo do pressuposto que ela não precisa ser alterada.

Passado mais de um ano desta pesquisa e com a volta presencial que está a ocorrer durante a escrita deste texto (setembro de 2021) de forma diferenciada nas diversas regiões brasileiras e também de forma mais ainda diferenciada no tipo de escola (pública ou privada), penso sobre quais os efeitos nas aprendizagens das crianças, jovens e adolescentes. Efeitos que podem também estar na ordem da evasão/exclusão dos estudantes decorrente das condições econômicas desiguais que se acirraram nestes tempos.

Talvez ainda precisemos de mais pesquisas e reflexões sobre o que este período causou na saúde mental dos professores. Vários estudos sobre Síndrome de Bournout vem sendo realizados por conta de um número importante que diz respeito à percepção por parte dos docentes, sobre o aumento da carga horária. Na mesma pesquisa do CNTE, 82% responderam que tiveram aumento na carga de trabalho

Também quero trazer para a roda que as formas de reinvenção foram diversas, professoras e professores à revelia das políticas produziram formas diversas de encontro com as crianças e criaram, produziram, estudaram para potencializar o acesso possível às crianças, jovens e adolescentes. Há um compromisso que vai se pautando, vai sendo presente, como forma de re-existir da classe trabalhadora da educação. E a experiência de estar com as professoras no GRECOTIDIANO, foi me mostrando a re-existência.

A cada narrativa postada no nosso grupo, a cada enredamento de conversa, a cada fio puxado sobre o que estavam a fazer, como estavam a fazer, sobre as artes de

fazer, produzia em mim, formas de esperança, formas que indicam encontros coletivos e a constante luta política para superação dos dados que se apresentaram de intensificação da precariedade do trabalho no contexto pandêmico.

Estas questões me invadem, me formam e repercutem em minha atuação como professora do ensino superior. Olho para elas e me vejo no diálogo com os cotejamentos possíveis neste intervalo, que produzem um olhar a mais... um olhar sobre o que eu posso aprofundar no que vejo imediatamente, que podem contribuir para um olhar menos simplista e mais, mais, mais...

Encerro minha escrita releitura com Bakhtin (2019, p. 51)

não sou eu que olho o mundo de dentro com os meus próprios olhos, mas sou eu que olho a mim mesmo com os olhos do mundo, com os olhos alheios. Dos meus olhos olham os olhos alheios.

O exercício de releitura é uma conjugação de olhares visto pelos espelhos que refletem e refratam o que nos tornamos, o que compreendemos provisoriamente do mundo. Escrever, circunscrever, pensar, dialogar é um passo necessário em nosso processo formativo.

Setembro de 2021.

## Referência

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho**. Apontamentos dos anos de 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

OLIVEIRA, D. A. e PEREIRA JÚNIOR, E. A. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. In: **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>

## Minibiografias das(os) autoras(es)

**1. Adriana Alves Fernandes Costa** - Sou uma mulher da classe trabalhadora brasileira que se fez professora: em forma de ensaio e brincadeiras, na infância, e depois como profissão desde 1998. Meu chão de atuação é a escola e a universidade pública. Tenho gosto pela docência porque ela é vida para mim, porque é a forma radical - mais viável que encontrei - para mudar o mundo. Tenho gosto pelo ato de *aprenderensinar* porque tudo que sou e sei foi desenvolvido assim. Meus inacabamentos me movimentam em forma de práxis.

**2. Adriana Varani** – Desde pequena sou professora (inicialmente das amigas) e fascinada pelo mundo da educação escolar, de tal forma que me enredei pela formação no magistério e depois em Pedagogia pela Unicamp. Uma educação mais libertadora, mais coletivizada, popular e mais democrática foi me levando a procura por intensificar minha formação, sempre inconclusa como lembra Paulo Freire. Fiz mestrado e doutorado em educação no campo das metodologias e práticas pedagógicas. Atualmente sou coordenadora do Grecotidiano, membro do grupo de pesquisa LOED e professora da Faculdade de educação da Unicamp. Mas os riscos e as ligações são maiores que as institucionais, vamos nos encontrando com tantos outros grupos e educadores deste mundão, que não caberiam nestas linhas.

**3. Adalberto Bento** – Mestre em Ciências da Motricidade pela UNESP - campus Rio Claro; Licenciado e Bacharel em Educação Física pela UNICAMP. Leciona na Educação Básica desde 2000. Docente do Instituto Federal de Educação,

Ciência e Tecnologia de São Paulo - campus Sorocaba com atuação nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio e, na graduação, no curso de Licenciatura em Pedagogia.

**4. Aline Aparecida Akamine** – Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2012). Possui pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia pela Faculdade Anhanguera Educacional (2010). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (2007). Realiza trabalhos na área da educação com o foco na formação inicial de professores e cotidiano escolar. Participante do GRECOTIDIANO – Grupo de estudos do Cotidiano Escolar e LOED -FE/UNICAMP. Atuou como docente no curso de Pedagogia (PARFOR) da Puc-Campinas de 2012 a 2014 e na Faculdade Anhanguera de 2012 a 2015. Atuou como professora de Educação Infantil no município de Campinas de 2009 a 2019, e atualmente atua como vice-diretora educacional na Prefeitura Municipal de Campinas.

**5. Andrea Evaristo Macedo de Paulo** – Pedagoga desde 2008 Unicamp. Pós- Graduação, coordenação pedagógica e planejamento 2021. Professora da rede municipal de Hortolândia.

**6. Angelina Vieira da Silva** - Graduada em pedagogia pela instituição Rede Anhanguera FAC-4, Campinas SP. Pós-graduada em Ludicidade na Educação Infantil e contação de História. Atualmente, professora titular de Educação Infantil no município de Monte Mor/SP. Participo do GRECOTIDIANO-Grupo de Estudos do Cotidiano Escolar desde o primeiro semestre de 2020, onde tenho me fortalecido através das trocas sempre em diálogo com o outro.

**7. Ana Carolina Gonçalves** – Pedagoga, PEB II, na rede Municipal de Campinas. Atualmente lecionando no

componente curricular Cultura, Identidade e Lugar - CIL na EMEFEI Padre Francisco Silva. Tutora do programa PESCO (Pesquisa e conhecimento na escola). Participante do grupo Grecotidiano, da Unicamp. Feminista Preta, considera fundamental o debate sobre a negritude e a valorização da cultura dos povos originários.

**8. Ana Flávia Valente Teixeira Buscariolo** – Doutoranda em Educação na área de Ensino e Práticas Culturais, grupo LOED, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Educação na área de Psicologia Educacional (2015) e Graduada em Pedagogia (2004) pela mesma universidade. Atua como professora-alfabetizadora na EMEF Edson Luís Lima Souto, da rede Municipal de Campinas. Coordena o grupo de trabalho sobre Pedagogia Freinet nesta mesma rede. É membro da diretoria da REPEF - Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet, filiada à FIMEM - Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna. Como pesquisadora, interessa-se pelos estudos que envolvem os processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita, numa perspectiva discursiva, pelo trabalho de formação de professores e por práticas pedagógicas pautadas no referencial freinetiano.

**9. Cristina Maria Campos** – Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Mestre e Doutora, pela Faculdade de Educação da UNICAMP, pesquisadora do GEPEC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada e integrante do GRECOTIDIANO – Grupo de Estudos do Cotidiano Escolar, ambos da mesma universidade. Foi alfabetizadora em toda a sua carreira na Secretaria Municipal de Educação Campinas. Possui experiência na área de Educação Informal com crianças e adolescentes. É organizadora de livros para professores e autora de artigos na área de educação. Foi Bolsista da Capes na

Universidade Milano-Bicocca, Itália, sob orientação da Professora Doutora Lilia Andréa Teruggi. Publicou os livros: Que Brincadeira é Essa?, A Memória do Bebê; O 1º Ano e a História da Escrita; Terra: o nosso planeta água; Os animais da APA de Joaquim Egídio e Sosas; O Angelanário; todos livros feitos com crianças do 1º ano em processo de alfabetização. Organizadora dos livros: Pipocas Pedagógicas I, II e III, em parceria com o Professor Doutor Guilherme do Val Toledo Prado. Autora do livro: Crônicas do Chão da Escola.

**10. Elaine Cristina Panini Messa** – Sou formada em pedagogia pela FAC 3, Campinas. Especialista em psicopedagogia, sempre procuro estudar para entender como a criança aprende e qual a importância da escola na vida dos alunos. Atuo como professora dos anos iniciais da rede municipal de Campinas. Integrante do grupo de estudos Grecotidiano que estuda o trabalho pedagógico e sua organização curricular para uma educação de formação humana integral, bem como potencializar o processo de formação coletiva.

**11. Elizabeth Rossin** – Mestre em Serviço Social pela PUCSP, assistente social aposentada da Prefeitura Municipal de Campinas, atuo como supervisora institucional da rede socioassistencial privada e pública do Sistema Único de Assistência Social – SUAS/Campinas. Componho o Grecotidiano desde 2016 porque acredito nas dimensões educativas da emancipação humana.

**12. Érika Barreira Righi** – natural de Campinas - SP. Graduada em Pedagogia pela UNICAMP, mestranda na área de Avaliação, Currículo e Docência com o projeto intitulado “Estudo dos sentidos produzidos pelos estudantes no cotidiano de uma escola técnica pública bem avaliada no município de Campinas.”

**13. José Antônio de Oliveira** – Professor aposentado de Ciências e Biologia, da Rede Municipal de Ensino de Campinas, SP, com Mestrado em Educação pelo GEPEC-Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada, da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp- FE, na Área de Ensino, Avaliação e Formação de Professores. Participou como Professor Pesquisador no Projeto: Trabalho Integrado na Escola Pública- Participação Político Pedagógica, Processo FAPESP N°2005/02475-0, projeto esse proposto pelo Laboratório de Gestão Educacional (LAGE), da FE-Unicamp, desenvolvido na EMEF "Professor Vicente Ráo", nos anos de 2006 a 2009. Do ano de 2010 a 2017, priorizou o trabalho na EJA- Educação de Jovens e Adultos, na Rede Municipal de Campinas, com foco na compreensão das relações entre currículo, formação e histórias de vida, na construção de práticas coletivas de inclusão no cotidiano da escola. Aposentou-se no final do ano de 2017 e desde 2018 participa do grupo de Estudo e Pesquisa Gre-Cotidiano, em suas atividades de estudos e pesquisas sobre os desafios que se colocam à formação do professor(a) na complexidade do cotidiano escolar, tendo em vista o alcance de uma Educação Integral, especialmente no âmbito da Escola Pública. Atualmente mantém vínculo como Professor Eventual na E.E. Antônio Carlos Lehman, localizada na Região Noroeste da Cidade de Campinas, SP, onde desenvolve projetos com professores e alunos, visando a inclusão, construção de afetividades e vínculos, a partir de uma Horta Pedagógica construída nos espaços da escola. E-mail: joseaoliveira1959@gmail.com

**14. Juliana C.C. Buldrin Baiocchi** – Pedagoga, mestre em educação pela Unicamp, Orientadora Pedagógica na rede municipal de educação de Campinas

**15. Magda Aparecida Teodosio Ribeiro** – natural de Teófilo Otoni - MG. Graduada em Ciências Sociais e Geografia, pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos. Professora de Geografia na rede estadual (Ens. Fundamental e Médio) e na rede municipal de Campinas (Ens. Fundamental e EJA), coordena dois projetos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié (“Desafios Encontros e Caminhos nos percursos educacionais” e “#papodemenina”)

**16. Marcia de Oliveira Soares** – Tal qual como as crianças e Manoel de Barros, meu fascínio é pelos despropósitos. Antes da chegada, há tantas bonitezas para apreciarmos pelo caminho. Nas perguntas dos pequenos, aprendo sobre filosofia e as riquezas da vida. O foguete voa como? De onde vem as luzes? Professora solta pum? São eles que me mostram quanta beleza há no ato de pesquisar, no olhar das crianças vive o inédito, o que está prestes a ser desvendado. Sou professora, pedagoga, especialista em educação e, agora, mestranda. Cada diploma foi conquistado com dedicação e luta. Tenho muito orgulho deles, mas ousar dizer que tudo que aprendo com as crianças e no chão da escola, não cabe dentro destes papéis. Neste percurso de formação, estou aprendendo a ter coragem para escrever, tenho arriscado caminhar nesta estrada de autoria docente e tenho me encantado com a possibilidade de produzir conhecimento, partindo da experiência. [mosoares@unicamp.br](mailto:mosoares@unicamp.br)

**17. Maria Natalina de Oliveira Farias** – Mestre em Educação pelo GEPEC – Grupo de estudos em educação continuada, Faculdade de Educação, Unicamp. Participante do Grupo de terça, GEPEC e Grecotidiano. Graduada em Pedagogia pela Puccamp – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Atuei na docência, coordenação pedagógica e direção

escolar por 25 anos na rede pública estadual e municipal.  
natalinafarias2203@gmail.com

**18. Marjorie Mari Fanton** – Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Sumaré/SP. Licenciada em Pedagogia e Letras pela UNESP – ASSIS. Mestranda em Educação Escolar pela UNICAMP. Participante do GRECOTIDIANO – Grupo de estudos do Cotidiano Escolar e LOED -FE/UNICAMP. Email: marjoriemf@hotmail.com

**19. Mateus Henrique do Amaral** – Encantado pelas tessituras cotidianas constitutivas e constituídas nas/pelas relações de ensino na escola, sou professor de Língua Portuguesa nos anos Finais do Ensino Fundamental e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Participo dos encontros do Grecotidiano desde o primeiro semestre de 2020.

**20. Patrícia Forchezatto Stevanatto** – Professora de Arte nas redes pública e privada de ensino, da cidade de Campinas-SP, com especialização em Arte Educação e Relações Étnicas Raciais na escola – UFSCar. Estuda e desenvolve projetos e experiências no campo da linguagem fotográfica. Um movimento de aproximação e afastamento que revelam a poética do cotidiano escolar.

**21. Rosângela Cristina Rodrigues dos Santos** é licenciada em Pedagogia (UNESP, 2005). Atua como professora na educação pública desde 2007, sendo 2 anos no ensino fundamental e 12 anos na educação infantil da rede municipal de Campinas. Pós-graduada em Educação para Inserção Social (IFSP) e Ética, Cidadania e Valores na Escola (USP/Univesp). Email: rosangelacrs@hotmail.com

**22. Thais Lemi Souza** – Jundiaense, porém moradora da Moradia da UNICAMP, estou me graduando em Pedagogia pela UNICAMP, mas sabendo que a formação não acaba ao concluir o curso. Atualmente trabalho na rede privada, aprendendo e vivenciando a Pedagogia Freinet pela experiência na escola e principalmente no relacionar-se com as crianças.

**23. Viviani Domingos Castro** – licenciada em Pedagogia (UNESP, 2004). Mestre em Educação (Faculdade de Educação - UNICAMP). Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública desde 2004. Participa do Grupo de Estudos Grecotidiano/Unicamp e é membro da Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet. (REPEF). Email: [vivianidcastro@gmail.com](mailto:vivianidcastro@gmail.com)



pedregos  
176 ANOS  
1844-2020

ISBN 978-65-5869-702-2



9 786558 697022